

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

"O RIO DE JANEIRO É UMA CIDADE EM GUERRA"

CARLOS CONSOLMAGNO JUNIOR

TORTURA E VIOLÊNCIA URBANA EM

TRUPA DE ELITE

(2007)

Uberlândia
UFU / 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CARLOS CONSOLMAGNO JÚNIOR

“O RIO DE JANEIRO É UMA CIDADE EM GUERRA”:

**TORTURA E VIOLÊNCIA URBANA EM
TROPA DE ELITE (2007)**

UBERLÂNDIA
2013

CARLOS CONSOLMAGNO JÚNIOR

“O RIO DE JANEIRO É UMA CIDADE EM GUERRA”:

**TORTURA E VIOLÊNCIA URBANA EM
TROPA DE ELITE (2007)**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial obrigatória para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto César de Noronha

UFU
2013

CONSOLMAGNO JR, Carlos (1986 -)

“O Rio De Janeiro é uma cidade em guerra”: tortura e violência urbana em Tropa de Elite (2007)

Carlos Consolmagno Júnior – Uberlândia, 2013.
116 fls.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto César de Noronha

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras-Chave: Tropa de Elite – Segurança Pública – Criminalidade – Violência Policial – Guerra

Capa de Rogério Martins Freitas.

CARLOS CONSOLMAGNO JÚNIOR

CONSOLMAGNO JR, Carlos. **“O Rio De Janeiro é uma cidade em guerra”**: tortura e violência urbana em Tropa de Elite (2007). 116 f. 2013. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof.^a Dr.^a Priscila Piazzentini Vieira
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

*Pintou sujeira alô malandragem maloca o flagrante
A canadura chegou com sargento, tenente e seu comandante*

*Caguetaram que tinham malandro aqui de montão
Os tiras vieram munidos
De matraca, escopeta e pastor alemão
Quem marcar bobeira vai ser grampeado
E depois terá que explicar tudo certo ao doutor delegado
Não vai dar pra dividida
Esconde a muamba e sai batido
Quando o malandro é de verdade
Na briga não gosta de sair ferido
Não vai dar pra dividida
Esconde a muamba e sai batido
Quando o malandro é de verdade
Na briga não gosta de sair ferido*

Pintou sujeira alô malandragem maloca o flagrante...

Bezerra da Silva
Malandragem Maloca O Flagrante

AGRADECIMENTOS

Este projeto só tomou corpo e foi realizado devido às contribuições de muitas pessoas. Duas delas merecem um destaque especial, pois foram cruciais à pesquisa. Carlos Consolmagno, que não só financiou e apoiou – mesmo quando o final desta parecia incerto – como se envolveu na pesquisa apresentando o repórter Amaury Ribeiro Jr (jornalista investigativo especializado no tema dos Direitos Humanos, ex-repórter do jornal *O Globo*, atualmente trabalha para emissora de televisão Record) que concedeu entrevista auxiliando, com sua experiência, a compreensão da macrocriminalidade a qual este trabalho se remete. Contudo a entrevista não foi citada diretamente, pelo fato de que, nos últimos anos, sua atuação foi em São Paulo. Sendo assim, sua contribuição serviu apenas para entender a dinâmica do conflito analisado neste trabalho.

A outra pessoa que teve papel fundamental foi Talitta Tatiane Martins Freitas, que não só apoiou o projeto desde o momento que teve contato, como foi essencial nas indicações de leituras, correções gramaticais, *design*, diagramação e arte, além de incentivar e, em alguns momentos, sendo exigente, tal qual uma legítima coorientadora do projeto. À seu irmão Rogério Martins Freitas que prontamente elaborou a arte da capa.

Não só estas pessoas contribuíram para o projeto. O futuro advogado Thiago Oliveira Santos revisou e auxiliou na compreensão dos textos jurídicos analisados durante a pesquisa. O tenente Frederico Augusto Marques Faria, da PMESP (Polícia Militar do Estado de São Paulo), sua paixão incondicional pela força policial e seu compromisso com a Segurança Pública foram nevrálgicas para entender a posição dos policiais que ainda possuem respeito à Constituição Federal e pretendem exercer, em seu ofício, um trabalho de Segurança e não de combate, o que não torna a vida destes menos complicadas. O constante apoio de Lia Cristina Ribeiro, que também revisou as traduções

Esta pesquisa deve em muito ao trabalho de todos os professores que o orientaram ao longo da sua trajetória. O Prof. Dr. Alcides Freire Ramos contribuiu com as primeiras leituras sobre cinema. Posteriormente, a Prof.^a Dr.^a Ana Paula Spini que com muita paciência orientou as leituras que determinou a escolha metodológica abordada. Nas etapas finais, com o tema já escolhido, as críticas da Prof.^a Dr.^a Mônica Brincalepe Campo foram essenciais para ordenação e afunilamento da pesquisa. Por último, ao corajoso Prof. Dr. Gilberto César Noronha que aceitou orientar o projeto em meio ao semestre conturbado de greve e que o acompanhou até o final da execução.

Este projeto é grato a todas essas pessoas que contribuíram. À banca que prontamente aceitou o convite, assim como a todos familiares e amigos que acreditaram e apoiaram sua realização.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o filme *Tropa de Elite* (José Padilha, 2007), para compreender o significado do termo “guerra” empregado nas falas das personagens, assim como as transcodificações dos discursos presentes, a fim de traçar paralelos entre a ficção e o conflito de alto índice de morticínios na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, foi necessário analisar o contexto de produção da obra, assim como a trajetória de seu diretor e da produtora Zazen. Destarte, foi analisada também a recepção da obra cinematográfica, levando-se em consideração a repercussão tanto da terceira edição que foi roubada e circulou no mercado informal, como a obra final propriamente dita. Ambas tiveram uma incrível aceitação e identificação com o público brasileiro.

Palavras-Chave: Tropa de Elite – Segurança Pública – Criminalidade – Violência Policial – Guerra

ABSTRACT

This research has as object the film *Tropa de Elite* (José Padilha, 2007), to understand the meaning of the term “war” used in the speeches of the characters, as well as transcoding of discourses presents in order to draw parallels between fiction conflict and the high rate of slaughtering in the city of Rio de Janeiro. Therefore, it was necessary to analyze the context in which the movie emerges as like the trajectory of its director and producer Zazen. Thus, it was also traced the reception of cinematographic production, considering the impact of both, the third edition that was stolen and circulated in the informal market, as the final work itself. Both had an incredible acceptance and identification with the Brazilian public.

Keywords: Tropa de Elite – Public Safety – Crime – Police Violence – War

SIGLAS E ABREVIACÕES

ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada

APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte

BOPE-RJ – Batalhão de Operações Especiais do Rio de Janeiro

CC– Campo de Concentração

CF – Constituição Federal

COM – Código Penal Militar

CP – Código Penal

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CPM – Código Penal Militar

DRACO – Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas

Embrafilme– Empresa Brasileira de Filmes

EUA – Estados Unidos da América

FEBEM – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

LC – Lei Complementar

MPA – Motion Pictures Association

NuCOE – Núcleo da Companhia de Operações Especiais

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PM – Polícia Militar

PMRJ– Polícia Militar do Rio de Janeiro

PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SAMES– Serviço de Arquivo Médico e Estatísticas

SUMÁRIO

Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Siglas e Abreviações.....	VIII
Introdução.....	01
Capítulo I: “Retomada” do cinema 1990: breve análise do contexto cinematográfico atual.....	08
1.1 – <i>Tropa de Elite</i> um projeto Zazen Produções.....	16
1.2 – José Padilha, diretor documentarista, crítica aos problemas sociais nacionais.....	20
Capítulo II: <i>Tropa de Elite</i> O Rio de Janeiro, vive um Estado de Exceção?.....	24
2.1 – O que é guerra em <i>Tropa de Elite</i> ?.....	30
Capítulo III: Corrupção e Violência Policial em <i>Tropa De Elite</i> : O Nascimento De Um (Anti)Herói.....	44
3.1 – Personagens Principais, Bastidores e Heroicização do Capitão Nascimento	59
Capítulo IV: Divulgação, Distribuição e Recepção do filme <i>Tropa de Elite</i>	69
4.1 – Distribuição e recepção de <i>Tropa de Elite</i> pós-estreia.....	79
Considerações Finais.....	95
Referências Bibliográficas.....	105

INTRODUÇÃO

Porque antes de existir o tráfico a polícia quando entrava na favela ela já entrava metendo o pé na porta da sua casa, já vinha quebrando tudo então essas armas quando entraram na comunidade através do tóxico fez com que eles entrassem com mais cautela, entendeu? [...] eles andam com medo porque tá sabendo que essa nova geração, essa juventude, eles tem o espírito suicida, eles não querem saber se vão morrer, ou se vão matar. Eles querem defender a comunidade dessa entrada violenta da polícia... é o lado bom das armas.

Janete – *Notícias de uma guerra particular*¹

Existe no Brasil um conflito social demarcado pela violência policial, comumente localizado nos espaços em que ocorre a exclusão social, vulgo “favelas” ou aglomerados subnormais – conforme nomenclatura do IBGE.² Após a entrada de entorpecentes, esses espaços passaram a ser preferenciais para a distribuição e venda de drogas ilegais. Não obstante, é palco também do tráfico de armas, crucial para a sobrevivência e manutenção da distribuição das drogas.

Neste sentido, a sensação de “insegurança pública” é recorrente, como fica explícito na fala de Janete, ao ver algo positivo no narcotráfico. A entrada das armas nessas comunidades são vistas também como uma forma de defesa/proteção contra o poder repressivo da polícia, afinal são recorrentes os abusos e a violência policial nessas localidades. Além das péssimas condições de vida, dada à falta de saneamento básico, água encanada e frágeis construções habitacionais, são submetidos à violência tanto por parte do Estado quanto da própria criminalidade, como a mesma moradora aponta (em momento posterior) ao falar da parte ruim das armas.

A ideia de que a violência cometida pelos criminosos como um ato de resistência está presente não apenas na percepção dos moradores das favelas como também em estudos acadêmicos, por exemplo, o historiador Luís Mir que considera tais

¹ No ano de 1997-1998, Janete moradora de favela depoente ao documentário: **Notícias de uma guerra particular**. 1999 dir. Kátia Lund e João Moreira Salles, Vídeo Filmes, DVD, transcrito. trecho: 00:06:55 min até 00:07:43 min.

² IBGE. Aglomerado Subnormal no Censo Demográfico 2010 (Definição). **Censo Demográfico 2010 – Aglomerados Subnormais (Primeiros Resultados)**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão 2010, p. 26. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_aglomerados_subnormais.pdf>. Acesso em: 25 maio 2013.

práticas como uma rebelião social: “Eles não se isolaram unilateralmente, como sujeitos históricos ininterruptamente invisíveis. São complexas e múltiplas as causas dessa rebelião social”.³ Contudo, no polêmico filme *Tropa de Elite*⁴ o discurso é invertido. A violência policial é retratada como uma ação de resposta à criminalidade e, em nome de uma política de combate,⁵ impõe-se um estado de exceção aos moradores dos aglomerados subnormais.

Após os anos de 1990, período contextual do enredo de *Tropa*, a alta rentabilidade do comércio ilegal de entorpecentes, e igualmente a alta capacidade de corrupção das instâncias políticas e policiais do país proporciona um cenário de forte armamento bélico, tanto por parte dos criminosos quanto da polícia, que tem gerado um conflito de enorme mortalidade.

É urgente discutir a segurança pública no Brasil, levando-se em consideração sua ineficácia e ineficiência não apenas na proteção do “cidadão do asfalto” como pelos traumas causados às populações segregadas, resultado da violência diária e da vivência nesses locais em que as “estratégias de guerra” são utilizadas recorrentemente. Este debate foi fortemente suscitado pela obra *Tropa de Elite* e é também objeto deste estudo. Para além de verificar as questões sociais e políticas com as quais a película poderia ser relacionada, também se busca compreender os textos e discursos imagéticos mobilizados pela obra, entendidos enquanto códigos que traduzem valores tradicionais e políticos contidos no filme. A análise sobre a urgência da mudança frente à situação caótica em que se encontra a segurança pública brasileira, ou órfãos⁶ dela, bem como a reflexão sobre a grande mortalidade causada pelo conflito ganharam fôlego sob a luz dos estudos do médico Luís Mir, obra mister para a elaboração desta pesquisa.

As formas dessa cultura são intensamente políticas e ideológicas, e, por isso, quem deseje saber como ela incorpora posições políticas e exerce efeito políticos deve aprender a ler cultura da mídia politicamente. Isso significa não só ler essa cultura no seu contexto

³ MIR, Luís. **Guerra Civil**: Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 145.

⁴ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD.

⁵ Será detalhada esta política no segundo capítulo.

⁶ Alba Zaluar, em editorial a Folha de São Paulo no final de semana da pré-estreia no Rio e SP, utiliza o termo órfãos ao descrever a identificação do público com os “impolutos policiais do Bope”, tidos em sua crítica como “salvadores dos cidadãos indefesos”: “Também não há como negar que o público pode se deixar levar pela admiração aos impolutos policiais do Bope. A identificação com eles e a esperança de que sejam os salvadores dos cidadãos indefesos e órfãos da segurança do Estado é inevitável. Para isso, não há nenhum alerta ou saída”. ZALUAR, Alba. Entre a Lei e a Guerra. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 08 out. 2007.

sociopolítico e econômico, mas também ver de que modo os componentes internos de seus textos codificam relações de poder e dominação, servindo para promover os interesses dos grupos dominantes à custa de outros, para as ideologias, instituições e práticas hegemônicas, ou para conter uma mistura contraditória de formas que promovem dominação e resistência.⁷

Com o auxílio dos estudos multiculturalistas de Kellner, um dos objetivos desta pesquisa é compreender os elementos iconográficos e ideológicos utilizados no cinema, que para alguns críticos legitimam o abuso de poder policial e para outros são tidos como uma grande ferramenta de debate sobre questões sérias. Neste estudo, a tentativa é de elucidar os discursos postos em disputa. Para tanto, a análise teve que ser ampla (com os recursos que a pesquisa permitirem), delineando as dimensões do conflito retratado, passando pela corrupção, criminalidade e a violência policial, afim de também entender o significado de guerra, repetidamente citada nas falas da personagem principal e narradora do filme.

A razão pela escolha de um estudo sobre História e Cinema se deu pela trajetória deste estudo. Em 2007, durante a disciplina de Estudos Históricos I, ministrada pelo Prof. Dr. Alcides Freire Ramos, foi despertado o interesse pela relação entre História e ficção. A despeito de ser o mesmo ano do lançamento do filme *Tropa de Elite*, todavia o estudo não teve início com a sua análise e sim de duas obras filmicas de Clint Eastwood, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Porém o projeto não vigorou. Em 2009 houve uma mudança na temática e na temporalidade. Assim o contexto passou a ser a *Era Bush*, ainda problematizando a relação EUA versus Oriente.

No que concerne à história recente, um dos problemas mais comuns ao tratar essa temporalidade é a ausência de fontes. Como a pesquisa necessitava de dados militares estadunidenses e ainda não havia o afastamento temporal necessário para o acesso a eles, tornou-se inviável sua elaboração.

A falta de fontes barrou uma parte desse processo de pesquisa, contudo o fio condutor e as temáticas “cinema e guerra” sempre permaneceram, assim como o desafio de estudar o tempo presente também permaneceu. A primeira opção foi analisar o documentário de Michael Moore *Fahrenheit 9/11* (2004), com vistas a estabelecer um estudo sobre terrorismo e cinema. Com o tempo, o objeto de pesquisa foi alterado para a

⁷ KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – estudos culturais identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001, p. 76.

ficção de José Padilha *Tropa de Elite*. Contudo ainda permaneceu como um estudo preocupado com a temática sobre “terrorismo e cinema”.

Michel de Certeau, em seu livro **A Escrita da História**, propõe pensar o ofício do historiador enquanto inquietações do presente, afinal, independentemente do período estudado, são as perguntas feitas no presente do historiador que direcionam seu olhar para o passado. “Assim, fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas”.⁸

O Paradoxo da terminologia entre o ‘presente’ e o estudo da ‘ciência do passado’ deixou de ser uma barreira para o desenvolvimento deste estudo, pois a proximidade temporal entre o objeto e a pesquisa aqui apresentada não inviabilizou a sua elaboração.

No rodapé desse entrave encontra-se a velha crença de que é necessário haver uma distância entre o historiador e o seu objeto de estudo, e que somente esse recuo no tempo permitirá uma ‘objetividade’. No entanto, não há dúvidas de que acontecimentos traumáticos como a Segunda Guerra Mundial e o genocídio nazista tornaram necessárias a emergência de uma história do tempo presente, uma vez que os homens foram chamados a tentar explicar suas realidades. Desde então, a História imediata tem ganhado legitimidade, pelo reconhecimento da sua pertinência e credibilidade.⁹

Tropa obteve grande sucesso nas bilheterias. Sua massiva adesão popular proporcionou uma gama exaustiva de produções, desde pequenas notas de leitores (espalhadas pelos principais periódicos do país, em resposta ao filme) até críticas extensas feitas por seus colunistas, bem como por autores de artigos acadêmicos em veículos especializados. Pela internet, propagou-se de forma quase viral, tornando-se assunto de acirrados debates. Nesses materiais, observa-se a existência de entrevistas ou trechos de entrevistas com atores, diretores e/ou roteiristas, sujeitos estes que participaram efetivamente do debate suscitado pela estreia de *Tropa de Elite* nos cinemas.

Vislumbrando o acesso a fontes e a importância de estudar um dos conflitos mais lúgubres experimentado pela História brasileira, a pesquisa centrou-se no contexto

⁸ CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 45.

⁹ FREITAS, Talitta Tatiane Martins. **Por entre as coxias: a arte do efêmero perpetuada por mais de Sete Minutos**. 175 f. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010, f. 06.

do Brasil entre 1990 e 2010, período da chamada “Retomada” do cinema nacional e da exibição da série de filmes *Tropa de Elite*. Com o auxílio dos estudos de historiadores, advogados, sociólogos, antropólogos, médicos, psicólogos, jornalistas e economistas, fez-se a problematização do contexto em que a obra está inserida, o processo de produção, montagem, distribuição e sua repercussão. A grande aceitação do filme só é compreensível através de uma análise sobre a sociedade brasileira, a qual não serve apenas de cenário, mas ao mesmo tempo suscita reflexão pela associação feita entre a ficção e a realidade vivenciada fora das telas. A delimitação temporal também se justifica por ser o momento por excelência em que os materiais elencados nessa pesquisa foram produzidos.

Dessa forma, a compreensão sobre a produção cinematográfica deve ir além de seu valor artístico, abarcando também seus meios produtivos – igualmente importantes na configuração industrial, inserido no mercado enquanto atividade econômica.

Essa atividade econômica pode ser considerada indústria, pois existem várias instituições onde são estabelecidos contratos com empregados e empregadores, fornecedores, distribuidores e clientes, as empresas. No caso do cinema, existem empresas produtoras, distribuidoras e exibidoras do produto final. O grupo dessas empresas, que se volta para a produção da mercadoria “filme”, constitui a indústria cinematográfica.¹⁰

Para a compreensão de *Tropa de Elite* foram utilizados os estudos de Michel e Avellar sobre a produção cinematográfica no Brasil. Sob esse prisma, um dos focos da pesquisa foi a análise sobre os interesses das empresas produtoras, logo empregadoras, e seus respectivos fornecedores,¹¹ assim como o momento da distribuição até sua respectiva exibição. Por fim, buscou-se levantar elementos concernentes à recepção dos clientes,¹² tanto os ditos especializados (críticos e colunistas), como do espectador em geral que emitiu suas opiniões sobre o filme em jornais e páginas de internet.

A pesquisa foi concretizada em quatro capítulos. O primeiro, “**Retomada**” **Do Cinema 1990: Breve Análise Do Contexto Cinematográfico Atual**, faz uma análise das mudanças de perspectivas do cinema nacional nas últimas décadas, as leis de

¹⁰ DANTAS; et al., 2002 apud MICHEL, Rodrigo C.; AVELLAR, Ana Paula. A indústria cinematográfica brasileira: uma análise da dinâmica da produção e da concentração industrial. **Revista de Economia**, Editora UFPR, v. 38, n. 1, ano 36, p. 37, jan./abr. 2012.

¹¹ Análise realizada no Capítulo 1 deste estudo.

¹² O detalhamento sobre a recepção e distribuição está no Capítulo 4.

incentivo, bem como a trajetória e filosofias da principal produtora de *Tropa de Elite* (Zazen Produções), os roteiristas, produtores e a carreira do seu diretor, José Padilha.

Os segundo e terceiro capítulos, ***Tropa De Elite O Rio De Janeiro, Vive Um Estado De Exceção?*** e ***Corrupção E Violência Policial Em Tropa De Elite: O Nascimento De Um (Anti)Herói***, consistem em uma análise detalhada das cenas do filme, seus contextos, conceituação dos discursos em disputa. Para tanto, exigiu-se um aporte teórico do Direito para compreender as transgressões e limitações da instituição polícia a qual é fortemente retratada em *Tropa*.

O quarto e último, ***Divulgação, Distribuição e Recepção do filme Tropa de Elite (2007)***, traz um breve estudo sobre como os veículos de comunicação receberam a película, as notícias pré-lançamento que tratam do rapto de cinco pessoas da produção, seguido do roubo das armas cênicas e do terceiro recorte (rascunho) da edição, roubado e disponibilizado para o acesso do público antes da sua versão final. Também é abordado como se deu a recepção pós-obra final e seus desdobramentos. O recorte dos veículos midiáticos utilizados são os jornais *O Globo* (RJ), *Folha de São Paulo* e *The New York Times*,¹³ bem como as revistas *Bravo*, *CartaCapital*, *IstoÉ Independente*, *Playboy*,¹⁴ *Super Interessante*, *Veja Rio*, *Veja*, além de alguns Blogs.¹⁵

Posto isto, este estudo pretende compreender a obra ficcional em seus múltiplos aspectos, para entender sua grande aceitação, posterior heroicização do narrador e os efeitos catárticos aos espectadores. Para tanto, se mostra como uma análise do conflito denominado na obra como guerra, um breve traçado sobre sua origem e a emergência de medidas no que tange os assuntos de Segurança Pública.

¹³ Foi utilizado apenas um jornal em cada um dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, apesar da enorme repercussão em todos os principais veículos. Existe uma grande produção de artigos, notas de leitores e editoriais sobre o filme, contudo muitas informações são repetidas. Assim, estes foram elencados devido sua grande popularidade, vendabilidade, e acessibilidade virtual, sendo os dois melhores acervos virtuais gratuitos encontrados.

¹⁴ A despeito de sua popularidade entre a pornografia erótica, contém em uma de suas edições uma entrevista com o diretor do filme *Tropa de Elite*, José Padilha.

¹⁵ A facilidade de acesso ao veículo, assim como sua popularidade nas páginas virtuais, justificam a utilização de alguns blogs, que também são divulgados junto ao acervo de jornais de grande circulação como *O Globo Online* e *Folha de São Paulo*, contendo artigos e ensaios com críticas tanto ao filme quanto as críticas publicadas em periódicos sobre *Tropa*.

**“RETOMADA” DO CINEMA 1990:
BREVE ANÁLISE DO CONTEXTO
CINEMATOGRÁFICO ATUAL**

CAPÍTULO I

Elencar como objeto de estudo uma obra cinematográfica requer, por parte do historiador, um esforço no sentido de compreender não apenas os elementos estéticos envolvidos na sua produção, mas também os debates e diálogos que tal escolha acarreta. Ao se observar a historiografia do cinema brasileiro percebe-se que a mesma é escrita a partir de datas e marcos que organizam formas de pensamento, constituindo uma teia interpretativa do que deva ser compreendido como a História do Cinema Brasileiro.

De acordo com os pesquisadores Rodrigo Cavalcante Michel e Ana Paula Avellar, o cinema produzido no Brasil nas últimas quatro décadas pode ser pensado a partir de três momentos: *A Era de Ouro* (1971 até 1987), *Anos de Chumbo* (1988 até 1995) e a *Retomada* (de 1996 em diante). Essa categorização é estruturada a partir das produções fílmicas, bem como pelas condições econômicas e/ou leis de incentivo.¹⁶

No primeiro momento, *Era de Ouro* (1971 a 1987), a indústria cinematográfica nacional era dependente economicamente da Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes), empresa estatal brasileira responsável pela produção e distribuição dos filmes produzidos no país, criada através do decreto-lei Nº 862, em 12 de setembro de 1969.¹⁷ Grande parte das produções desse período foi vinculada à propaganda estadista; algumas delas diretas do Exército Militar Brasileiro e seu departamento de informação – características semelhantes ao cinema dos anos 1940-50, também vinculada ao Estado Novo.¹⁸

O nome dado ao período seguinte, *Anos de Chumbo* (1988 até 1995), mostra-se como uma ironia por corresponder ao momento subsequente ao fim da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985). A escolha por esse nome se deve ao não incentivo governamental na produção fílmica nacional, o que a diminuiu drasticamente. Essa queda se mostra clara ao se comparar os dois períodos: o anterior (*Anos de Ouro*) –

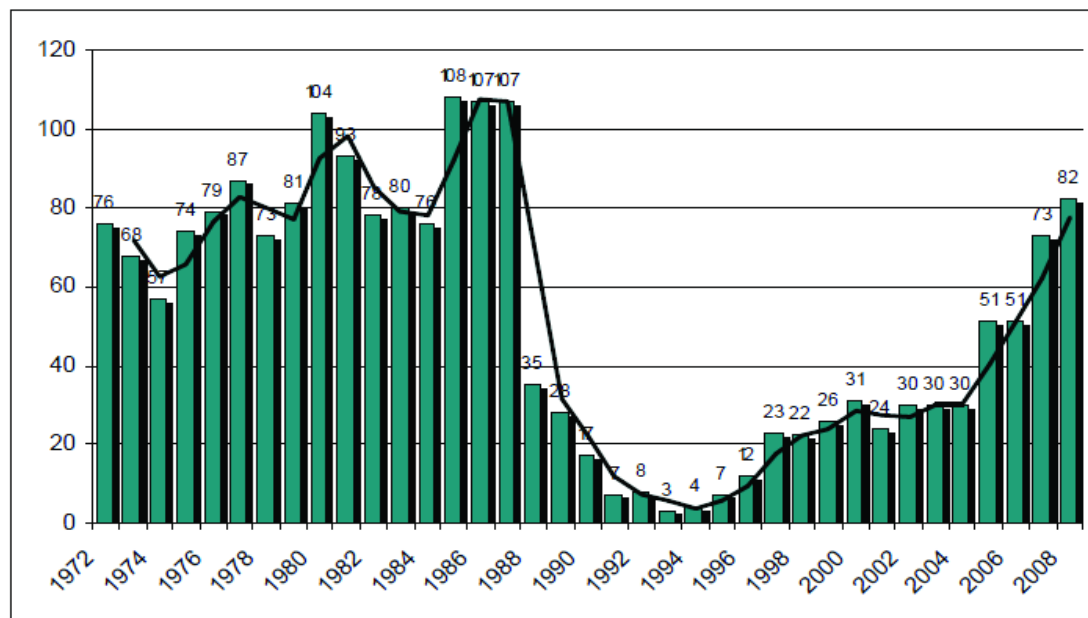
¹⁶ Cf. DANTAS; et al., 2002 apud MICHEL, Rodrigo C.; AVELLAR, Ana Paula. A indústria cinematográfica brasileira: uma análise da dinâmica da produção e da concentração industrial. **Revista de Economia**, Editora UFPR, v. 38, n. 1, ano 36, p. 35-53, jan./abr. 2012.

¹⁷ Para maiores detalhes, lei disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0862.htm

¹⁸ Cf. OLIVEIRA, Magali Simone de. *Tropa de Elite*: espetacularização da fusão real/ficção no cinema nacional a serviço do Bope e do Ibope. 161 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010, f. 42-43.

situado dentro do regime militar – teve a menor produção anual de 57 filmes; número muito superior ao maior índice registrado no segundo período, que foi de 35 filmes.

Gráfico 1



Fonte: *Filme B*¹⁹

O declive, explicitado no gráfico acima, se deve à falta de investimentos/financiamentos na produção de novas obras cinematográficas. O ano de 1988 se torna um marco na medida em que corresponde ao fim do protecionismo que a Embrafilmes representava. Segundo Rodrigo Michel e Ana Avellar:

Os *Anos de Chumbo* foram caracterizados pelos reflexos dessa decisão, a produção cinematográfica se viu órfã de todo aparato que a baseava. O declínio é drástico, passando de 107 longas-metragens lançados em 1988 para apenas 3 em 1992.

É nesse período que melhor pode-se observar a dependência da indústria cinematográfica em relação ao Estado e dos mecanismos de produção. Com a saída do Estado determinando a dinâmica do setor, a resposta no desempenho da indústria cinematográfica foi imediata.²⁰

Uma nova tentativa de incentivo ao cinema foi dada em 1991, com a aprovação da Lei Rouanet (Lei nº 8.313/91).²¹ No entanto, o aumento do desempenho apenas foi

¹⁹ *Filme B* apud MICHEL, Rodrigo C.; AVELLAR, Ana Paula. A indústria cinematográfica brasileira: uma análise da dinâmica da produção e da concentração industrial. **Revista de Economia**, Editora UFPR, v. 38, n. 1, ano 36, p. 42, jan./abr. 2012

²⁰ Ibid., p. 40.

²¹ Para maiores detalhes, lei disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm>

sinalizado a partir de 1993, pós-aprovação da Lei Audiovisual (Lei 8.685/93).²² Tal melhoria pode ser visualizada no Gráfico 1 com um crescente quantitativo quase sem oscilação da produção. A análise das leis se torna significativa para a compreensão dessa mudança.

A lei de 1991 incentiva a produção fílmica com o intuito de promover a “Cultura Nacional”, uma vez que as temáticas dos filmes deveriam estar ligadas a esta ideia. Para receber o incentivo, sua divulgação deve ser aberta a todos os públicos (considerando-se, é claro, as indicações de idade), com a distribuição gratuita ou privada. Já a segunda lei permite que a iniciativa privada também invista no cinema, tendo até 100% deste valor abatido no Imposto de Renda (IR), contanto que este não ultrapasse 3% do imposto a ser pago.

Esse quadro favorável possibilita o surgimento do que os teóricos denominaram como sendo a *Retomada* do cinema brasileiro (a partir de 1996).²³ Nessa última periodização, há uma mescla de investimentos públicos e privados, o que irá influenciar diretamente na elaboração dos discursos e temáticas que essas produções irão vincular. Em outras palavras, haverá o interesse de se utilizar recursos cinematográficos, desde iluminação até o roteiro (falas, etc.), para contemplar as expectativas de diferentes investidores – privados e/ou estatais.

A definição de 1996 como ano inaugural da *Retomada* não se mostra um consenso. Alcides Ramos, por exemplo, elenca *O Quatrilho*, produzido em 1995 sob direção de Fábio Barreto, como o filme que marca a *Retomada*.²⁴ Todavia, para além desse debate, o que é importante destacar é a oscilação existente na produção cinematográfica nacional desse período, como aponta o gráfico acima.

Ao lado disso, é necessário frisar que o aumento quantitativo vem acompanhado de um investimento na qualidade técnica empregada nas películas, devido

²² Para maiores detalhes, lei disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18685.htm>

²³ Este estudo toma por base a categorização de “Earp e Sroulevich” (2008) categorizam a produção cinematográfica nacional da seguinte forma: *A Era de Ouro* (1971 até 1987), os *Anos de Chumbo* (1988 até 1995) e a *Retomada* (de 1996 em diante). Cf. DANTAS; et al., 2002 apud MICHEL, Rodrigo C.; AVELLAR, Ana Paula. A indústria cinematográfica brasileira: uma análise da dinâmica da produção e da concentração industrial. *Revista de Economia*, Editora UFPR, v. 38, n. 1, ano 36, p. 40, jan./abr. 2012.

²⁴ Cf. RAMOS, Alcides Freire. Apontamentos em torno do cinema brasileiro da década de 1990. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 23 Jan. 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/3378>. Acesso em: 20 nov. 2012.

à utilização de novos equipamentos, *softwares*, parcerias com produtoras internacionais, capital privado, etc. De acordo com o historiador Alcides Freire Ramos, a produção desse período deve ser compreendida como uma tentativa de aproximação com o mercado e o público internacionais, tomando Hollywood como paradigma estético.²⁵

Essa “internacionalização” não fica restrita ao uso de recursos materiais, mas também deve ser vislumbrada na elaboração da linguagem cinematográfica. Sendo assim,

O objetivo último a ser alcançado é a conquista do mercado internacional. E disso estes diretores não se afastam um só milímetro. A iluminação, o figurino, a interpretação dos atores, os cortes, a montagem, os movimentos de câmera, tudo enfim que se relaciona com a linguagem cinematográfica deveria estar de acordo com o gosto do público estrangeiro (particularmente o norte-americano).

O mesmo pode ser dito sobre os temas que eram escolhidos por nossos diretores. Por este motivo, é possível afirmar: a globalização estava sendo encarada como algo inevitável e, por consequência, desejável, Hollywood apresentava-se como o grande paradigma estético daquele momento.²⁶

Para Ramos, a produção da *Retomada* tem seus horizontes focados não apenas no mercado nacional, mas também nos espectadores de fora do país, sobretudo os estadunidenses. Tal característica justificaria o reconhecimento que algumas produções obtiveram através de indicações para premiações internacionais, como o Oscar. A modificação na linguagem cinematográfica, apontada acima, seria a responsável pela identificação desse público com as produções brasileiras, o que possibilita a sua recepção em dimensões globais.

A lista de produções com premiações e/ou indicações contém um número significativo. *O Quatrilho* de Barreto foi indicado ao Oscar como melhor filme estrangeiro. O filme de Walter Salles, *Central do Brasil* (1998), foi premiado com o Urso de Ouro, na Alemanha, como melhor filme e sua protagonista, Fernanda Montenegro, recebeu o Urso de Prata na categoria melhor atriz. Também recebeu o Globo de Ouro, nos EUA, como melhor filme estrangeiro, fora outras diversas indicações em diferentes partes do mundo. *Cidade de Deus* (2002, Fernando Meirelles),

²⁵ Cf. RAMOS, Alcides Freire. Apontamentos em torno do cinema brasileiro da década de 1990. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 23 Jan. 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/3378>. Acesso em: 20 nov. 2012.

²⁶ Ibid.

levou mais de três milhões de pessoas às salas de cinema e foi indicado para o Oscar de melhor filme do ano – diferente dos outros filmes citados que concorreram na categoria Filmes estrangeiros.²⁷

No que diz respeito às indicações ao Oscar, considerado uma das mais importantes premiações do cinema mundial, é necessário destacar que a simples menção de um filme a uma das categorias já credita à obra uma grande notoriedade. No caso de uma concorrência direta com produções dos EUA, como foi o caso de *Cidade de Deus*, o grau de dificuldade se torna ainda maior e sua reincidência é quase improvável, como comenta José Padilha em uma entrevista a revista *Playboy*.

Adriana Negreiros: Mas você ainda tem chances de concorrer a uma indicação ao Oscar.

José Padilha: O *Cidade de Deus* não foi indicado como filme estrangeiro. Foi indicado pela academia para quatro categorias como filme norte-americano. Sabe qual é a probabilidade de isso acontecer de novo? Zero. É muito difícil.²⁸

De acordo com os pesquisadores Rafael Araújo e Priscilla Alves Teixeira Branco, *Cidade de Deus* conseguiu mobilizar um debate em torno de questões sociais, o que “[...] implicou, principalmente, em um acerto mercadológico, mas também a possibilidade de voltar os olhos dos brasileiros para questões importantes de sua realidade”.²⁹ As cenas de violência se tornaram o centro de diversos debates, principalmente por conta da banalidade da violência excessiva ou pela superficialidade pela qual foi retratada.

Todavia, essa “espetacularização” da violência é anterior aos veículos de mídia, visto que, nas Eras antigas, tanto nos impérios gregos quanto no romano, mortes em praças públicas eram consideradas exemplos da força do Estado e sanção para os infratores. No caso romano havia também os espetáculos dos gladiadores, uma forma de

²⁷ Cf. ARAUJO, Rafael; BRANCO, Priscila A. T. A Polêmica sobre a violência em cidade de Deus e Tropa de Elite. **Aurora** – Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 5, p. 69, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4536>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

²⁸ NEGREIROS, Adriana. José Padilha [Entrevista]. **Playboy**, entretenimento, São Paulo, Editora Abril, 26 mar. 2008. Disponível em: <<http://playboy.abril.com.br/entretenimento/entrevista/jose-padilha/>>. Acesso em: 11 out. 2011.

²⁹ ARAUJO; BRANCO, 2009, op. cit., p. 61.

apresentação que desde cedo era utilizada não só como difusor de medo, mas também como entretenimento.³⁰

Nos dias atuais, esse sadismo perpetua através não apenas da televisão, mas também pela internet e outros meios de comunicação de massa. Exemplo dessa exploração foi a utilização da morte por enforcamento de Saddam Hussein,³¹ na qual George W. Bush, então presidente dos EUA, demonstrou seu poder de “polícia do mundo” ao exibir – nas redes de televisão em todo o mundo – o que ocorre com aqueles que discordam de seu modelo de democracia liberal.

Segundo Roland Barthes, notícias que exploram determinados acontecimentos de grande comoção, seja por sua singularidade, seja pelo seu grau de violência, geralmente “[...] caem no gosto popular, se tornando um acontecimento que é visualizado como um signo cujo conteúdo é, no entanto, incerto”.³²

Essas manchetes que fogem ao comum, definidas por Barthes como *fait divers*, são tratadas de forma sensacionalistas pela imprensa com vistas a atingir emocionalmente o público que as acompanham. A utilização delas nos meios de comunicação, como salienta Oliveira,³³ surge quase que sequencialmente ao advento das mídias. Tudo que pudesse expor violência, sanções, assim como o bizarro e/ou que fosse contra a moral vigente, tornava-se um produto de grande procura. Esse efeito no cinema nacional é visualizado por Jean-Claude Bernardet nos chamados filmes criminais:

[...] sabe-se que o provavelmente primeiro filme criminal realizado no Brasil, *Os estranguladores do Rio*, baseou-se na peça. *A quadrilha da morte* de Rafael Pinheiro e Figueiredo Pimentel: esta é mais uma articulação a construir, que poderá modificar interpretações existentes a respeito dos filmes criminais ou desse filme, por exemplo, no tocante à relação narrativa imprensa-cinema. O que torna ainda mais

³⁰ Cf. OLIVEIRA, Magali Simone de. *Tropa de Elite*: espetacularização da fusão real/ficção no cinema nacional a serviço do Bope e do Ibope. 161 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010.

³¹ DITADOR IRAQUIANO que se manteve na presidência por 24 anos (1979 – 2003). Morto após invasão ao Iraque, e julgado pelo tribunal da ONU. **Portal G1**, Globo Notícias. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1403749-5602,00.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

³² BARTHES, 1970 apud OLIVEIRA, 2010, op. cit., f. 35.

³³ Ibid., f. 36.

difícil isolar a representação cinematográfica dos crimes de sua representação jornalística e teatral.³⁴

No que diz respeito à cinematografia nacional, temas como violência urbana, criminalidade nas favelas, dentre outros, foram comuns durante os anos 1960, com o objetivo de conscientização política. Tortura, corrupção policial, também não são novidades no cenário fílmico. Por esse motivo, temáticas como as presentes nos filmes *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite* não são novidades do nosso mundo contemporâneo. Entretanto,

De qualquer forma é possível considerar *Cidade de Deus* como um marco em que a indústria cinematográfica nacional passa a tratar o tema da violência com considerável sucesso, o que viria a incentivar outras produções, tais como o polêmico *Tropa de Elite*.³⁵

Sob esse prisma, cabe questionar: obras como *Cidade de Deus* (2002, Fernando Meirelles) e *Tropa de Elite* (2007, José Padilha) seriam apenas mais alguns *fait divers* em que a ficção e a realidade se misturam em uma matéria jornalística, com efeito de mexer com a curiosidade de um grande público, porém com um conteúdo completamente duvidoso? Seriam simples fórmulas hollywoodianas, clichês que tratam da “espetacularização da violência”? O que torna tão polêmico o filme *Tropa de Elite* a ponto da sua estreia estampar a capa dos cadernos de cultura e dos jornais de maior circulação, tendo críticas diárias não só comentado em jornais nacionais como também nos internacionais, bem como o maior número de pessoas por sala de cinema no ano? Afinal, “Foi a melhor estreia deste fraco ano do cinema nacional, considerando a média de público por sala no eixo Rio-São Paulo”.³⁶

Tropa de Elite dialoga com o seu momento de criação, sendo, portanto, necessário realizar um diálogo entre o binômio Arte/Sociedade para a sua compreensão. Entretanto, o projeto faz parte de um processo muito anterior e que diz respeito às perspectivas e expectativas vislumbradas pelos seus produtores e direção. Nesse

³⁴ BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia Clássica do Cinema Brasileiro**: metodologia e pedagogia. São Paulo: ANNABLUME, 1995, p. 86.

³⁵ ARAUJO, Rafael; BRANCO, Priscila A. T. A Polêmica sobre a violência em cidade de Deus e Tropa de Elite. **Aurora** – Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 5, p. 61, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4536>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

³⁶ “Tropa de Elite” leva 180 mil aos cinemas. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 9 out. 2007

sentido, mostra-se necessário contextualizar a sua produção, a fim de perceber as relações e diálogos presentes.

1.1 – *TROPA DE ELITE* UM PROJETO ZAZEN PRODUÇÕES

A produção do filme *Tropa de Elite* surge de um projeto da Zazen Produções, tendo como diretor um de seus fundadores, José Padilha, e a parceria na produção de Marcos Prado,³⁷ também fundador. Foi a primeira obra ficcional do diretor, além de ser a série de maior sucesso da Zazen Produções. O Primeiro registro cinematográfico da produtora é o documentário *Os Carvoeiros* (2000, Nigel Noble), escrito por Padilha.

A história da produtora está ligada à de seus fundadores. Desde a primeira parceria de Marcos Prado e José Padilha, em *Ônibus 174*,³⁸ dirigido por Padilha Felipe Lacerda, produzido por Marcos Prado, narra o sequestro do ônibus 174 por Sandro Barbosa do Nascimento, ocorrido em 12 de junho de 2000 em plena zona sul do Rio de Janeiro, já fora vencedora de diversas premiações: em 2005 do *Emmy Awards* – prêmio máximo da TV norte-americana, no qual também recebeu os prêmios de Melhor Documentário e Melhor Filme Brasileiro (de acordo com o júri da crítica internacional); no Festival BR de Cinema do Rio de Janeiro; Melhor Documentário na Mostra BR de Cinema de São Paulo; Melhor Documentário no Festival Internacional de Miami; e o prêmio da Anistia Internacional nos Festivais de Rotterdam e Copenhagen, entre outros.

Por seu trabalho de direção, Padilha recebeu o prêmio Charles Guggenheim *Emerging Artist* no Full-Frame International Film Festival 2004. *Ônibus 174* esteve no *short list* do Oscar 2004 entre os 12 documentários que concorrem a cinco indicações.³⁹ Em 2003, produziu *Brazil's Vanishing Cowboys* (2003), documentário feito para National Geographic Television (EUA), com a qual conseguiu importante visibilidade.

Todavia, a Zazen ainda era uma produtora de pequeno porte em 2007, ano em que produziu *Tropa de Elite*, e por esse motivo necessitou de parcerias e apoios, além

³⁷ Marcos Prado estudou no Brooks Institute of Photography, na Califórnia (1983/86) e, como fotógrafo *freelancer*, teve seu trabalho publicado nas melhores revistas e jornais do país. Recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais de fotografia. Cf. EQUIPE. **Zazen Produções**, Site Oficial, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zazen.com.br/#/br/equipe/>>. Acesso em: 01 maio 2011.

³⁸ **Ônibus 174**. 2002 dir. Padilha e Felipe Lacerda, Zazen Produções, DVD, color.

³⁹ Cf. PORTFÓLIO. **Zazen Produções**, Site Oficial, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zazen.com.br/#/br/portfolio/realizados/>>. Acesso em: 01 maio 2011.

dos incentivos fiscais. O orçamento inicial da película foi previsto na casa de 8 milhões de reais, no entanto ao final teve um custo de 10,5 milhões. Ou seja, essa produção representou um grande passo para a produtora que até então havia se aventurado apenas no gênero documental.

Para tanto, obteve o apoio das produtoras Posto 9, Feijão Filmes, The Weinstein Company para infraestrutura, cenários, figurino, etc. e a coprodução foi feita pelos Estúdios Mega, Quanta Centro de Produções Cinematográficas, Universal Pictures do Brasil, Costa Films. A distribuição do filme ficou para a The Weinstein Company e Universal Pictures do Brasil. Necessário destacar que esta ocorreu de maneira atípica, pois meses antes à estreia oficial de *Tropa de Elite* uma cópia do filme (ainda em processo de edição) foi roubada e comercializada no mercado “pirata” e disponibilizada para *download* gratuitos na internet, sendo assistida por cerca de 11,5 milhões de pessoa.⁴⁰

A despeito do caráter ficcional da obra, ainda há uma preocupação em aproximar a narrativa fílmica em relação à realidade, ou seja, uma tentativa de gerar um efeito de verossimilhança – ser próxima a “verdade”, ao “real”, “ao vivido/experimentado”. Esse aspecto marca a escrita de diversas críticas que destacam um “tom” documentarista em *Tropa*, talvez um traço marcante do experiente documentarista Padilha e da jovem produtora, acostumados até então com a produção de documentários.

De acordo com o site oficial da Zazen Produções, o principal objetivo da produtora e seus princípios de negócios são:

O principal objetivo da ZAZEN PRODUÇÕES é explorar este potencial através do desenvolvimento e da produção de filmes e documentários que discutam problemas sociais importantes.

Princípios de negócio:

1. O conteúdo e a qualidade dos nossos filmes vêm sempre em primeiro lugar.
2. Os nossos principais ativos são a criatividade, a honestidade e o impacto transformador de nossos filmes na sociedade.
3. Os nossos filmes são o mais barato possível, mas não são mais baratos do que isso.

⁴⁰ Este assunto será trabalhado no quarto capítulo desta monografia.

4. Sempre que possível, participamos do retorno econômico dos filmes que produzimos.⁴¹

O filme *Tropa de Elite* mantém esses princípios e objetivos, uma vez que sua narrativa e temáticas gravitam em torno do BOPE-RJ. Zazen Produções e Padilha, ao fazerem a escolha da perspectiva desse órgão especial dentro da PMRJ, propõem uma discussão sobre questões de segurança pública, que envolvem torturas diárias de cidadãos brasileiros, dentre eles mulheres e crianças, os quais têm em alguns momentos seus direitos excluídos.

A perspectiva da exclusão social não é nova. O próprio Padilha em *Ônibus 174* trata a história de um rapaz que era menino de rua, sequestra um ônibus, assassina uma mulher (obtendo seus 15 minutos de fama) e que morre asfixiado dentro do carro do BOPE. Portanto um problema do Estado que desampara tanto o menor que vive na rua, sem acesso a serviços básicos como educação, saúde, moradia, e que passa por instituições repressoras, como a FEBEM. Por outro lado, mostra o desamparo do batalhão em relação a treinamento, preparação tática para agir frente a câmeras.

Outros documentários como *Santa Marta – Duas Semanas no Morro* (1968, Eduardo Coutinho), *Senhora Liberdade* (2004, Caco Souza), *O Prisioneiro da Grade de Ferro* (2004, Paulo Sacramento), *Falcão Meninos do tráfico* (2006, MV Bill,⁴² Celso Athayde), *Elas das Favelas* (2006, Dafne Capella) e *Dançando com o Diabo* (2009, Jon Blair, Reino Unido) trabalham na mesma perspectiva dos excluídos, mostrando histórias de moradores que sofrem com a violência urbana, policial, doméstica; assim como outra gama de filmes ficcionais com um teor mais próximo dos melodramáticos tais como: *Como Nascem os Anjos* (1996, Murilo Salles), *Carandiru* (2003, Hector Babenco), *O*

⁴¹ Cf. A PRODUTORA. **Zazen Produções**, Site Oficial, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zazen.com.br/#/br/aprodutora/>>. Acesso em: 01 maio 2011.

⁴² Alex Pereira Barbosa, nascido no Rio de Janeiro, 3-jan-1974, conhecido pelo nome artístico MV Bill, é um *rapper* e escritor brasileiro. Iniciou a carreira na música em 1988, quando começou a escrever sambas-enredo para seu pai, sendo que em 1993 fez sua primeira participação em um disco oficial. Seu primeiro álbum foi lançado em 1999 sob o título de “Traficando Informação”. Três anos depois, gravou o segundo trabalho, chamado Declaração de Guerra, com participações de artistas como Charlie Brown Jr. e Nega Gizza. Sua discografia ainda abrange outros dois álbuns, “Falcão, O Bagulho é Doido”, de 2006, e “Causa e Efeito”, de 2010. Ainda, lançou um disco de vídeo em 2009, intitulado “Despacho Urbano”. Paralelamente à carreira de *rapper*, MV Bill lançou em 2005, junto com Celso Athayde, o livro **Cabeça de Porco**. No ano seguinte, **Falcão – Meninos do Tráfico**, disponibilizado em livro e DVD, que tornou-se conhecido nacionalmente após exibição no programa Fantástico, da Rede Globo. Cf. HAMBURGER, Esther. Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a ideia de espetáculo. **Novos estudos** – CEBRAP, São Paulo, n. 78, jul. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000200011>>. Acesso em 12 dez. 2011.

Homem do Ano (2003, José Henrique Fonseca), *Quase Dois Irmãos* (2004, Lúcia Murat), *Salve Geral* (2009, Sérgio Rezende), entre outros.

Entretanto, a lógica na qual Padilha trabalha *Tropa de Elite* pode ser considerada inovadora. A personagem Capitão do BOPE-RJ Nascimento é quem conduz a trama na forma de uma *voz off*. Trata-se de um narrador onisciente intruso, que conhece desde o início da narrativa os desfechos das ações e o destino tanto das outras personagens como de si mesmo. Essa forma permite a ele não só compartilhar com o espectador seus posicionamentos enquanto personagem, como também reproduzir discursos com seus valores, crenças, etc. conduzindo as ações que se desenrolam ao longo da película. Os eixos narrativos gravitam na perspectiva do Estado e não do excluído. Em outras palavras, trata-se do ponto de vista do algoz, do torturador e, por essa razão, o filme causou um enorme estranhamento por parte da crítica – para alguns, uma inesperada aceitação da violência contra os marginalizados.

Trata-se de um olhar polêmico e muito pouco utilizado em produções fílmicas. Com exceção de *Federal* (2010), drama dirigido por Erik de Castro, foram apenas localizados documentários que se utilizam dessa mesma perspectiva, ou seja, que abordam os problemas sociais do ângulo dos administradores do Estado (PM’s), os quais também estão envolvidos nestes conflitos. Em 1999, *Notícias de uma Guerra Particular*, de Kátia Lund e João Moreira Salles, já adotava essa perspectiva, sendo a única produção encontrada antes do lançamento de *Tropa de Elite* em 2007. Recentemente foi produzido também *BOPE: O lado obscuro do Rio de Janeiro* (2009), do diretor português Antônio Robin, feito após uma reportagem da SIC Notícias em 2008 chamada *BOPE: Licença para matar*.

Em comum entre *Notícias de uma Guerra Particular*, *Ônibus 174* e *Tropa de Elite* está o fato de que todos eles contam com o especialista⁴³ Rodrigo Pimentel, ex-Capitão do BOPE-RJ. Atual comentarista de segurança da Rede Globo, Pimentel participa desses projetos tanto como fonte depoente, quanto na parte de produção das obras: no filme auxiliou na preparação dos atores e foi coautor de **Elite da Tropa**⁴⁴ – livro associado ao mesmo projeto do filme.

⁴³ Termo utilizado por Padilha para designar o grupo de pessoas que colaboraram no laboratório dos atores, por conhecerem muito bem seus nichos.

⁴⁴ SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. [Edição de Bolso]

Em seu prefácio há um aviso sobre a alteração dos nomes utilizados: “Os relatos que compõem esse livro são ficcionais, no sentido de que todos os cenários, fatos e personagens foram alterados, recombinações e tiveram seus nomes trocados”.⁴⁵ Com relação aos filmes da série *Tropa de Elite*, observa-se a utilização de uma base de depoimentos comuns, no entanto, não foram usados os mesmos nomes nas obras literárias e filmicas, mesmo no caso de personagens com aproximações visíveis, como, por exemplo, o policial negro sem nome no livro, porém muito semelhante ao André Matias do filme, ambos namorados de estudantes do curso de Direito da PUC-RJ – sua namorada no livro chama-se Alice, enquanto no filme recebe o nome de Maria.

No segundo filme da série, *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro*,⁴⁶ o Deputado Diogo Fraga muito se assemelha ao Deputado Estadual do Rio de Janeiro Marcelo Freixo, devido ao seu papel investigativo na CPI das “máfias” cariocas – assunto também retratado na película. No segundo livro, **Elite da Tropa 2**,⁴⁷ há também uma personagem inspirada no mesmo deputado, a qual recebeu o nome de Marcelo Freitas. Devido à gravidade dos problemas sociais que tratam as obras, a segurança das fontes depoentes se mostrou fundamental.

1.2 – JOSÉ PADILHA, DIRETOR DOCUMENTARISTA: CRÍTICA AOS PROBLEMAS SOCIAIS NACIONAIS

Padilha por formação não é cineasta. Muito pelo contrário, sua trajetória formal passou pelo curso de Administração de Empresas e Economia Política, Literatura, ambas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Além disso, é formado em Economia Política, Literatura Inglesa e Política Internacional em Oxford, Inglaterra.⁴⁸

Sua primeira obra de relevância no cinema foi em 1999, o documentário *Os Carvoeiros*, projeto que após a publicação em 2000 atingiu prestígio internacional e

⁴⁵ SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 12. [Edição de Bolso]

⁴⁶ **Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro**. 2010, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, color.

⁴⁷ SOARES, Luiz Eduardo; FERRAZ, Cláudio; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

⁴⁸ Cf. EQUIPE. **Zazen Produções**, Site Oficial, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zazen.com.br/#/br/equipe/>>. Acesso em: 01 maio 2011.

representou o Brasil nos festivais de cinema: Sundance Film Festival, Amsterdam Film Festival, entre outros. No Brasil, *Os Carvoeiros* foi exibido na 23ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e no Festival de documentários “É Tudo Verdade”. Esteve em exibição, por mais de três meses, nos cinemas do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte.⁴⁹ Dois anos depois lança o documentário *Ônibus 174*, no qual foi Diretor, Roteirista e Produtor, tendo a parceria de Marcos Prado na produção e distribuição através da Zazen Produções.

A parceria com Pimentel inicia-se nessa produção (ele foi um dos depoentes) e será consolidada anos depois com o projeto *Tropa de Elite*. Ao escolher ouvir o depoimento dos policiais envolvidos no incidente com o ônibus 174, ele abre a problemática do sistema para além de uma deficiência exclusiva na assistência social, mas também dentro de suas próprias instituições, que reclamam do mau treinamento e despreparo do BOPE-RJ. Inúmeras críticas foram feitas à condução da PM no incidente, demonstrando, por fim, o lado brutal e violento da força policial que assassina o já retido sequestrado Sandro do Nascimento.

O documentário faz, através de digressões de fotos, um histórico do rapaz enquanto exibe cenas do sequestro gravadas pela Rede Globo. A personagem principal dessa trama pouco tem haver com seu xará Nascimento de *Tropa de Elite*, estando do outro lado da relação de poder. Sandro Nascimento sofre abusos da polícia, da violência urbana, quase é assassinado no famoso incidente da praça da candelária – conhecido como chacina da candelária –, contudo ambos são vítimas de um sistema corrupto, ineficaz, desorganizado e deficiente.

A parceria com Marcos Prado continua na elaboração dos documentários para televisão *Os Pantaneiros* (2003, para a Globosat), *Facing The Jaguar* (2003) e *Pantanal Cowboys* (2003), o último para exibição internacional nos canais National Geographic Television e NBC nos Estados Unidos.⁵⁰

Em 2006, produziu o premiado *Estamira* (2004), documentário com maior público nos cinemas naquele ano e primeira direção individual de Marcos Prado. Ocupa a décima colocação entre os documentários mais visto dos últimos dez anos no Brasil e

⁴⁹ Cf. PORTFÓLIO. **Zazen Produções**, Site Oficial, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zazen.com.br/#/br/portfolio/realizados/>>. Acesso em: 01 maio 2011.

⁵⁰ Cf. EQUIPE. **Zazen Produções**, Site Oficial, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zazen.com.br/#/br/equipe/>>. Acesso em: 01 maio 2011.

recebeu 33 prêmios nacionais e internacionais, tais como: Melhor Documentário segundo o júri oficial, nos Festivais Internacionais do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Grand Prix no Festival Internacional de Documentários de Marseille e foi escolhido como o Melhor Documentário no Festival Internacional de Karlovy Vary. Prado lançou em 2005 seu segundo livro de fotografias: *Jardim Gramacho*, trabalho realizado ao longo de 11 anos no Lixão do Rio de Janeiro.

Apenas em 2007 Padilha realiza o primeiro longa metragem ficcional, *Tropa de Elite*, filme nacional mais visto no ano e vencedor do Urso de Ouro em Berlim em 2008. Independentemente do sucesso, é válido ressaltar que o filme passou por diversas modificações desde seu projeto inicial até o produto final distribuído.

Inicialmente tratava-se de mais um documentário, contudo para preservação da segurança dos depoentes envolvidos, foi necessária a reformulação do projeto, vislumbrando-se a construção de personagens fictícias a partir dos depoimentos recolhidos. Tal mudança foi necessária também por uma questão prática, afinal nenhum policial deixaria ser filmado torturando e cometendo assassinatos. Segundo a revista *Bravo*, esta foi uma das motivações iniciais para a mudança do projeto para obra ficcional, tal como foi comercializada.⁵¹

Todavia, a película não chegou ao mercado sozinha. No ano anterior é lançado o livro **Elite da Tropa** (2006), baseado nos estudos do antropólogo e sociólogo Luís Eduardo Soares e nos depoimentos dos coautores, ex-oficiais do BOPE-RJ, Rodrigo Pimentel e André Batista. As fontes documentais para ambas as obras foram os depoimentos/denúncia dos ex-policiais militares do BOPE-RJ e da DRACO, o apoio recebido por suas fontes pode ter tido interferência na escolhida do eixo central da narrativa.

Ao contrário de muitas críticas feitas à *Tropa de Elite*, acerca da sua suposta apologia ao Estado Policial ou do favorecimento de uma postura fascista, percebe-se que a construção da trama da película é feita sob o viés do tênue limiar entre o que é legalizado e a política de combate da instituição polícia. Distanciando-se da narrativa

⁵¹ RAHE, Nina. O Nascimento do Capitão. **Bravo**, São Paulo, Editora Abril, ano 12, n. 158, out. 2010.

clássica Hollywoodiana,⁵² a violência aqui não é vista como redentora; o filme expõe o corpo policial como ambíguo, corrupto, escasso de recursos e brutal.

A situação narrada leva o espectador a ver no cenário retratado um Rio de Janeiro em Estado de Exceção, em que a constituição pouco importa durante as operações de combate a criminalidade, talvez o que torne *Tropa* impactante seja o fato de que o BOPE, não é ficcional e seus métodos não são menos truculentos.

⁵² A despeito da crítica superficial de Plínio Fraga, feita após a exibição do festival de cinema Rio em Jundiaí, em que o filme foi pela primeira vez exibido em 27/09/2007, o filme não tem um final triunfal e nem mesmo um herói que acredita no que faz, pelo contrário seu ar é pessimista e a batalha parece interminável.

TROPA DE ELITE

**O RIO DE JANEIRO VIVE UM
ESTADO DE EXCEÇÃO?**

CAPÍTULO II

Esta análise busca compreender o período⁵³ em que foi produzido *Tropa de Elite*, seu contexto,⁵⁴ os discursos em disputa, as codificações ideológicas e significações, para entender como um filme de ação, violento, pode despertar tanto interesse/incomodo na sociedade brasileira, ao ponto de ser vastamente discutido.

[...] a cultura da mídia em geral tem sido um campo de batalha entre grupos sociais em competição: algumas de suas produções defendem posições liberais ou radicais enquanto outras defendem posições conservadoras. [...] Desse ponto de vista, na cultura da mídia há uma luta entre representações que reproduzem as lutas sociais existentes e transcodificam os discursos políticos da época.⁵⁵

Com auxílio dos estudos culturais de Douglas Kellner, mais especificamente **A Cultura da Mídia**, buscar-se-á compreender seu sucesso de bilheteria, os arquétipos masculinistas presentes no perfil dos protagonistas do filme, bem como transcodificação dos discursos de denúncia da violência policial proposto pela produtora. A fim de compreender essas questões, foi necessário realizar uma análise do filme para perceber como elas foram transpostas em imagens.

A trama se desenrola no Rio de Janeiro de 1997. O eixo central é a vinda do Papa ao Brasil – algo que de fato ocorreu neste mesmo ano,⁵⁶ mais uma marca na tentativa de um discurso verossimilhante. No enredo, João Paulo II, então Pontífice, escolhe se hospedar próximo a um perigoso morro carioca, o Turano, e, por este motivo, o BOPE é designado para garantir a sua “pacificação”.

Um dos Capitães responsáveis pela execução, Capitão Roberto Nascimento (Wagner Moura), possui também uma missão particular que é encontrar um substituto. Sua esposa, Rosane (Maria Ribeiro), está grávida, o risco de vida que um soldado pertencente ao BOPE vivencia faz com que Rosane pressione o marido a sair do Batalhão.

⁵³ A começar pelo primeiro contato de Padilha com o BOPE em 2002 com *Ônibus 174* até o lançamento do último filme da série *Tropa de Elite 2: O inimigo agora é outro* (2010), tendo sempre o primeiro filme da série como eixo central da discussão.

⁵⁴ Como o filme trata-se de uma narrativa ocorrida na cidade do Rio de Janeiro este será por excelência o foco a análise, apesar de haver comparação com dados Nacionais.

⁵⁵ KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – estudos culturais identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001, p. 77.

⁵⁶ Cf. LEITE, Virginie. Faxina Geral. **Veja**, São Paulo, 17 set. 1997. [versão online]. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170997/p_090.html>. Acesso em: 15 out. 2011.

Em outro fio da trama, dois outros personagens se delineiam: os aspirantes Neto Gouveia (Caio Junqueira) e André Matias (André Ramiro), idealistas que desejam servir a força policial com esmero e honestidade. Essa última é considerada uma qualidade primordial, um ponto chave da narrativa conservadora, com tom moralizador e de anticorrupção, discurso este que serve também como legitimação para a violência, tortura e assassinatos policiais. Justamente por serem dotados dessa característica, os aspirantes – em meio à corrupção da polícia convencional, burocrática e ineficaz – são cogitados a substitutos pelo Capitão.

Na tomada em que os aspirantes aproximam-se da morte – em dois momentos do filme a mesma cena é exibida, primeiro de forma sintética, na abertura [00:05:40 – 00:06:50] e [01:02:07 – 01:06:00], e posteriormente após o recurso do *flashback* com o desfecho e salvamento pelo BOPE – a “ação no morro da Babilônia” foi utilizada como pano de fundo. A despeito da farda, não estão a serviço do Estado, a “missão”, neste caso, é de interesse privado, pois objetiva auxiliar um amigo, o Capitão Fábio (Milhem Cortaz), que foi sentenciada a morte pelo Coronel Otávio (Marcello Escorel), é claro ordem não oficial a ser realizada no morro da Babilônia, sentença dada devido a ser responsabilizado como mandante do roubo do “arrego⁵⁷ do bicho⁵⁸”.

A personagem principal/narrador Cap. Nascimento – é também um juiz de valores ao narrar o enredo. Como tal, exime o crime do roubo, pois o dinheiro arrecadado era, em primeiro lugar, ilícito e fora utilizado para o benefício da corporação – dinheiro aplicado no interesse público: peças para viaturas policiais. O acontecimento influencia a entrada dos jovens aspirantes ao Batalhão de Operações Especiais, lugar propício para o cumprimento de seus deveres de policiais e que, segundo a narrativa do filme, estaria isento de corrupção. Desde o ocorrido suas histórias pessoais se entrelaçam com a do narrador.

Até o título do filme traz consigo um mote, como aponta Magali S. Oliveira em *Tropa de Elite: Missão dada missão cumprida*. Nele há uma codificação implícita da

⁵⁷ Arrego é o termo utilizado pelos “traficantes” ou distribuidores de drogas para determinar a taxa paga aos policiais em virtude da “manutenção da paz”, ou seja, propina para manutenção e continuidade das atividades ilegais sem fiscalização. Contudo este ato de corrupção diminui o número de mortes de ambos os lados, algo posto como natural pelo narrador.

⁵⁸ O Jogo do bicho é um jogo muito comum na sociedade Brasileira, em que animais representam números numa espécie de loteria, a despeito da sua popularidade é considerado uma contravenção desde o governo Dutra pelo Decreto-Lei 9 215, de 30 de abril de 1946, que “Proíbe a prática ou exploração de jogos de azar em todo o território nacional”. Lei disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del9215.htm>. Acesso em: 10 ago. 2012.

eficácia da tropa que é reafirmada no enredo ao passo que as missões são sempre bem sucedidas: tanto o desmantelamento das forças criminosas do morro do Turano (antes da vinda do Papa), quanto a missão pessoal do narrador e personagem Cap. Nascimento de procurar um sucessor é concretizada nos últimos instantes do filme.

Na obra anterior de Padilha, o documentário *Ônibus 174* (que também retrata uma ação do mesmo batalhão), as personagens não conseguem cumprir o mote. Afinal, a operação antissequestro televisionada evidencia grandes falhas na execução da missão, bem diferente do esperado “missão dada, missão cumprida”. Tanto no que diz respeito à abordagem, quanto ao como agir diante das câmeras, resultando na morte de uma das passageiras sequestradas e a morte covarde do sequestrador a caminho da delegacia, por asfixia.

Apesar de se desenrolar inteiramente na cidade do Rio de Janeiro, o enredo do filme trabalha com cenários múltiplos como a favela, a universidade – um dos aspirantes é também aluno de Direito na PUC-RJ – e o Batalhão de Operação Especiais. Locais marcadamente diferentes tanto pela estrutura física quanto pelas pessoas que o compõe, ainda assim interligados.

A favela é o local da distribuição das drogas e também cenário dos conflitos violentos, torturas, mortes, algo que é chamado pelo médico e historiador Luís Mir de favela-campo de concentração.⁵⁹ O filme não foca o cotidiano do espaço, apesar de apresentar a favela como pano de fundo da ONG e das ações policiais como campo hostil militarizada pela juventude criminal, o espaço do inimigo do narrador. Mir elabora um estudo histórico sobre os espaços na favela relacionando-os aos campos nazistas. Tal comparação é possível quando se observa o alto índice de mortalidade, péssimas condições de vida, *stress* físico e psicológico, atentados constantes contra a vida, tais quais aqueles vivenciados nos campos de concentração. Por esse motivo, não é de se estranhar que o filme tenha recebido algumas críticas, de olhares desatentos, que julgaram o diretor como fascista.

⁵⁹ “[...] nas favelas-campos de concentração: a humanidade desumanizada e em permanente trânsito, contingentes inteiros, usurpados da vida integralmente pelo sofrimento, pelo desespero e pelo abandono; regiões inteiras do país em que o convívio em um mesmo espaço entre o mundo urbanizado e a miséria quase absoluta nos deve fazer refletir sobre a condição humana e nos obriga a refazer o juízo do que é progresso”. MIR, Luís. **Guerra Civil: Estado e Trauma**. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 28.

A forte comparação das favelas com os campos de concentração nazista, em uma primeira análise, pode parecer exagerada. Contudo, ao analisar os dados do SAMES, na perspectiva do trauma em que as pessoas vivem essa relação não é tão distante. Com exceção que o algoz nas favelas não é um único grupo e sim múltiplos, afinal essas populações são constantemente violentadas não apenas pelos bandos criminosos locais (que quanto mais existirem em um território, maior será a disputa pelo domínio dessa localidade e logo maior violência) como também pelas forças policiais. Além disso, a forma como se dá o claustro é outra, apesar de não estarem presos ao local por muros e soldados armados, há uma segregação social que os impele a estes locais, nos quais costumam permanecer até o fim de suas vidas.

Os argumentos para assumir a dor de Auschwitz como limite de meu trabalho se apoiam em duas idéias: primeiro, esta dor afeta a toda humanidade. É uma expiação cuja herança nos legou um sofrimento indescritível e imprescritível quanto a justiça que se reclama para as vítimas. [...] Não podemos mais admitir que se construam novos campos de lento extermínio, novas favelas, novos Auschwitz. Segundo, a dor, sobretudo a agonia do outro, que é um acontecimento cuja essência serei incapaz de desentranhar, não podemos deixá-la petrificada no silêncio mudo. Devemos fazer, inclusive do silêncio um grito de resistência.⁶⁰

A despeito de um “segregacionismo coletivo”, em que se vê a vida de forma desigual e o direito a ela tão condicionado quanto,⁶¹ não torna os crimes cometidos menores, ou menos infames, afinal pena de morte é proibida constitucionalmente, pelo menos na teoria. A convenção da ONU, de 28 de setembro de 1984, define em seu art. 1º a tortura⁶² como sendo crime internacional: funcionário ligado a um Estado, mesmo

⁶⁰ MIR, Luís. **Guerra Civil: Estado e Trauma**. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 29.

⁶¹ Cf. Ibid.

⁶² “[...] qualquer ato pelo qual dores ou sofrimentos agudos, físicos ou mentais, são infligidos intencionalmente a uma pessoa a fim de obter, dela ou de uma terceira pessoa, informações ou confissões; de castigá-la por ato que ela ou uma terceira pessoa tenha cometido, ou seja, suspeita de ter cometido, de intimidar ou coagir esta pessoa ou outras pessoas; ou por qualquer motivo baseado em discriminação de qualquer natureza; quando tais dores ou sofrimentos são infligidos por um funcionário público ou outra pessoa no exercício de funções públicas, ou por sua instigação, ou com o seu consentimento ou aquiescência”. Fragmento da resolução foi retirado do portal jurídico *Âmbito Jurídico*. (RIBEIRO JR, Eurípedes Clementino. A incorporação da Convenção contra a tortura e outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes pelo Estado Brasileiro em consonância com a Justiça Global. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9862&revista_caderno=16>. Acesso em: 15 Jan. 2013.)

no exercício de suas funções, é crime infligir danos físicos ou psicológicos com o objetivo de adquirir uma confissão ou informações sobre terceiros.⁶³

A despeito das contradições do protagonista da trama, em Berlin, a película vence e recebe Urso de Ouro, ao disputar com outros 21 filmes, incluindo o documentário *Standard Operating Procedure* (2008, Errol Morris) sobre abuso e tortura na prisão do Iraque Abu Ghraib, cometidos a suspeitos de terrorismo, o qual recebeu igualmente o prêmio de melhor documentário. Dois filmes do gênero guerra são premiados. Se considerar as cenas de violência, tortura e mortes (atacando inclusive mulheres, adolescentes e invasões de domicílios), bem como o símbolo de medo que os “caveiras” impõem àquelas populações, a temática de terrorismo do documentário não está longe da ficção de Padilha.

As cenas de *Tropa de Elite* que mostram o funcionamento da ONG são os momentos não violentos⁶⁴ do morro, voltada, sobretudo, para atividades educacionais. Contudo, é um espaço sempre cercado de muitas armas e drogas, servido também como canal de comunicação entre a criminalidade e os estudantes. A ONG faz parte do sistema de distribuição de entorpecentes, representado no filme pelas personagens Edu (Paulo Vilela) – estudante também chamado de “playboy” – e Baiano (Fábio Lago), o “dono do morro”.

A universidade aparece na obra sob o prisma do aspirante e estudante Matias: personagem dividido entre a atividade policial e o direito teórico. Os demais estudantes possuem um discurso de medo com relação às forças policiais, além de desconfiarem da

⁶³ No código penal brasileiro esse artigo foi incluindo pela Lei n.º 9.455/1997

⁶⁴ Esta pesquisa entende o conceito de violência enquanto diferente e contraditório ao poder, sendo em alguns momentos instrumento do poder, mas nunca motriz geradora do poder. Hannah Arendt, em seu livro **Da Violência**, assim resume: “[...] politicamente falando, é insuficiente dizer não serem o poder e a violência a mesma coisa. O poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder esteja em perigo, mas se se deixar que percorra o seu curso natural, o resultado será o desaparecimento do poder. Tal coisa ‘significa que não é correto pensar na não- violência como o oposto da violência; falar do poder não-violento é realmente uma redundância. A violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo. A grande confiança de Marx e Hegel no ‘poder dialético da negação’ em virtude do qual os opostos não se destroem, mas sim desenvolvem-se naturalmente transformando-se um no outro, visto que as contradições promovem, ao invés de paralisar o desenvolvimento, repousa em um preconceito filosófico muito mais antigo: o de que o mal é nada mais do que uma forma de privação do bem; [...] Com essas considerações, não pretendo equacionar a violência com o mal; desejo tão somente salientar que a violência não pode originar-se de seu oposto, que é o poder, e que para compreendê-la pelo que é, teremos que proceder ao exame de suas raízes e sua natureza”. (ARENDT, Hannah. **Da Violência**. Tradução de Maria Claudia Drummond. Brasília: Ed. UnB, 1985, p. 35-36.) Assim os momentos filmados na ONG apresentam o seu funcionamento nos instantes em que o grupo de criminosos detém o poder sobre o território do morro, ou seja, apenas enquanto não estão disputando com outras facções ou a polícia.

instituição. Entretanto, demonstram um conhecimento superficial sobre as atividades exercidas e do funcionamento da corporação, emitindo discursos sem fundamentação ou baseados em experiências pessoais. Também são apresentados como consumidores de drogas e, no juízo de valor do narrador, são tidos como corresponsáveis pela violência existente na cidade.

Mas como a polícia é apresentada no filme? Observa-se uma divisão dentro da força policial. Por um lado, existe a força convencional caracterizada como burocrática, corrupta, mal remunerada, mal treinada, despreparada e ineficaz. Em contrapartida, há o pequeno destacamento de Operações Especiais, íntegro, com soldados treinados para entrarem em uma guerra, ágil, racional e eficaz, todavia igualmente mal remunerado.

O que torna *Tropa de Elite* uma obra singular não é só a qualidade dos efeitos especiais, assinada por nomes como Bruno Van Zeebroek, de *Transformers*, William Boggs, de *Homem-aranha*, e Keith Woulard, vindos pela parceria com a The Weinstein Company. Também não se trata apenas da presença de um grande elenco. O seu diferencial está no ponto de vista de quem narra os acontecimentos: as imagens da sociedade, da universidade, da favela, da violência urbana e a corrupção policial são apresentadas a partir da perspectiva do narrador policial, igualmente vítima de um sistema excludente. Nas palavras de um de seus roteiristas, Bráulio Mantovani, esse é um dos pontos chave para diferenciar *Tropa* de outras obras como, por exemplo, *Cidade de Deus* – outro roteiro do mesmo autor. Afinal, “No *Tropa*, o ponto de vista é o da polícia que invade a favela”⁶⁵ enquanto nos anteriores adotam ou a posição de moradores, criminosos ou usuários de drogas.

Retratar a violência, a tortura, a realidade dura e difícil das favelas não é um tema inédito no cinema nacional. O filme cumpre um papel de denúncia social, realizado através da ficção, enquanto narrativa do cotidiano de seus heróis/anti-heróis membros da corporação policial. As ações sanguinolentas não são tratadas como um simples conflito entre o certo e o errado, entre vilões e mocinhos, polícia e ladrão. Trata-se, na verdade, de um trauma da sociedade brasileira, constantemente chamado de guerra pelo narrador. Esta é outra imagem, além da de sociedade, favela, universidade, violência, polícia, etc., que merece destaque no filme, pois evoca discussões importantes

⁶⁵ DUARTE, Denise. Bráulio Mantovani – O Roteiro de *Tropa de Elite*. **Roteiros Online**, Rio de Janeiro/São Paulo, 21 out. 2007. [Entrevista Bráulio Mantovani] Disponível em: <www.roteirosonline.com.br>. Acesso em: 23 out. 2012.

sobre a forma como a sociedade brasileira tem enfrentado os problemas de segurança pública.

2.1 – O QUE É GUERRA EM *TROPA DE ELITE*?

Ao longo de todo o filme, o termo guerra⁶⁶ é recorrente no discurso do narrador, sendo utilizado explicitamente treze vezes por Nascimento e uma única vez pela personagem Capitão Fábio totalizando, assim, quatorze vezes. Os traços de que o filme versará sobre violência policial, criminalidade urbana e corrupção aparecem já no início do filme desde a abertura da película.

Após cerca de um minuto e meio exibindo os patrocinadores,⁶⁷ a imagem se torna estática com uma citação do psicólogo social Stanley Milgran (1974): “A psicologia social deste século nos ensinou uma importante lição: usualmente não é o caráter da pessoa que determina como ela age, mas sim na situação na qual ela se encontra”.⁶⁸ Uma frase consonante com o atual sistema penitenciário deficitário do Brasil, que responsabiliza o meio pelas ações dos indivíduos e as penas são vislumbradas como uma ação vingativa da sociedade, como ressalta Alba Zaluar em “Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência”.

Nos anos 70, a teoria do rótulo, que serve mais para explicar a condenação do que propensão para o ato criminoso, foi levada às suas últimas consequências quando desenvolveu-se a teoria crítica que propõe uma radical transformação dos sistemas penais, com a eliminação da própria ideia de prisão, associada ao castigo e à vingança. Essa teoria, de curta duração nos países mais ricos e desenvolvidos do mundo, continua a se mostrar influente apenas em alguns países da América Latina como o Brasil.

⁶⁶ “O Vocábulo guerra deriva *werra* – grito de combate –, que dá, no baixo latim, *guerra*, no francês, *guerre*, no alemão, *wehr*, no inglês, *war*, no espanhol, no português e no italiano, *guerra*. O fenômeno da guerra dá-se em todas as sociedades, das mais arcaicas às mais modernas, em todas as civilizações e épocas”. MIR, Luís. **Guerra Civil: Estado e Trauma**. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 13.

⁶⁷ Nas entrevistas contidas nos extras do filme José Padilha e Marcos Prado, diretor e produtor, explicam as dificuldades de conseguirem arrecadar dinheiro para o filme, sendo a Zazen Produções uma pequena produtora até a estreia do filme, sendo ele o primeiro longa metragem e o de maior custo até a sua produção. O que justifica a necessidade de tantos patrocinadores e, portanto, o longo tempo em apresentá-los.

⁶⁸ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:01:25 min até 00:01:35 min.

Todas essas teorias forma, em maior ou menor grau, criticadas pelo compromisso com o positivismo que transformava as pessoas em objetos e seu comportamento em fatalidade ou determinação.⁶⁹

O primeiro contato do público com a trama se dá a partir de cenas de um baile *funk* no morro da Babilônia, com imagens da comunidade em festa, traficantes exibindo suas armas como símbolo de poder e status. A música *Rap das Armas* (de MC Júnior & MC Leonardo e da Bateria da Rocinha) servem de fundo à narração *off* da personagem Capitão Nascimento que diz: “Minha cidade tem mais de 700 favelas... quase todas dominadas por traficantes armados até os dentes. É só nego de R-15, Pistol Uze, HK e por aí vai. No resto do mundo... este tipo de armamento é usado na guerra. Aqui, são as armas do crime”.⁷⁰

Nessa primeira fala, o narrador faz uma distinção importante entre guerra e crime: remete ao termo guerra como sendo algo que ocorre fora do Brasil, contrastando com o que ocorre aqui: o “crime”. Trata-se de um discurso bastante comum, no qual a violência é tratada como “conflito urbano”, tal como aponta o historiador Eric Hobsbawm em **Globalização, democracia e terrorismo**.⁷¹

Nos anos recentes, a situação complicou-se ainda mais com a tendência ao emprego do termo “guerra” nos discursos políticos para designar o uso da força armada contra diversas atividades nacionais ou internacionais vistas como anti-sociais – a “guerra contra a máfia”, por exemplo, ou a “guerra contra os cartéis das drogas”. [...] Essa terminologia imprecisa também confunde com ações de dois tipos distintos de forças armadas. Uma – vamos chamá-la de “exército” – dirige-se contra outras forças armadas com o objetivo de derrotá-las. A outra – vamos chamá-la de “polícia” – dedica-se, a manter ou restabelecer o grau requerido de respeito à lei e à ordem pública dentro de uma entidade política preexistente, tipicamente um país.⁷²

Em palestra realizada no ano anterior (2012), nas dependências da UFU, o historiador italiano Giovanni Levi, quando questionado sobre a não associação dos presidentes brasileiros a ditadores e até mesmo condecorados como pacifistas enquanto

⁶⁹ ZALUAR, Alba. Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano. **Galeras cariocas: território de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, p. 19.

⁷⁰ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:02:26 min. até 00:02:46 min.

⁷¹ Cf. HOBBSAWN, Eric. Guerra e Paz no século XX. In: _____. **Globalização, democracia e terrorismo**. 4reimp. Tradução de José Viegas. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 23.

⁷² Ibid., p. 27.

mantém uma situação de grande mortalidade e torturas em todo território nacional, foi reticente ao construir sua reposta, alegando que se trata de um problema de desigualdade social.

[...] e agora, eu penso que, Foucault, Michel Foucault, que tem insistido sobre esse problema, que é ao mesmo tempo um trabalho histórico e político. Uma excessiva atenção, sobre a onipotência do poder, mas foi identificado tema histórico e político, nós trabalhamos com uma aluna que trabalha com pessoas que não são aceitas socialmente, outro discutia o problema dos presídios. [...].⁷³

Além de ressoar com essa historiografia, a fala do Capitão também é coerente com a Constituição Federal de 1988, apesar da CF⁷⁴ ser lacunar sobre o que seria uma guerra interna ou civil. Apenas os artigos 21º inciso II, 22º inciso III e 89º inciso XIX tratam a questão da guerra e simplesmente atribuem a declaração como função da União e responsabilidade do Presidente da República. Contudo, ela prevê três exceções em que as Forças Armadas podem ser utilizadas para manutenção da ordem.

O Presidente da República pode, ouvidos o Conselho da República e o Conselho da Defesa Nacional, decretar estado de defesa para preservar ou prontamente restabelecer, em locais restritos e determinados, a ordem pública ou a paz social ameaçada por grave e iminente instabilidade Institucional ou atingidas por calamidades de grandes proporções na natureza.⁷⁵

O estado de defesa, seria a primeira medida. Em caso de agravamento pode ser decretado o estado de sítio, ou em caso de uma ameaça nacional, o outro recurso seria a intervenção federal. Tais ações ocorreriam em caráter de exceção e temporariamente priva os cidadãos de alguns direitos constitucionais.

Existem ainda previstas em Lei outras três formas de exceção com possível intervenção, que seriam: na realização de investigações criminais no âmbito do inquérito policial militar; em operações de policiamento ostensivo de contextos em que

⁷³ LEVI, Giovanni. **O que é ser historiador hoje?** Palestra realizada nas dependências da Universidade Federal de Uberlândia, 2012, não publicado. [Transcrito e traduzido]

⁷⁴ Para maiores detalhes, CF disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

⁷⁵ BRASIL. Título V – Da defesa do Estado e das Instituições Democráticas. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 2010 [1988], p. 109. Cap. I; Seção I; Art. 136º.

predomine o interesse nacional, em especial em visitas de chefes de estados estrangeiros; por último há um caso, tido por alguns autores como inconstitucional:⁷⁶

Com se vê, a LC nº 117⁷⁷ estabelece a possibilidade de o Governador do Estado reconhecer a insuficiência dos meios de que dispõe para garantir a lei e a ordem e, com isso, solicitar o emprego das Forças Armadas. Não haveria, nessa hipótese, a necessidade de decretação de estado de defesa, de estado de sítio ou de intervenção federal.⁷⁸

Nessa mesma página, em nota de rodapé, o autor supracitado, lembra o leitor do triste episódio ocorrido no final de 1994, a “Operação Rio”, em que as Forças Armadas ocuparam diversas áreas da cidade do Rio de Janeiro, sem o decreto de qualquer medida excepcional. Traços de uma política antiquada de segurança pública, baseada na impermeabilidade das corporações policiais, com resíduos da ditadura militar, colocando pra si papel de “combater” os criminosos.⁷⁹

Devido às chamadas políticas de “combate”, a polícia articula “estratégias de guerra” e considera as favelas como “territórios hostis”. A partir deste sentido, presente na segunda vez que o termo é utilizado por Nascimento, a guerra não se mostra externa ao Brasil, ao contrário trata-se de um conflito social de grandes proporções e mortalidade, resultado do conflito entre o narcotráfico e a polícia. O assassinato cometido por Neto é um momento marco que muda a trajetória dos aspirantes, justificado pela narrativa:

No Rio de Janeiro, quem quer ser policial deve escolher. Ou se corrompe ou se omite ou vai para a guerra. E, naquela noite, Neto e Matias... Fizeram a mesma escolha que eu havia feito 10 anos antes. Eles foram para a guerra.⁸⁰

Assim, a transferência do “inimigo interno” (outrora comunista, agora “traficante”), pode não configurar à primeira vista, a “guerra lá de fora”, mas exige uma

⁷⁶ Cf. SOUZA NETO, Cláudio Pereira de. A Segurança Pública Na Constituição Federal De 1988: Conceituação Constitucionalmente Adequada, Competências Federativas E Órgãos De Execução Das políticas. **Revista Atualidades Jurídicas** – Revista Eletrônica do Conselho Federal da OAB, Brasília, n. 1, p. 33-34, Mar./Abr. de 2008. Disponível em: <<http://www.oab.org.br/editora/revista/0803.html>>. Acesso em: 15 Fev. 2013.

⁷⁷ A Lei Complementar 117/2004, citada por Souza Neto, é referente às retificações na LC 97/1999.

⁷⁸ SOUZA NETO, 2008, op. cit., p. 38

⁷⁹ Cf. Ibid., p. 4.

⁸⁰ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:05:22min. até 00:05:36min.

estratégia de guerra, o que tem justificado a tomada de medidas excepcionais, na qual há perda temporária dos direitos constituintes, daqueles socialmente excluídos.⁸¹ De acordo com a narração do filme, ou seja, a do capitão, a guerra está presente na vida de todos os policiais enquanto alternativa à apatia e à corrupção, escolha esta feita pelo próprio narrador a guerra é um caminho, uma alternativa, uma estratégia. Algo estranho a um espectador desatento, afinal nem o Conselho da República ou o Conselho da Defesa Nacional foram ouvidos para que estivessemos em uma situação de exceção.

Hobsbawm diz que há um uso equivocado na terminologia guerra. Segundo ele, o termo é usado como discurso político para tratar o conflito entre as polícias e os cartéis de drogas, a natureza do conflito e serem as forças auxiliares a desempenharem o papel beligerante no conflito. Nesta perspectiva, o termo se torna exagerado. No entanto, a guerra por si só é um ato político, e discursos que mobilizem e dividam populações podem sim levar a uma situação de guerra, como aponta Luís Mir:

A ideia de guerra é sem exceção, um pressuposto da política. Um mundo sem esta possibilidade é um mundo sem política. As contraposições religiosas, morais econômicas ou étnicas se transformam em políticas se forem capazes de reagrupar os homens em amigos e inimigos.⁸²

No filme de Padilha, o termo inimigo é utilizado duas vezes. Primeiramente na voz de Nascimento, após sentenciar a morte um policial convencional, quando justifica: “Para mim, quem ajuda traficante a se armar... também é inimigo”.⁸³ Posteriormente seu antagonista Baiano também o utiliza, ao confrontar os responsáveis pela ONG: “Vou lhe dar uma explicação. PM aqui, no morro, é inimigo. É alemão”.⁸⁴

A trilha sonora varia desde *hits* do rock’n’roll dos anos 1980, como *Polícia dos Titãs*, até os MC’s do morro carioca. Esta parece dialogar com a narrativa do filme, afinal a voz do MC é usada na abertura ao falar de um “problema nacional”, a violência e as más condições de moradia nas favelas. A tentativa de uma narração verossímil é corrente – de forma intencional ou não – a narração em *off*, após cerca de 3 minutos de filme, serve como parte explicativa da trilha ao fundo que cita algumas armas, “[...] 7.65

⁸¹ Cf. MIR, Luís. **Guerra Civil**: Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 127.

⁸² Ibid., p. 121.

⁸³ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:10:11min até 00:10:16 min.

⁸⁴ Ibid., trecho: 01:09:39min até 01:09:44 min.

e 7.62”, em seguida o Capitão ilustra: “Um tiro de 7.62 atravessa um carro como se fosse papel...”⁸⁵ revelando ao espectador que essas armas são, de fato, perigosas e potentes.

Nas produções contemporâneas do cinema brasileiro está presente a preocupação com tais formatos de representação social, identificados com a realidade. Os filmes buscam uma estética que tem como modelos o cinema documentário e também a dramaturgia presente nas telenovelas.⁸⁶

Para além da preocupação estética de uma “representação social, identificados com a realidade”, o filme conta com um enredo envolvente, câmeras em pulso, imagens em movimento dos becos e vielas estreitas das favelas. Auxiliam assim, a produzir um efeito de realismo desejado. A trilha sonora com ritmos ora mais acelerados e ora mais dramáticos, com pausas para o silêncio, auxiliam o sentimento de catarse, acelerando e diminuindo o ritmo da narração.

Antes da apresentação oficial do BOPE, o disparo de Neto resulta no fim do “equilíbrio”⁸⁷ – assim chamado pelo narrador – gerando um conflito, no qual a polícia convencional perde o controle da situação e precisa recorrer ao Batalhão de Operações especiais e, pela quarta vez, o termo guerra é utilizado para justificar a necessidade do Batalhão: “Neto e Matias não tinham a menor chance de escapar do tiroteio. Os policiais convencionais não são treinados para a guerra”.⁸⁸

O Batalhão é apresentado como um símbolo de medo, imposto desde o fardamento negro, com o emblema de uma Caveira,⁸⁹ pistolas e facas ao fundo, além de

⁸⁵ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:02:53min. até 00:02:56min.

⁸⁶ PAIVA, Celina M. S. de Castro. **Cinema e Filosofia uma Interlocução Possível** – A ética, a cultura organizacional e a estética da violência em filmes Clube da Luta e Tropa de Elite. São Paulo: UAM, 2009, p. 36.

⁸⁷ “A verdade é que a paz, aqui, depende do equilíbrio delicado... entre a munição dos bandidos e a corrupção dos policiais. Honestidade, não faz parte do jogo. Quando o convencional honesto sobe favela, parceiro... geralmente dá merda”. **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:03:52 min até 00:04:14 min.

⁸⁸ Ibid., trecho: 00:06:32 min até 00:06:41min.

⁸⁹ Alexandre Neto delegado de polícia aposentado e Secretário de Segurança Pública Municipal de Maricá (RJ) explica o símbolo da caveira: “O símbolo da caveira transpassada por um sabre é antigo nos meios militares e estaria a significar a vitória sobre a morte, sendo que tal lenda se remeteria ao final da Segunda Guerra Mundial, quando um comando britânico de operações especiais, depois de invadir um QG alemão, encontrou um crânio num gabinete nazista. Prontamente, o comandante da operação da tropa britânica que fizera a invasão, encravou seu punhal no objeto macabro, dizendo que aquele ato ‘significava a vitória sobre a morte’. Porém nos dias de hoje, a caveira passou a ganhar

contar com blindados. Com oficiais fortemente armados e conhecido pelas abordagens truculentas, devido a seus assassinatos e torturas.

Essa imagem é reforçada na obra **Elite da Tropa**, publicada no ano anterior ao filme, composta também a partir de depoimentos de oficiais e ex-oficiais do BOPE, com coautoria de dois ex-policiais do BOPE, Rodrigo Pimentel e André Batista. “O BOPE não foi preparado para enfrentar os desafios da segurança pública. Foi concebido e adestrado para ser uma máquina de guerra. Não foi treinado para lidar com cidadãos e controlar infratores, mas para invadir territórios inimigos”.⁹⁰ A missão de destruir e matar é reafirmada diariamente através dos cantos de guerra, os quais servem não apenas para marcar ritmo e manter a concentração, mas também para introjetar nos soldados os objetivos a serem alcançados.

“Homens de Preto,
qual é sua missão?
É invadir a favela
e deixar corpo no chão.”

“Você sabe quem eu sou?
Sou o maldito cão de guerra.
Sou treinado pra matar.
Mesmo que custe minha vida,
a missão será cumprida,
seja ela onde for
– espalhando a violência, a
morte e o terror”

“Sou aquele combatente,
que tem o rosto mascarado;
uma tarja negra e amarela
que ostento em meus braços
me faz incomum:
um mensageiro da morte.
Posso provar que sou um
forte,
Isso se você viver.
Eu sou Herói da nação”.⁹¹

No início da película a preocupação maior está no mote da honestidade e não da violência, aspecto esse reforçado na fala de um dos policiais convencionais: “Faca na caveira e nada na carteira”.⁹² Esta característica é o que os diferencia completamente da polícia convencional. A obra literária também utiliza a honestidade como diferencial entre as polícias, justificativa para o abuso de poder, da brutalidade das ações, que incluem invasões domiciliares, depredação do patrimônio privado, até torturas e mortes,

notoriedade com o advento dos filmes ‘Tropa de Elite 1 e 2’, que desnudou as diversas facetas da Polícia Militar, tendo como pano de fundo o binômio corrupção e violência, ungido pelo princípio maquiavélico de que ‘os fins justificam os meios’, cuja ideologia pregava o relativismo da ética e da moral quando se busca um determinado objetivo”. NETO, Alexandre. Caveiras de ontem e hoje. **Repórter de Crime**, Rio de Janeiro, blog, 28 set. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/reporterdecrime/posts/2011/09/30/alexandre-neto-caveiras-de-ontem-de-hoje-408277.asp>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

⁹⁰ SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 8. [Edição de Bolso]

⁹¹ Ibid., p. 9.

⁹² **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:07:47 min até 00:07:49min.

ações inconstitucionais representados em algumas cenas das ações do Batalhão Alfa de Nascimento.

Na sequência, após a apresentação do Batalhão, o narrador se apresenta: “Meu nome é Capitão Nascimento. Eu chefiava a Equipe Alfa do BOPE. Já estava naquela guerra faz tempo... e estava começando a ficar cansado dela”.⁹³ Junto a sua introdução pessoal faz referência novamente à guerra, reafirmando o segundo sentido do termo e já com enunciando sua missão pessoal – encontrar um substituto para poder sair do BOPE.

O recurso de utilizar a trilha sonora como ponto de diálogo é novamente aplicado: a imagem se torna estática ao som da música *Tropa de elite*, do Tihuana; enquanto isso a narração continua a falar sobre o batalhão. A última imagem estática retrocede o tempo da trama para “6 MESES ANTES”, introduzindo o recurso de *flashback*, com o objetivo de fazer o espectador entender como os envolvidos tornaram-se parte daquele conflito.

O termo Guerra ainda é utilizado ao longo da narrativa mais nove vezes, entretanto em apenas uma delas toma um terceiro sentido. Esta ocorre na fala do Capitão Fábio quando questionado pelo Coronel sobre alguns corpos que apareceram no relatório do aspirante: “São aqueles filhos-da-puta, coronel. Eu pego os corpos e jogo lá. Eles jogam aqui, eu jogo lá... É a guerra da carne”.⁹⁴

Esta ação se dá por uma prática de alguns coronéis, que para diminuir a criminalidade simplesmente mudam a localidade dos corpos para o território de outros batalhões. A guerra da carne, nos termos do Cap. Nascimento, seria fruto da disputa entre comandantes que para diminuir índice expresso pela relação de defuntos por local; com o objetivo de ter o mínimo de corpos em sua área.

As outras falas são todas de Nascimento. Após mais uma discussão com a esposa, remetendo ainda à sua fala anterior, ele é enfático: “A guerra sempre cobra seu preço. E, quando o preço fica alto demais, é hora de pular fora. Foi quando Neto e Matias entraram na minha história”.⁹⁵ O termo aborda o mesmo conflito, do qual já estava cansado e que justifica a necessidade de encontrar logo um substituto. Na fala

⁹³ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:07:54 min até 00:08:02 min.

⁹⁴ Ibid., trecho: 00:46:25 min até 00:46:30 min.

⁹⁵ Ibid., trecho: 00:12:08 min até 00:12:20 min.

posterior do narrador, o termo não é mais sinônimo de cansaço e sim de motivação para a entrada de Neto ao Batalhão:

Neto decidiu entrar para o BOPE porque ele gosta de guerra. Matias veio junto porque era um policial que acreditava na lei. O corrupto veio com eles. Se Fábio ficasse no batalhão, o coronel iria matá-lo. Coitado. O cara não sabia que, perto de mim, o coronel era uma moça.⁹⁶

Na narrativa sobre o treinamento dos aspirantes o termo serve como justificativa para a brutalidade (física e mental) que os soldados são submetidos ao desejarem entrar nas operações especiais. “Para lutar na guerra contra o tráfico... o cara tem de ser capaz de aguentar tudo”.⁹⁷ Adiante continua: “Nosso curso prepara os policiais para a guerra. E não adianta me dizer que isso é desumano. Enquanto os traficantes tiverem dinheiro para se armar... a guerra continua. Todo policial do BOPE aprende isso”.⁹⁸ E, portanto, essa é a imagem que o BOPE tem das questões que envolvem a violência e a Segurança pública de acordo com a narração fatalista de um conflito quase interminável.

O filme exhibe um treinamento violento e brutal, características estas presentes também nas páginas da obra literária **Elite da Tropa** como, por exemplo, na narração na qual um dos recrutas necessita segurar uma granada sem pino para não dormir, passagem análoga à da película. Todavia, o cansaço é narrado de forma mais aguda,⁹⁹ pois os recrutas tiveram que antes cavalgar sem arreios por 100 km; suas coxas e nádegas são descritas como em “carne viva” e o treinamento ocorre com eles sentados em bacias de salmouras.¹⁰⁰

⁹⁶ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 01:10:35 min até 01:10:53 min.

⁹⁷ Ibid., trecho: 01:13:15 min até 01:13:19 min.

⁹⁸ Ibid., trecho: 01:29:45 min até 01:29:58 min.

⁹⁹ A revista *Veja*, ao analisar a recepção que os soldados do BOPE tiveram do filme, diz que o treinamento de três meses é o mais forte e ainda mais agressivo do que o retratado na ficção: “Nesse curso, a rotina do aluno é quebrada. Ele dorme muito pouco, se é que dorme, alimenta-se muito pouco, quando se alimenta, e é submetido a tarefas extenuantes”, diz o comandante do Bope, o coronel Pinheiro Neto [...] Houve o caso de um aluno que não voltou pra casa: morreu afogado, depois de um treinamento que o obrigou a ficar um bom tempo nas águas geladas de uma represa”. SOARES, Ronaldo. Máquina Letal Contra o Crime – Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 88, 17 out. 2007.

¹⁰⁰ Cf. SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 17-18. [Edição de Bolso]

Em um diálogo entre Alice e Renata,¹⁰¹ na segunda parte do livro intitulada “Dois anos depois: A cidade beija a lona”, Alice detalha à amiga o treinamento do namorado, que além de demandar provas que colocam os limites de medo e esforço físico há também o *Charlie-Charlie* que, conforme a fala da personagem, é a forma como os policiais chamam o CC (Campo de Concentração). O psicológico do policial é atacado e colocado ao limite, sendo descrito como a fase mais difícil do treinamento, pior até que as torturas: pau de arara, cadeira do dragão, afogamento, surras. De acordo com o livro, os soldados do BOPE são torturados como parte do processo de seu treinamento.¹⁰²

O crime hediondo de guerra, a tortura,¹⁰³ permanece enquanto uma prática comum no Brasil, a despeito da sua proibição na Carta Magna (1988). O Art. 5º inciso III da CF estabelece-se que “ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante”, bem como o inciso XLIII em que “[...] a lei considera crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem”.¹⁰⁴

Os métodos de tortura aplicados no treinamento dos policiais de operações especiais¹⁰⁵ servem para que, caso sejam capturados, consigam resistir e não fornecerem

¹⁰¹ No livro, a personagem Alice de Andrade Melo é namorada de um policial do BOPE, que é também narrador da primeira parte do livro, em muitos aspectos se assemelha ao personagem do filme André Mathias e Renata Fontes é ex-mulher de Santiago, policial convencional corrupto, e também assistente social da penitenciária de segurança máxima Bangu I.

¹⁰² Cf. SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 319-320. [Edição de Bolso]

¹⁰³ A Lei que define o crime de tortura é a Lei n. 9.455, de 7 de abril de 1997. Para maiores detalhes, CF disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9455.htm

¹⁰⁴ BRASIL. Título II – Dos direitos e garantias fundamentais. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 2010 [1988], p. 8. Cap. I; Art. 5º; Inciso XLIII.

¹⁰⁵ Brutal ou não conforme noticia revista *Veja*, seu treinamento os torna uma tropa de excelência em desempenho militar: “‘Existe um reconhecimento mundial do padrão de excelência do Bope’, diz Leonardo Barreto, ex-tenente do Exército que já fez cursos com polícias especializadas nos Estados Unidos, Israel, Itália e Espanha. Quando está de serviço, o policial fica 24 horas de prontidão – a média é de uma operação por dia. Quando não há missão, treina-se o tempo todo. Com sua expertise, o grupo já formou mais de 2.000 homens, entre policiais de outros estados, agentes federais e militares. Na semana que vem, 160 homens da Força da Paz do Exército passarão por um período de aperfeiçoamento no Bope, antes de seguir para missões no Haiti e no Sudão”. SOARES, Ronaldo. *Máquina Letal Contra o Crime – Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo*. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 88, 17 out. 2007.

qualquer informação até mesmo mediante outra tortura. Afinal, existe a chance de serem torturados pelos traficantes. Ainda assim, a apatia sobre o fato é um sintomático de uma sociedade autoritária (que passou por experiências ditatoriais) traumatizada pela violência urbana, ignoram o que é feito aos marginalizados, dificilmente haveria tanta aceitação se atacassem diretamente outros substratos étnicos sociais, como evidencia Marc Ferro nas palavras do poeta Aimé Césaire:

O que o burguês super cristão do século XX não perdoa a Hitler não é o crime em si, não é a humilhação do homem em si, mas o crime contra o homem branco [...] de ter aplicado à Europa procedimentos que até então abrangiam os árabes, os cules da Índia e os negros da África.¹⁰⁶

Em nome da “guerra” as leis, os direitos humanos e a Constituição são ignoradas. Cláudio P. de Souza Neto fala que esta “cultura institucional”¹⁰⁷ faz uma compreensão equivocada sobre a função da polícia, entendendo-a como um meio de manter a ordem e não de preservar as leis.

Legitima-se, então ações policiais truculentas, torturas e prisões arbitrárias. Em regra, essas práticas se articulam com um olhar seletivo, que constitui ‘inimigo da ordem’. O papel geralmente recai sobre os excluídos, em especial sobre os negros e os moradores de favelas, que figuram como alvo principal da perseguição criminal. Trata-se da conhecida ‘reação em cadeia da exclusão social’, que atinge parte considerável da população brasileira, reduzida à condição de ‘subcidadania’.¹⁰⁸

¹⁰⁶ CÉSAIRE, 1955 apud FERRO, Marc. O colonialismo, avesso da colonização. In: _____. (Org.). **O livro negro do colonialismo**. Tradução de Joana Angélica D’Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 10.

¹⁰⁷ A divergência entre essa cultura citada e a Leis são sentidas pela corporação policial, como revela a pesquisa realizada pela Fundação João Pinheiro da UFMG, concluída em 2001, em que 41,9% dos policiais foram entrevistado e 67,9% dos praças “concordam totalmente” com a afirmação de que “o policial militar, hoje, encontra-se impossibilitado de realizar bem o seu trabalho, já que existem muitas leis que garantem direitos aos criminosos”. Cf. SAPORI, Luís Flávio. Os desafios da polícia brasileira na implementação da ‘ordem sob a lei’. In: RATTON, José Luiz; BARROS, Marcelo. (Coords.). **Polícia, democracia e sociedade**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007, p. 126.

¹⁰⁸ SOUZA NETO, Cláudio Pereira de. A Segurança Pública Na Constituição Federal De 1988: Conceituação Constitucionalmente Adequada, Competências Federativas E Órgãos De Execução Das políticas. **Revista Atualidades Jurídicas** – Revista Eletrônica do Conselho Federal da OAB, Brasília, n. 1, p. 13-14, Mar./Abr. de 2008. Disponível em: <<http://www.oab.org.br/editora/revista/0803.html>>. Acesso em: 15 Fev. 2013.

O termo guerra surge novamente, com a indignação do narrador: “O Turano em guerra e o Papa vai dormir em cima do morro?”.¹⁰⁹ Este é o momento em que é designada ao Batalhão sua principal missão: garantir o “sono do Papa” que, em visita ao Brasil, decide dormir na casa de um arcebispo que mora no morro do Turano.¹¹⁰

A despeito das discordâncias de Nascimento em relação ao planejamento da ação, que abria mão do efeito surpresa e trazia a possibilidade de muitas baixas ao batalhão, o Coronel é irredutível, alegando não ter conseguido dissuadir o secretário de segurança do contrário. Venceria a máxima do filme: missão dada é missão cumprida, sendo esta uma operação de tempo escasso, apenas 3 meses, logo seriam necessárias incursões diárias. Em *off*, Nascimento reclama da percepção tolhida do Papa quanto à “realidade” social brasileira, apesar de ter sido aquela a sua segunda visita ao país. Justifica que ação do BOPE ocorreria por ordem do governador, por não desejar correr o risco de uma “bala perdida” acertar a cabeça de Sua Santidade.

Uma vez que o Papa é um chefe de Estado, existia uma exceção prevista em Lei que permite ao Governador requisitar a ação das Forças Armadas ao invés do BOPE: “[...] a execução de operações de policiamento ostensivo em contextos em que predomine o interesse nacional, em especial em visitas de chefes de estados estrangeiros”.¹¹¹ Contudo, na narrativa fílmica, o Batalhão é considerado dotado de soldados melhores até mesmo que os das Forças Armadas (nacional ou internacional): “Nem o exército de Israel treinam soldados como nós”,¹¹² avalia o Capitão Nascimento, o que lhes conferia a habilidade suficiente para garantir a segurança do Pontífice.

¹⁰⁹ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:16:39 min até 00:16:41 min.

¹¹⁰ São Carlos, no Estácio, Morro da Mineira e o Morro da Coroa, no Catumbi, Morro do Querosene, no Rio Comprido e Comunidade da Chacrinha, na Tijuca. Grande parte dos morros da Tijuca faziam parte de antigas fazendas de café da Zona Norte. Alguns foram batizados com o mesmo sobrenome da família proprietária das terras. Um deles foi o Morro do Turano, em homenagem a uma família de aristocratas carioca no século XIX. Em 30 de setembro de 2010 a comunidade passou a ser atendida pela 12º UPP com o efetivo de 176 policiais. Para maiores informações sobre a ocupação ver: MILAZZO, Daniel. Ocupação do morro do Turano, no Rio, tem troca de tiros. **Notícias Uol**, 10 Out. 2010. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/08/10/ocupacao-do-morro-do-turano-no-rio-tem-troca-de-tiros.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2013

¹¹¹ SOUZA NETO, Cláudio Pereira de. A Segurança Pública Na Constituição Federal De 1988: Conceituação Constitucionalmente Adequada, Competências Federativas E Órgãos De Execução Das políticas. **Revista Atualidades Jurídicas** – Revista Eletrônica do Conselho Federal da OAB, Brasília, n. 1, p. 35, Mar./Abr. de 2008. Disponível em: <<http://www.oab.org.br/editora/revista/0803.html>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

¹¹² **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 01:12:57 min até 01:13:00 min.

A última passagem do filme em que o termo guerra é o utilizado se dá em forma de ironia: “Só rico e com consciência social é que não entende que guerra... é guerra”.¹¹³ Nascimento brinca com o termo “consciência social” que Rodrigues (André Mauro) havia empregado ao dizer a André que não haveria risco de subir a favela (logo no início da trama). A personagem Rodrigues seria, dois minutos após a narração, vítima da criminalidade, obtendo uma morte terrível conhecida como “micro-ondas”, na qual o sujeito é colocado dentro de pneus e incendiado. Uma cena impactante, sem cortes e sem dor na consciência social.

Após a compreensão dos três usos do termo – primeiro a guerra era externa ao Brasil, no segundo interna e no último uma disputa sobre a localização em que o corpo será dado como encontrado – observa-se que o sentido mais recorrente é o segundo, em que existe um conflito beligerante de grandes proporções dentro do país. Seus contornos não são simples, como também não é simples sua solução. Estão entranhadas nas corporações policiais práticas inconstitucionais, e desumanas, assim como uma grande propensão à corrupção do sistema, o que obscurece sua compreensão. A simplificação em definir como um conflito polarizado entre criminalidade e polícia não explica todas as dimensões desse conflito, vivenciado no Rio de Janeiro, mas que é comum não só no Rio, como em vários outros estados brasileiros.

¹¹³ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 01:35:19 min até 01:35:26 min.

**CORRUPÇÃO E VIOLÊNCIA POLICIAL
EM *TROPA DE ELITE*:
O NASCIMENTO DE UM (ANTI)HERÓI**

CAPÍTULO III

*[...] e é burrice pensar que, numa cidade assim... os policiais vão subir favela só para fazer valer a lei. Policial tem família, amigo, e também tem medo de morrer.*¹¹⁴

Dentro da corporação da PM dois eixos discursivos são apresentados em oposição: a naturalizada corrupção policial “O que aconteceu no Rio de Janeiro era inevitável. O tráfico e a polícia... desenvolveram formas pacíficas de convivência..., afinal, ninguém quer morrer à toa”,¹¹⁵ contraposta ao honesto BOPE, porém brutal. Entretanto, procura convencer o espectador que a violência é um preço necessário para manutenção da ordem, considerando o sistema de segurança pública atual ineficaz e corrupto.

Corrupção é crime previsto pelo Código Penal (Decreto-Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940¹¹⁶), código vigente (por incrível que pareça!), até os dias de hoje. Determinado nas formas ativa pelo Art. 333º¹¹⁷ e passiva pelo Art. 317º.¹¹⁸ Na

¹¹⁴ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:02:56 min até 00:03:06 min.

¹¹⁵ Ibid., trecho: 00:03:24 min até 00:03:33 min.

¹¹⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. A maior alteração já feita nessa lei foi no ano de 1984, na Lei Nº 7.209, DE 11 DE JULHO DE 1984. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1980-1988/L7209.htm. Neste estudo interessa a alteração feita em 2003, através da Lei Nº 10.763, de 12 de novembro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.763.htm em que as penas por crime de corrupção ativa (Art. 333º) que antes eram prevista apenas “Pena – reclusão, de 1 (um) a 8 (oito) anos, e multa”. e foi adicionado uma gravidade maior “Pena – reclusão, de 2 (dois) a 12 (doze) anos, e multa”. A única alteração posterior a isso foi no ano de 2012 em que crimes na internet passaram a compor o Código Penal pela Lei Nº 12.737, de 30 de novembro de 2012, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm. Acesso em: 15 dez. 2012.

¹¹⁷ Art. 333º – Oferecer ou prometer vantagem indevida a funcionário público, para determiná-lo a praticar, omitir ou retardar ato de ofício:

Parágrafo único – A pena é aumentada de um terço, se, em razão da vantagem ou promessa, o funcionário retarda ou omite ato de ofício, ou o pratica infringindo dever funcional.

– Contrabando ou descaminho

¹¹⁸ Art. 317º – Solicitar ou receber, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função ou antes de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida, ou aceitar promessa de tal vantagem:

§ 1º – A pena é aumentada de um terço, se, em consequência da vantagem ou promessa, o funcionário retarda ou deixa de praticar qualquer ato de ofício ou o pratica infringindo dever funcional.

§ 2º – Se o funcionário pratica, deixa de praticar ou retarda ato de ofício, com infração de dever funcional, cedendo a pedido ou influência de outrem:

Pena – detenção, de três meses a um ano, ou multa.

perspectiva do enredo fílmico, a corrupção é representada como prática cotidiana, fundamental/fundacional na relação entre policiais e a comunidade – representados pelos pequenos proprietários do comércio, como nas cenas [00:38:25 – 00:41:00] que o Capitão Fábio pede uma “merenda” ao dono do bar e sua posterior solicitação da remoção de multas por ser “amigo” do dono da oficina.

Nessa trama, não só o Código Penal é infringido, como também o Código Penal Militar (CPM),¹¹⁹ uma vez que nesta relação um representante das forças militares faz parte da ação criminosa. A corrupção na corporação militar é prevista pelo CPM no Capítulo IV, de forma passiva pelo Art. 308^{o120} e de forma ativa pelos artigos 309^o e 310^o.¹²¹ Nas cenas acima citadas ela ocorre nas duas formas (tanto ativa quanto passiva), seja cometida pelos pequenos empresários da iniciativa privada, seja pelo

Facilitação de contrabando ou descaminho

¹¹⁹ O Código Penal Militar (CPM) é regulado pelo Decreto-Lei Nº 1.001, de 21 de outubro de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1001.htm>. Acesso em: 15 dez. 2012.

¹²⁰ Art. 308^o. Receber, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função, ou antes de assumi-la, mas em razão dela vantagem indevida, ou aceitar promessa de tal vantagem:

Pena – reclusão, de dois a oito anos.

Aumento de pena

§ 1^o A pena é aumentada de um terço, se, em consequência da vantagem ou promessa, o agente retarda ou deixa de praticar qualquer ato de ofício ou o pratica infringindo dever funcional.

Diminuição de pena

§ 2^o Se o agente pratica, deixa de praticar ou retarda o ato de ofício com infração de dever funcional, cedendo a pedido ou influência de outrem:

Pena – detenção, de três meses a um ano.

¹²¹ Art. 309^o. Dar, oferecer ou prometer dinheiro ou vantagem indevida para a prática, omissão ou retardamento de ato funcional:

Pena – reclusão, até oito anos.

Aumento de pena

Parágrafo único. A pena é aumentada de um terço, se, em razão da vantagem, dádiva ou promessa, é retardado ou omitido o ato, ou praticado com infração de dever funcional.

Participação ilícita

Art. 310^o. Participar, de modo ostensivo ou simulado, diretamente ou por interposta pessoa, em contrato, fornecimento, ou concessão de qualquer serviço concernente à administração militar, sobre que deva informar ou exercer fiscalização em razão do ofício:

Pena – reclusão, de dois a quatro anos.

Parágrafo único. Na mesma pena incorre quem adquire para si, direta ou indiretamente, ou por ato simulado, no todo ou em parte, bens ou efeitos em cuja administração, depósito, guarda, fiscalização ou exame, deve intervir em razão de seu emprego ou função, ou entra em especulação de lucro ou interesse, relativamente a esses bens ou efeitos.

policial. De forma quase natural, a corrupção¹²² e as atividades ilegais são representadas de forma a mostrar que a prática atravessa todas hierarquias. O arrego do bicho é coletado pela moto do comandante e na fala posterior do Capitão Fábio o comandante mantém uma relação de corrupção também com o tráfico de drogas “Quem subia o morro... para pegar o dinheiro do tráfico era o comandante”.¹²³ Assim a corrupção aparece como algo inerente à corporação – o crime faz parte do corpo – um corpo doente, para usar uma metáfora médica.

O código penal não possui definições claras e específicas para todas as situações com as quais policiais têm que lidar no dia-a-dia, abrindo margem para negociações que podem ser legítimas, mas que também resvalam para casos que vão contra as leis. Na verdade, esta indefinição em torno das normas não é uma propriedade apenas da atividade policial, mas do serviço público em geral.¹²⁴

Na película, essa abertura para negociações escusas na PMRJ vai além da relação da polícia com a sociedade. É interna aos próprios batalhões. Na cena [00:35:31 – 00:37:10] há desvio de peças na oficina e os policiais a tratam de forma apática, como parte das atividades comuns do serviço. Até os direitos básicos do soldado como férias só são adquiridos de forma que os agentes responsáveis por conceder os benefícios recebam alguma vantagem na aprovação dos requerimentos.

No diálogo entre o Sargento Rocha e soldado Paulo [00:41:27 – 42:35] a extorsão fica clara no momento em que o sargento abre uma gaveta com documentos e vários “montinhos de dinheiro” e, em um sorriso largo, explica seu desejo em auxiliar o soldado: “Soldado Paulo! Quem quer rir, tem que fazer rir, pô!”.¹²⁵ Bastava fazer parte do sistema de vantagens pagas internas, não importando o fato de o soldado ter solicitado as férias com um ano de antecedência.

¹²² “Fazem parte dele policiais recebendo lanches de comerciantes; propinas para não aplicarem multas; segurança privada em ruas ou bairros inteiros; envolvimento direto com atividades criminosas tais como a proteção de traficantes ou bicheiros ou a participação em quadrilhas organizadas para prática de diferentes tipos de crimes e assim por diante”. BEATO, Cláudio. Corrupção policial. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção**: ensaios e críticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 399-400.

¹²³ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:41:02 min até 00:49:36 min.

¹²⁴ BEATO, 2008, op. cit., p. 401-402.

¹²⁵ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:42:20 min até 00:42:24 min.

O desvio de conduta da força policial, devido a um sistema operacional institucional discrepante à legislação de Direito democrático, vai desde a violação da Constituição até o desrespeito ao regulamento disciplinar da polícia militar. Essa é regulada por cada Estado, mas em todas se proíbe os servidores de exercerem atividades remuneradas fora da polícia militar.

Na obra **Elite da Tropa**, em diversas passagens, são narradas as experiências de policiais que fazem “bicos”,¹²⁶ seja trabalhando como taxista seja em empresas de segurança privada, o que, em muitos casos, significa toda uma rede de corrupção, em que policiais militares podem agir até de forma similar a “máfia” cobrando por proteção –aspecto retratado mais detidamente no segundo filme da série *Tropa de Elite 2*.

Um dos exemplos recorrentes diz respeito a atividades que, embora sejam formalmente ilegais para os policiais, tais atividades paralela de segurança privada, são amplamente permitidas pelas corporações. Neste caso, trata-se ou de regras que foram inadequadamente definidas, ou então de uma complacência tácita que leva ao desrespeito das regras.¹²⁷

A prestação de serviço na segurança privada é algo frequentemente aceito pelas altas hierarquias, devido aos baixos salários das polícias.¹²⁸ A prática é criticada não apenas na obra literária como também na película, tanto nas falas de Nascimento, quanto na fala de um dos soldados que compara o valor de um tênis ao seu soldo.

Os salários da PMRJ, comparado aos de outros Estados (com relação ao custo de vida), é o menor praticado atualmente, na federação:

¹²⁶ Trabalhos temporários não oficiais, em alguns casos *freelancer*, geralmente feitos para complementar a renda familiar.

¹²⁷ BEATO, Cláudio. Corrupção policial. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção**: ensaios e críticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 401.

¹²⁸ A polícia em questão analisada é a PMRJ, e o regulamento interno, que trata a prática de prestar serviço remunerado fora da PM, como transgressão é regulamentado pelo Decreto Estadual Nº 6.579 de 05 de março de 1983.



Segundo Luiz Eduardo Soares (coautor de **Elite da Tropa**), em ensaio publicado em **Corrupção: Ensaios e Críticas**, essa aceitação de transgressões, quebras de

leis e alta corrupção se dá por um efeito generalizado de corrupção. A população torna-se apática e tais práticas continuam a ocorrer cotidianamente sem censura.

Evidentemente, a repulsa social à corrupção é um antídoto importante e uma afirmação positiva da legalidade. Por outro lado, a reação por parte da sociedade, mesmo se opondo à corrupção pode ser negativos em seus efeitos, quando se manifesta em críticas e denúncias que adotam a lógica cultural atribuída a seu objeto, ou seja, quando assume perspectiva metonímica (geradora de contágio simbólico), induzindo as generalizações – as quais podem se tornar fontes de ceticismo e apatia cívica.¹²⁹

Esse quadro generalizado marca a narração de Cap. Nascimento. O tom fatalista mostra a quase impossibilidade de se desenvolver o trabalho policial nessas condições, isto é, tendo-se em mente o desempenho das atribuições, ou seja, se seguirem o que a CF determina enquanto serviço da segurança pública. Ao contrário dos louros esperados, são impedidos pelas forças hierárquicas superiores, pois o objetivo da instituição é outro: “Se o comandante colocasse as viaturas onde ele indicou... os cidadãos ficariam protegidos. Mas não é assim que funciona. A polícia depende do sistema... e os sistema trabalha para resolver os problemas do sistema”.¹³⁰ Em outras palavras, a própria manutenção e continuidade das transgressões.

Existe, portanto, um conflito de interesses,¹³¹ o de proteger e servir a população – função básica constitucional da segurança pública pelo Art. 144º – e os interesses privados dos autóctones que gerem a segurança pública. Estes interesses podem ser tanto na forma de ganho material (como na narrativa o personagem Sargento Rocha), como também na forma de benefícios (como, por exemplo; na passagem que conta a tentativa do Cel. de “diminuir” a criminalidade da área sob sua responsabilidade com a deturpação dos relatórios oficiais com ações internas e externas – como no caso da remoção dos corpos, despejados em outras áreas).

¹²⁹ SOARES, Luiz Eduardo. Crime organizado. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 406.

¹³⁰ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:44:55 min até 00:45:10 min.

¹³¹ “O termo latino *interest* é produto da fusão do prefixo *inter* (entre) com o verbo *esse* (ser), cujo significado original parece ter sido literalmente ‘estar entre’, ‘estar em meio de’, que logo evoluiu para ‘participar’, ‘tomar parte de algo’, e daí para ‘fazer diferença’ ou ‘afetar’. Foi somente por meio do direito romano que o termo se espalhou por toda Europa, sendo assim incorporado pelas línguas vernáculas que surgiram após a dissolução do império”. FERES JR, João. Interesse público. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 164.

O conceito de corrupção variará segundo o que se define em cada corpo político como interesse público. Assim, a corrupção pode ser definida como ato de transgressão do interesse público, que implica uma apropriação privatista ilegítima de recursos, bens, patrimônios ou serviços públicos.¹³²

Conforme salienta Guimarães em **Corrupção: Ensaios e Críticas**, a forma como a instituição Estado lida com o interesse público¹³³ está intimamente ligada com a corrupção, pois é o descumprimento desse interesse que gera corrupção. De acordo com Luiz Eduardo Soares, a existência da corrupção deve ser compreendida como algo determinante na ocorrência do crime organizado:

Portanto, ainda que nem toda corrupção envolva crime organizado, ela é sempre um crime e, além disso, não há crime organizado sem corrupção, isto é, sem a captura clandestina de segmentos das instituições públicas por interesse privado ilícitos. Apaguemos o último adjetivo, ‘ilícitos’. Ele é dispensável. Afinal, é crime submeter o interesse público ao privado. Ponto Final.¹³⁴

O Brasil é uma República de direito democrático – pelo menos é o que rege a lei. Não obstante, Guimarães, citado previamente no mesmo livro de ensaios, ao tratar o Estado Republicano, fala do estado patrimonialista,¹³⁵ não tão distante de nossa história atual. “Em um estado de natureza patrimonialista, por exemplo, em que não há clara delimitação do que é público e o que é privado, tal conceito de interesse público carece de uma base legitimada de fundamentação”.¹³⁶ Estes resíduos de uma cultura de amplos direitos das oligarquias são tidos para Soares como perigosos:

¹³² GUIMARÃES, Juarez. Interesse público. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 173.

¹³³ “A legitimidade republicana de um Estado confere o primado legal do interesse público, diante do qual os interesses privados devem ser compatibilizados, regulados ou mesmo contidos”. Ibid., p. 177.

¹³⁴ SOARES, Luiz Eduardo. Crime organizado. In: Ibid., p. 410.

¹³⁵ Rubens Campante em seu artigo relacionando o patrimonialismo sob as conceituações de Weber e Faoro, trata-o ao falar de maneira geral sobre o regime: “O patrimonialismo, portanto, explica a fundamentação do poder político, ou seja, como este se organiza e se legitima, **e caracteriza-se pelo poder político organizado através do poder arbitrário/pessoal do príncipe e legitimado pela tradição**. Tal legitimação pela tradição é ambivalente em relação à tendência dos dirigentes ao arbítrio pessoal. A tradição, ao mesmo tempo que a ampara, limita-a, ao reconhecer aos dominados certos direitos e imunidades sacralizados pelo tempo e costumes”. CAMPANTE, Rubens Goyatá. O patrimonialismo em Faoro e Weber e a sociologia brasileira. **Dados**– Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 46, n.1, p. 156, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n1/a05v46n1.pdf>>. Acesso: 20 abr. 2013. [Destacado]

¹³⁶ GUIMARÃES, 2008, op. cit., p. 177.

Contudo, se esse argumento procede, aproximamo-nos perigosamente de uma outra constelação de problemas, onipresente na história brasileira: o patrimonialismo. Como conceituá-lo sem mencionar apropriação do Estado, de seus instrumentos e recursos? Esse entendimento tornaria o patrimonialismo membro incômodo e surpreendente da família genericamente descrita, em linguagem penal, como ‘crime organizado’.¹³⁷

As instituições de uma sociedade não são construídas em curto espaço de tempo. Assim sendo, existe um ranço do regime patrimonialista anterior que confunde os interesses públicos e privados. Sob esse ponto de vista, permeando a corporação, a forma como são investigados os crimes de corrupção dentro da polícia se mostra de forma polarizada e individual.

Na película, em dois momentos [00: 37:00 – 00:38:00 e 00:42:35 – 00:43:02], Neto tenta denunciar os crimes de corrupção, sendo frustrado em ambas as cenas pela falta disposição de seus superiores e da alta burocracia em lidar com o assunto.

Um dos problemas relativos à corrupção tem sido a forma como se tem abordado este tipo de problema no interior das organizações policiais [...] De um lado, trata-se o problema como se fosse relativo a apenas alguns ‘maus policiais’ indiciados individualmente. Não se desenvolve uma abordagem que compreenda as condições organizacionais e contextuais que favorecem a corrupção. Isto implicaria conceber a corrupção não mais como um problema individual, mas institucional, relacionado à condições nas quais as atividades são exercidas. Frequentemente ele envolve a omissão de pares, quando não a aprovação implícita por parte dos colegas e superiores.¹³⁸

Segundo o autor, é necessário tratar a corrupção como algo que perpassa toda a corporação, tendo em mente também essa tradição herdada (e perpetuada) de práticas correntes anteriores ao regime democrático atual. Por esse motivo, é necessário pensar sobre a adoção de políticas contra a corrupção de maneira geral, a partir das instâncias maiores que envolvem a administração pública como um todo, não só as polícias, como também secretarias de segurança e legislativo.¹³⁹

¹³⁷ SOARES, Luiz Eduardo. Crime organizado. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 410.

¹³⁸ BEATO, Cláudio. Corrupção policial. In: *Ibid.*, p. 402.

¹³⁹ “Não é plausível pensarmos em uma política absolutamente íntegra em uma sociedade extremamente tolerante com práticas de corrupção, em que ela estende-se ao poder político e econômico. Uma das experiências bem-sucedidas de controle da corrupção em Hong Kong nos anos de 1970 partiu justamente da premissa de que este projeto deveria se inserir numa estratégia mais ampla voltada para

O Código Penal vigente é de 1940 e, ao longo das últimas décadas, sofreu poucas alterações. Como já mencionado, o Código Penal Militar data de 1969, uma época da história brasileira ditatorial e, especialmente, ano subsequente à aprovação do Ato Institucional N.º 5. Existe hoje uma necessidade de reformulação nas normas para o novo estado de direito democrático, mas para além disso é preciso que não haja mais a complacência no caso dos superiores na aceitação de muitas transgressões como a segurança privada. “Neste caso, trata-se ou de regras que foram inadequadamente definidas, ou então de uma complacência tácita que leva ao desrespeito das regras”.¹⁴⁰ Ou seja, precisa-se de melhor adequação das regras, como por exemplo, no que diz respeito aos salários, para que não seja tida como “justa” a execução de outros ofícios para além da função de policial.

Algo que ainda permanece é o BOPE-RJ um subgrupo da PMRJ criado em 1991, já após a abertura democrática. Contudo, antes de receber este nome, suas atribuições foram executadas por um grupo de operações especiais da PM, conhecido por Núcleo da Companhia de Operações Especiais (NuCOE) criado em 1978,¹⁴¹ durante

outros níveis da administração pública”. BEATO, Cláudio. Corrupção policial. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção**: ensaios e críticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 402-403.

¹⁴⁰ Ibid., p. 401.

¹⁴¹ Segundo informações disponíveis no Wikipédia, antes do NuCOE se tornar BOPE passou por outras siglas antes de se tornar BOPE: “O BOPE foi criado em 19 de janeiro de 1978, pelo Boletim da Polícia Militar nº 014 da mesma data como Núcleo da Companhia de Operações Especiais (NuCOE), através de um projeto elaborado e apresentado, pelo então Capitão que era conhecido no círculo secreto da polícia militar como Mr. R ao Comandante-Geral da PMERJ, Coronel Mário José Sotero de Menezes. Funcionando nas instalações do CFAP-31 de voluntários e subordinado operacionalmente ao Chefe do Estado-Maior da PMERJ. Pelo Bol da PM nº 33, de 7 de abril de 1982, por resolução do Comandante Geral da PM, o núcleo da companhia de operações especiais passou a funcionar nas instalações do Batalhão de Polícia de Choque, fazendo parte da orgânica daquela unidade e recebendo a designação de Companhia de Operações Especiais – COE. Em 27 de junho de 1984, através da publicação em Bol da PM nº 120, a COE passou a ser denominada Núcleo de Companhia Independente de Operações Especiais – NuCIE, funcionando nas instalações físicas do Regimento Marechal Caetano de Farias, ficando subordinado apenas administrativamente ao BPChq, retornando sua subordinação operacional ao chefe do EMG. Posteriormente, pelo Decreto-Lei nº 11.094 de 23 de Março de 88, foi criada a Companhia Independente de Operações Especiais – CIE, com suas missões próprias em todo o Estado do Rio de Janeiro, que seriam determinadas pelo Comandante Geral. Finalmente pelo Decreto nº 16.374 de 01 de Mar [19]91 deu-se a criação do Batalhão de Operações Policiais Especiais – BOPE, ficando extinto a CIE. Em 2000 ganhou instalações próprias, localizadas no Morro do Pereirão, no bairro de Laranjeiras, na zona sul da capital fluminense. Atualmente o emprego do BOPE em situações críticas ou missões especiais está regulado pela nota de instrução nº 004/02 – EMG, estando a unidade subordinada administrativamente e operacionalmente ao Comando de Operações Especiais da PMERJ”. BATALHÃO DE OPERAÇÕES Policiais Especiais (PMERJ). **Wikipedia** – enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o_de_Opera%C3%A7%C3%B5es_Policiais_Especiais_\(PMERJ\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o_de_Opera%C3%A7%C3%B5es_Policiais_Especiais_(PMERJ))>. Acesso em: 14 fev. 2013.

o regime da Ditadura Militar. Apesar de ter mudado de sigla várias vezes e de órgão ao qual era subordinado, seu treinamento, procedimentos e brutalidade na atuação pouco alterou, apenas especializando-se em táticas de guerrilha urbana ao mesmo tempo em que ampliou seu poderio tecnológico, bélico e sua infraestrutura. Hoje em dia já opera com base fixa.¹⁴²

A grande proporção que o conflito entre o narcotráfico e o Estado toma nos dias atuais, legítima – ao menos para as classes altas e médias – a existência deste brutal subgrupo. Ao pensar o segundo sentido atribuído ao conceito de guerra, presente na fala de Nascimento, verifica-se que alguns autores contemporâneos não lindam com a guerra civil no sentido clássico¹⁴³ entre o Estado e os inimigos do Estado que desejam tomar o poder. Com base nos estudos sobre guerra civil de Charles King, Peter Waldmann, Hans Magnus Enzensberger, John Keane e Tomas Fischer, Luís Mir afirma:

Estes conflitos não são exclusivos do Terceiro Mundo, diz Enzensberger. Faz muito tempo que a guerra civil se instalou nas metrópoles, sob a forma de guerras moleculares, no seio da sociedade industrializada. Sempre começam com uma minora e sua escala e tempo tomam proporções epidêmicas. A guerra civil contemporânea é decorrente, fundamentalmente, da violência do Estado e da criminalidade.¹⁴⁴

Assim, a partir da análise de Luís Mir, pode-se afirmar que o sentido de guerra mais usado na fala de Nascimento, para caracterizar o conflito hoje vivenciado, não deve receber demagogias na denominação como, por exemplo, é feito no documentário

¹⁴² Em 2007, Soares à *Veja* fala do tamanho da força e a localidade da base fixa, escolhida sem qualquer arbitrariedade do governador. “A tropa atual, com 400 homens, fica baseada em um prédio no alto de um morro em Laranjeiras, na Zona Sul. Ali a vizinhança é heterogênea. De um lado fica a favela Tavares Bastos, onde o Bope realizou um trabalho que os policiais batizaram de ‘asepsia’ – ou seja, a expulsão dos traficantes. Do outro lado do morro ficam as mansões do Parque Guinle, área nobre que inclui o Palácio das Laranjeiras, residência oficial do governador do Rio, Sérgio Cabral”. SOARES, Ronaldo. Máquina Letal Contra o Crime – Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 88, 17 out. 2007.

¹⁴³ O sentido clássico do termo guerra civil se expressa em diferenciar o conflito interno: “A doutrina clássica distingue três etapas para a classificação de uma guerra civil: rebelião, insurgência e beligerância. A rebelião incorpora atos como manifestações públicas de violência, saques, enfrentamentos esporádicos com as forças militares e policiais do Estado. Somente quando esse enfrentamento adquire proporções generalizadas, nacionais, se pode falar em insurgência, quando o Estado é incapaz de manter a ordem pública e exercer a autoridade sobre todo território nacional. A insurgência seria o estágio intermediário antes da beligerância, o que caracterizaria a guerra civil clássica. Não é fácil distinguir entre a insurgência e beligerância. O conceito tradicional de guerra civil é conflito no qual os insurgentes foram reconhecidos como beligerantes”. MIR, Luís. **Guerra Civil: Estado e Trauma**. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 156.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 157.

de Kátia Lund e João Moreira Salles que classifica como uma guerra particular.¹⁴⁵ Para o estudo aqui proposto o termo é claro e sem necessidade de eufemismos: trata-se de uma “guerra civil”.

Ela se instaura no momento em que conflito entre a criminalidade e o Estado se torna epidêmico, no sentido médico da palavra, ou seja, quando existe uma alta mortalidade decorrente do conflito instaurado. Aliados e inimigos não são claramente determinados, ao mesmo tempo observa-se que a violência e a criminalidade fazem parte também do Estado. Afinal, o crime organizado depende de agentes corruptos do Estado¹⁴⁶ e, para além disso, extermínios também são realizados por Batalhões da polícia.

Estas guerras são em si mesmas, massacres sociais. Difusas, descentralizadas e de baixa visibilidade, são antes ações policiais, de limpeza em grande escala. Muitas adotam estratégias de guerras convencionais – cerco, assalto com superioridade total, causando o maior número de baixas possível nos *inimigos*.¹⁴⁷

Em *Tropa de Elite*, os assédios dos policiais são apresentados em algumas cenas de forma mais branda (quando comparadas às cenas de tortura). É o caso, por exemplo, do confronto violento entre as personagens Matias e Edu (um estudante que o policial responsabiliza pela morte de um amigo) [01:43:32 – 01:44:59]. Na cena, Edu é espancado sem qualquer aviso, violência que se estende também à Maria, sua ex-namorada, que é empurrada. Neste momento da trama, Matias já incorporou os moldes do herói acético e seu “dever” é muito mais importante que qualquer relação afetiva.

¹⁴⁵ Termo muito recorrente nas falas e entrevistas de Pimentel ao nomear o conflito. Em palestra à TED (*Technology, Entertainment, Design*; em português: Tecnologia, Entretenimento, *Design*) “E porque guerra particular? Eu chegava em casa e contava pro meu pai todo dia o resultado da operação do dia. Geralmente 5 ou 6 mortos, 4 mortos, fuzis apreendidos. No início meu pai dava um pouquinho de atenção, morador de Copacabana classe média. Um dia meu pai falou: filho não conta mais essas histórias não, porque o que você tá fazendo não me interessa. Eu continuo sendo assaltado no caminho nas ruas, ou seja, não atende minha necessidade de segurança pública, muito menos a do morador de favela. Então você vai lá dar tiro, causa pânico medo, bala perdida, e... isso é uma guerra particular, e eu não tô feliz com isso, como morador de asfalto, certamente o morador de favela também não está”. SEGURANÇA PÚBLICA TEM saída: Rodrigo Pimentel atTEDxSudeste. **Youtube**, 2010, TEDxSudeste, transcrito. trecho: 04:44 min. até 05:32 min. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8xyyD-b9awE>>. Acesso em: 05 maio 2013.

¹⁴⁶ “Não há uma fronteira clara entre o Estado e o crime organizado, o que provoca uma brutal degradação social e moral do conflito. Essa descaracterização das fronteiras entre Estado e o crime organizado vem solapando cada vez mais a justiça ordinária e propagando tecnologias criminosas cada vez mais poderosas e eficientes”. MIR, Luís. **Guerra Civil**: Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 158.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 135.

Depois ataca o encadernador (Alamo Faco) que, assim como Edu, faz parte do sistema de distribuição de drogas na faculdade.

Por outro lado, foram trabalhadas cenas com um teor de violência elevado. A primeira tortura ocorre logo após a primeira hora de filme [01:01:03 – 01:02:08] e dura exatos 65 segundos. “Vapor”¹⁴⁸ (Wendel Barros) é torturado com sacos plásticos, desarmado e, pelas costas, é executado a sangue frio. Razão da tortura? Acalmar a consciência de Nascimento que se encontrava atormentado pela dor da mãe do “fogueteiro” morto, casualidade também fruto de suas ações. A ideia de ser pai o sensibiliza com relação ao enterro do rapaz, para tanto nem nota que sentenciará mais jovens ao mesmo futuro.

Na ficção, não só adolescentes são torturados. Uma mulher também é exibida sob tortura¹⁴⁹ [01:41:21 – 01:41:50]. Trata-se de Rose (Cintia Rosa), namorada do Baiano, que recebe a mesma técnica dos sacos plásticos; a passagem, no entanto, é a menor cena de tortura do filme com apenas 29 segundos. O objetivo da ação seria localizar o chefe da distribuição¹⁵⁰ de drogas daquele morro, responsabilizado pela morte do soldado Neto. Nota-se que pela legislação vigente no país as provas que o impeliam a responsabilizar Baiano pelo crime seriam apenas circunstanciais e insuficientes para incriminá-lo legalmente. Contudo, na narrativa, sua responsabilidade é óbvia e evidente, e, por esse motivo, deve ser punida não apenas com socos e pontapés como os que os estudantes sofreram. Na favela, os limites da violência e legalidade são outros.

¹⁴⁸ Vapor: Baixa hierarquia na distribuição de drogas nas favelas, portando baixas quantidades de drogas, podem também agir como “fogueteiros” – garotos que com pequenos foguetes de festim avisam a chegada da polícia no morro – podem portar ou não armas de baixo calibre, dependendo do respeito, hierarquia interna e periculosidade da região.

¹⁴⁹ O preparo dessa cena foi comentado por Padilha à *Veja* Online, pós-início de exibição do segundo filme da série (08 out. 2010): “Quando a gente fez o primeiro filme dois policiais do Bope foram ao set e mandaram me chamar durante a cena em que o Nascimento torturava uma mulher com um saco plástico. Quando achei que eles iam reclamar, mandar eu parar com a cena e fazer eu perder um dia de filmagem, um deles chegou perto de mim e disse que estava tudo errado que não era assim que se torturava e veio me aconselhar sobre o modo ‘certo’”, revelou Padilha”. PINHEIRO, Leo. Padilha recebeu ‘aula’ de tortura durante filmagem de ‘Tropa de Elite 1’. *Veja*, Cinema, Ed. Abril, 12 out. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://Veja.abril.com.br/noticia/celebridades/padilha-recebeu-aula-de-tortura-durante-filmagem-de-tropa-de-elite-1>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

¹⁵⁰ Entende-se aqui que os grandes traficantes de drogas, ligados ao crime internacional, não estão diretamente envolvidos no conflito e sim apenas vendedores e distribuidores de drogas: “Nas favelas, não há traficantes. Há vendedores de drogas, no máximo alguns distribuidores médios. Os traficantes vinculados aos cartéis internacionais não vivem em favelas, não frequentam favelas, e muito menos, combatem a polícia nas favelas”. MIR, Luís. *Guerra Civil*: Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 137.

O interrogatório feito com um dos comparsas de Baiano, e que leva Matias aos estudantes, foi muito mais brutal do que o ato a que foram submetidos os “responsáveis” [01:42:07 – 01:42:42]. Na cena de 35 segundos, o interrogatório é realizado à base de tiros nas pernas, chutes e tapas. Tudo era válido na caça pela vingança de um companheiro e, mais que isso, na preparação completa de um substituto para o Capitão.

Minha missão não era mais garantir o sono do Papa. Essa missão, Neto já havia cumprido. O que eu precisava era voltar para minha família... e deixar um substituto digno no meu lugar. [...] Mas, para fazer isso... eu tinha de pegar o Baiano. [...] O que eu estava fazendo não era certo. [...] Não podia esculachar os moradores para encontrar um bandido. Mas, naquela altura do campeonato, amigo... para mim, estava valendo tudo. Nada, nesse mundo, me faria parar.¹⁵¹

Nascimento justifica seus atos anticonstitucionais, ilegais, imorais, desumanos, os quais não configuram apenas pelo ato de transgressão do Art. 5º da CF, mas também no comando de soldados para fazê-lo. Neste momento específico da trama, o moralista, honrado e incorruptível Capitão justifica as infrações – de forma consciente ou não – assemelhando-se muito ao que é chamado de corrupção, uma vez que utiliza os recursos do Batalhão para interesse próprio. Em sua narração é evidente que ele não está realizando uma ordem proveniente da Instituição, por mais que o beneficiário do substituto seja o Estado. Na verdade, o interesse é pessoal, pois nenhuma dessas ações ocorreu para o interesse público.

Os batalhões de operações especiais obtêm uma licença silenciosa para cometer delitos, dentre eles assassinatos. Sob esse prisma, distancia completamente de uma política de Estado democrático de Direito e os excluídos se transformam apenas em estatísticas. No ano de 2002, 4.708 pessoas foram vítimas de assassinatos, sendo 409 cometidos por polícias. O ano seguinte foi ainda pior com 5.123 assassinatos, sendo 627 pela polícia; ou seja, 4% a mais do que a taxa registrada no ano anterior. Todavia, respectivamente, apenas 627 e 891 dos corpos foram encontrados.¹⁵²

¹⁵¹ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 01:45:06 min até 01:45:42 min.

¹⁵² Cf. MIR, Luís. **Guerra Civil**: Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 137-138.

Na cena que antecede a última tortura exibida em *Tropa de Elite* [01:45:44 – 01:46:45], a polícia entra em uma residência sem mandado,¹⁵³ apontando armas para uma família que se encontra à mesa em um ato religioso de prece antes de uma refeição; dirigem-se para o quarto, onde acordam um rapaz jovem com tapas. Apesar do tratamento hostil, a fala de Nascimento é hipócrita e irônica: pede permissão para revistar o quarto, como se o rapaz tivesse outra opção. Um tênis de alto valor comercial é a justificativa para o rapto.

Na trama, a instituição policial é um espaço múltiplo e mesmo nas Operações Especiais existem diferentes perspectivas. Fato esse que é demonstrado momentos antes da maior cena de tortura, com exatos 2 minutos e 42 segundos. O Capitão Renan (André Santinho), que dava suporte com outra equipe depois de avisar do equivoco da operação diz “Não concordo com tortura”,¹⁵⁴ contudo não consegue dissuadir Nascimento.

A cena [01:46:41 – 01:48:03], com 74 segundos de tortura explícita, ocorre nos últimos cinco minutos de filme. O garoto (Patrick Santos), chamado pela provável profissão declarada, “estudante”, mas que atua no tráfico como olheiro,¹⁵⁵ é submetido a abusos físicos e psicológicos, com surras, palavras de ordem e insultos.¹⁵⁶ A utilização da técnica dos sacos plásticos é mais uma vez exibida, no entanto, agora com maior riqueza de detalhes. As embalagens plásticas são cobertas com o sangue do torturado, asfixiado até a perda temporária de seus sentidos. Nessa cena há um corte, o que indica que o ato de tortura perdurou por bem mais do que os 74 segundos mostrados. Vários

¹⁵³ Souza Neto, em seu artigo, fala da condição inviolável do domicílio válidas também nas favelas “A condição de ‘domicílio inviolável’ já foi reconhecida aos casebres das favelas pelo Supremo Tribunal Federal, em decisão monocrática. Cf. STF, *DJU* 15 set. 1997, SS nº 1.203, Min. Celso de Mello. Na verdade, aplica-se também aqui o parâmetro geral constituído pelo STF para interpretar o conceito de casa para efeito de inviolabilidade domiciliar: ‘Para os fins da proteção jurídica a que se refere o art. 5º XI, da Constituição da República, o conceito normativo de ‘casa’ revela-se abrangente, por estender-se a qualquer aposento de habitação coletiva, desde que ocupado (CP, art. 150, § 4º, II)’ (STF, *DJU* 18 mai. 2007, RHC nº 90376, Rel. Min. Celso de Mello)”. SOUZA NETO, Cláudio Pereira de. *A Segurança Pública Na Constituição Federal De 1988: Conceituação Constitucionalmente Adequada, Competências Federativas E Órgãos De Execução Das políticas*. **Revista Atualidades Jurídicas** – Revista Eletrônica do Conselho Federal da OAB, Brasília, n. 1, p. 6, Mar./Abr. de 2008. Disponível em: <<http://www.oab.org.br/editora/revista/0803.html>>. Acesso em: 15 Fev. 2013.

¹⁵⁴ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 01:46:35 min. até 01:46:37 min

¹⁵⁵ Olheiro: função dentro do narcotráfico semelhante a do fogueiteiro de baixa hierarquia.

¹⁵⁶ É interessante salientar que o filme não entra nas questões de sexualidade, porém nas cenas de torturas um dos insultos comuns são os que chamam as vítimas por vocativos pejorativos diversos, que aludem a homossexualidade, como uma das formas de dissuasão moral.

sacos plásticos ensanguentados demarcam a duração do “interrogatório”, tempo gasto até o garoto ficar exausto, no chão.

Matias encontra-se no ápice da sua transformação em soldado, quando invoca uma de suas “canções de guerra” entoadas, sem compaixão.¹⁵⁷ Porém, não sem sentimento. O desejo de vingar a morte do grande amigo de infância faz parte do antecedente do personagem que agora se torna um ser brutal.

Com um cabo de vassoura (cuspidor por outro soldado), o adolescente é novamente submetido à tortura. Desta vez, não apenas a sua integridade física está em jogo, mas também a sua masculinidade e a integridade psicológica: é sugestionado que um cabo de vassoura seria introduzido em seu reto. Tal ato tortuoso resulta na rendição do rapaz, que prefere defender algum tipo de honra ou masculinidade, do que sua própria vida. Afinal, se o BOPE não o executasse, “o comando cobra seu preço” – a punição do sistema interno de regras da favela para traidores é a vida.

Neste sentido, a película transcende seu papel de entretenimento, por imagens fortes e polêmicas, sucintas discussões delicadas da sociedade brasileira que possui um sistema brutal de injustiças sociais com instituições perversas e ambíguas, nas quais a legalidade e a criminalidade são linhas tênues. Com personagens igualmente ambíguas e confusas, *Tropa de Elite* consegue colocar em discussão os interesses existentes nas das políticas das instituições, confrontando-os com os interesses públicos, de segurança pública, a apatia das classes médias e altas entre outros.

3.1 – PERSONAGENS PRINCIPAIS, BASTIDORES E HEROICIZAÇÃO DO CAPITÃO NASCIMENTO

Duas personagens foram cogitadas para protagonizar o filme, André Matias e Capitão Nascimento. A primeira possui maior semelhança com o narrador do livro **Elite da Tropa**, que, apesar de em momento algum ter o nome citado, é descrito como negro e estudante de Direito da PUC. A personagem é inspirada no ex-policial do BOPE (e também coautor do livro, André Batista¹⁵⁸) e por isso, seria também o narrador do filme.

¹⁵⁷ “Sangue frio em minhas veias, | congelou meu coração, | nós não temos sentimentos, | nem tão pouco compaixão”. SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 10.[Edição de Bolso]

¹⁵⁸ Padilha em entrevista a *Playboy* ao falar sobre a crítica, em que os estudantes apareciam como estereotipados, revela a inspiração do personagem. “André Batista, que foi do Bope e inspirou o

Contudo, como aponta a revista *Bravo*, durante o processo de filmagem e edição, a substituição por Nascimento é sugerida pela esposa do roteirista Mantovani, Carolina Kotscho, que observa tanto a potencialidade da personagem quanto da interpretação feita por Wagner Moura.

Para Padilha, isso ocorreu porque o roteiro não estava bem amarrado e apresentava falhas. Para o montador Daniel Rezende, o motivo foi o fato de Mathias não apresentar objetivos claros, já que entrava na polícia por incentivo de um amigo e não decidia se queria ser advogado ou policial. Para Bráulio, que antes via o papel de Nascimento como secundário, o que decidiu foi o desequilíbrio (no sentido positivo da palavra) causado pela interpretação de Wagner Moura. ‘Wagner Moura roubou o filme, simplesmente’ diz o roteirista.¹⁵⁹

Ambas as personagens possuem marcas de afirmação masculinistas,¹⁶⁰ ao passo que são violentos, possuem dificuldade de comunicar com o gênero oposto e de demonstrar seus sentimentos. Os dois “heróis” terminam solitários: Matias só começa a virar um soldado pleno aos olhos do Capitão depois de renunciar à sua paixão por Maria (Fernanda Machado); ao mesmo tempo, Nascimento é abandonado pela esposa por sua incapacidade de comunicação e o seu não afastamento do BOPE.

Ao analisar a personagem Rambo, Kellner lança luz sobre a questão da celebração do marco masculinista e militarista, análise esta que se torna interessante quando remetida ao filme *Tropa de Elite*.

Essa renúncia a mulheres e à sexualidade ressalta o tema de que o guerreiro deve seguir sozinho e renunciar ao prazer erótico. Esse tema obviamente se ajusta ao tema militarista e masculinista do filme tanto quanto gênero dos heróis masculinos ascéticos que devem estar acima

personagem do Matias, também estudou na PUC e disse que era muito parecido com o que está no filme”. NEGREIROS, Adriana. José Padilha [Entrevista]. **Playboy**, entretenimento, São Paulo, Editora Abril, 26 mar. 2008. [versão online] Disponível em: <<http://playboy.abril.com.br/entretenimento/entrevista/jose-padilha/>>. Acesso em: 11 out. 2011.

¹⁵⁹ RAHE, Nina. O Nascimento do Capitão. **Bravo**, São Paulo, Editora Abril, ano12, n. 158, p. 54-55, out. 2010.

¹⁶⁰ Ao tratar a masculinidade, nas conjunturas sociais o antropólogo Sócrates Nolasco escreve: “No que se refere a preferência sexual, um menino vive sob vigilância contínua, para que se saiba quão determinado é com relação à sua escolha. Excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual. Para um homem, ter afeto fora das trilhas definidas socialmente é sinal de que a homossexualidade não vingou. O Machão, o homem educado, o menino que não reage a brigas, enfim, hoje qualquer um destes tipos recebe um olhar inquisidor que põe em dúvida sua preferência sexual”. NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 18.

da tentação sexual para atingirem eficácia máxima como salvadores ou guerreiros.¹⁶¹

Nina Rahe, em seu artigo “O Nascimento do Capitão”, diz que o Cap. Nascimento resume como *zeitgeist*, “um espírito de época”, comparando-o aos célebres personagens do cinema estadunidense: Luke Skywalker, Rambo e Barbarella. Segundo a autora, todos são dotados dessa característica.¹⁶²

Existe uma escolha do diretor Padilha na construção da personagem Capitão Nascimento, na qual até seu sobrenome é caricato, remete ao enredo principal da missão pessoal da personagem (nascimento do seu filho), além de uma ironia, pois em seu cotidiano a morte é constante e em muitos casos sentenciada pela própria personagem. Ao contrário do narrador de **Elite da Tropa**, que é negro, Padilha escolhe a utilização de um arquétipo simbólico clássico do herói hollywoodiano: homem, branco, machista, agressivo, violento, incapaz de se comunicar com a sua mulher, nem expressar seus sentimentos.

Talvez essa escolha tenha lhe rendido críticas por uma suposta apologia de Estado ou no caso do polêmico artigo de Arnaldo Bloch ao Globo, que questiona no título se o filme é ou não fascista. Padilha contra-argumenta afirmando que:

[...] somente usando ‘os óculos do patrulhamento ideológico’ alguém pode atribuir o caráter heroico ao personagem de Nascimento. ‘Ele é um homem que sofre crise de pânico e quer sair do Bope, porque descobre que a ideologia em que acreditava não é compatível com uma família, o mínimo núcleo de uma sociedade civilizada. Essa é a premissa do personagem’.¹⁶³

A despeito dos marcos masculinistas, não é caracterizado como um herói clássico:¹⁶⁴ sofre de problemas de ansiedade, tem crises de pânico, toma remédios para

¹⁶¹ KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – estudos culturais identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001, p. 92.

¹⁶² RAHE, Nina. O Nascimento do Capitão. **Bravo**, São Paulo, Editora Abril, ano 12, n. 158, p. 51, out. 2010.

¹⁶³ ARANTES, Silvana. Tropa faz apologia do Estado Policial. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 05 out. 2007.

¹⁶⁴ Palavra que se origina do grego *hero* e significa nobre e/ou semideus. São indivíduos filhos de Deuses com mortais, ou semideuses, mas que carregam a essência humana da mortalidade. O conceito clássico de herói tem sua origem na Literatura Grega e designa “[...] um indivíduo notabilizado por feitos extraordinários”. (ARANTES, Aldinéia Cardoso. **O estatuto do anti-herói**: estudo da origem e representação, em análise crítica do “Satyricon”, de Petronio e “Dom Quixote” de Cervantes. 107 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade

controlar os sentimentos que não consegue expressar e, como diz o roteirista Mantovani, em entrevista a Roteiros Online: “Um filme com um final pessimista como o *Tropa* e com um personagem sem redenção como o Nascimento dificilmente seria feito em Hollywood”.¹⁶⁵

A questão do gênero não é muito discutida na narrativa. As personagens masculinas remetem aos heróis clássicos do gênero cinematográfico de ação, enquanto as femininas não seguem essa mesma vertente, afinal não são nem romantizadas (como na literatura clássica) ou frágeis, também não esperam que seus heróis venham lhe salvar. Entretanto, a presença dessas personagens na narrativa cumpre uma função primordial: o motivo da saída de Nascimento do Batalhão é a insatisfação de sua esposa Rosane com a jornada de trabalho e a periculosidade que esta representa.

Maria quando se sente enganada não aceita o tom autoritário de seu par romântico Matias. Perde o controle emocional, chora, mas não volta para os braços de seu agressor. Com igual capacidade de reação, Rosane, após ser agredida verbalmente por Nascimento em um acesso de autoritarismo aterrorizador (personagem desde o início da trama com psicológico abalado, principalmente após a morte de Neto) abandona seu marido e retorna à casa de seus pais, mesmo estando grávida.

As mulheres no filme de Padilha não ocupam papéis de grande destaque, pois o eixo da narração é centrado na violência urbana e no Batalhão de Operações Especiais, que em 1997 ainda não contava com policiais femininas.¹⁶⁶ Nem por isso suas personagens são limitadas como caricaturas feministas ou frágeis mulheres romantizadas. Mesmo sem dar muitos detalhes sobre os seus históricos, elas possuem profundida psicológicas complexas.

Estadual de Maringá, Maringá, 2008. [Resumo]) Trata-se de figuras que se destacam por características quase divinas, bem como pela realização de feitos notáveis. Os heróis clássicos são dotados de coragem, destreza, força incomum, eloquência, persuasão, etc. atributos necessários para superar de forma excepcional um determinado problema de dimensão épica.

¹⁶⁵ DUARTE, Denise. Bráulio Mantovani – O Roteiro de Tropa de Elite. **Roteiros Online**, Rio de Janeiro/São Paulo, 21 out. 2007. [Entrevista Bráulio Mantovani] Disponível em: <www.roteirosonline.com.br>. Acesso em: 23 out. 2012.

¹⁶⁶ “Ana da Silva, 43 anos, foi a primeira mulher a entrar para o Bope, em 2001, depois de dez anos servindo no **Batalhão de Choque da Polícia Militar**”. KNEIPP, Mariana; CARUSO, Marina. Batom na caveira: uma conversa exclusiva com as únicas quatro mulheres do Bope. **Marie Claire**, reportagem/entrevista, São Paulo, Editora Abril, 27 set. 2011. [versão online] Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,EMI259459-17737,00-BATOM+NA+CAVEIRA+UMA+CONVERSA+EXCLUSIVA+COM+AS+UNICAS+QUATRO+MULHERES+DO+BO.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

A personagem de Wagner Moura é ambígua e esta dicotomia é apresentada ao espectador já na primeira cena do *flashback* [00:08:47min. – 00:10:18min.]. Ao mesmo tempo em que fala com a sua esposa, como pai de família, sobre a gravidez e o ultrassom recentemente feito, também mantém os olhos vigilantes ao binóculo como Capitão atento ao tráfico de arma na favela entre corruptos e distribuidores de drogas. Sem pesar, sentencia-os à morte por tiro de *sniper*. Reafirmando dessa forma a segregação na força policial: o BOPE (honesto) contra os convencionais (corruptos), iguais assim aos “inimigos”, dando respaldo para a exceção do Estado que permite o assassinato.

Nina Rahe afirma em seu artigo que a inspiração para a personagem vem de elementos congregados de muitas histórias policiais, com as quais a equipe teve contato durante a pesquisa. Entretanto, revela que, segundo o diretor, o ponto de partida seria Ronaldo Pinto, que durante os anos 1990 (exausto e com desejo de sair do BOPE) recruta Rodrigo Pimentel – um dos corroteiristas –, que nessa época já estava cansado da PMRJ convencional e desejava entrar na unidade de Operações Especiais. Tal substituição possibilitaria a Ronaldo conseguir a liberação para sair da tropa. História esta comum a diversos policiais, que se encontram estafados após cinco ou dez anos de serviço nas Operações Especiais.¹⁶⁷

Na preparação dos atores, a preocupação em se (re)construir as “realidades do mundo real”¹⁶⁸ também se mostrou presente e, por esse motivo, foram divididos em diferentes núcleos (policiais convencionais, BOPE, traficantes e estudantes). O laboratório durou duas semanas. Na primeira, segundo a autora, aprenderam os conceitos básicos sobre a atuação da polícia, aspectos comportamentais e hierárquicos, até a movimentação e como empunhar as armas de fogo.

A metodologia contava com uma pressão constante, contendo castigos verbais, físicos (flexões) e o chamado tanque tático, em que os atores eram obrigados a

¹⁶⁷ RAHE, Nina. O Nascimento do Capitão. **Bravo**, São Paulo, Editora Abril, ano12, n. 158, p. 52, out. 2010.

¹⁶⁸ “Nesse sentido, estes filmes etnográficos ou sociológicos também guardam um aspecto ficcional, pois apresentam diversas maneiras de se construir as realidades do mundo real. No caso de filmes como *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*, ainda que não haja um compromisso de difundir a verdade sobre a realidade retratada, há um esforço em construir imagens que possuam propriedades da realidade”. ARAUJO, Rafael; BRANCO, Priscila A. T. A Polêmica sobre a violência em cidade de Deus e Tropa de Elite. **Aurora** – Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 5, p. 69, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4536>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

mergulharem na água gelada e depois continuarem com frio e molhados. O laboratório foi pensado em oito horas diárias, contudo em alguns dias permaneceram por mais de dez horas. Os castigos incluíram até a comida ser misturada com a sobremesa e ser servida no chão, tal como em uma das cenas do treinamento apresentadas no filme [01:14:55min. – 01:16:53min].

A segunda semana foi centrada na habilidade de liderança e contou com o auxílio do policial e antropólogo Paulo Storani, do qual o ator Wagner Moura incorporou os jargões de como se referir a seus comandados por “senhor” e utilizar o termo “padrão” como aprovação de uma ação executada.¹⁶⁹

Mas foi de Pimentel, segundo o diretor José Padilha, que Nascimento herdou a ironia, o humor negro com requintes de crueldade. Herdou igualmente o gosto por discursos e o tom que muitos apontaram como ‘moralista’. Quando estava no Batalhão, Pimentel gostava de dizer aos usuários de droga da classe média e alta que eram eles quem estavam financiando o tráfico.¹⁷⁰

Esse discurso “moralista” e a responsabilização do usuário pelo tráfico de drogas são impressos, por exemplo, na fala “Sempre me pergunto... quantas crianças perderemos para o tráfico... só para um playboy enrolar um baseado?”.¹⁷¹ A abertura para a primeira cena do Batalhão, atuando na “Operação Papa” [00:25:31min – 00:30:40min], seria a que melhor descreveria esta responsabilização das classes médias e altas pelo tráfico.

Nela, o Capitão invade uma favela próxima a uma universidade e, após assassinar dois traficantes armados, busca o portador da “carga” (drogas). Agressivamente pega pelos cabelos um dos estudantes, usuário de drogas, e comprime o rosto do garoto contra o peito ensanguentado do traficante morto. Submete-o a um interrogatório com assédio físico – com tapas no rosto, chutes e puxões de cabelo – e psicológico (insultos), responsabilizando-o pela morte e pelas ações ostensivas policiais, uma vez que este seria o financiador do crime.

¹⁶⁹ Cf. RAHE, Nina. O Nascimento do Capitão. **Bravo**, São Paulo, Editora Abril, ano 12, n. 158, p. 55-57, out. 2010.

¹⁷⁰ Ibid., p. 57.

¹⁷¹ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:25:25 min até 00:25:30 min.

Nesta cena, observa-se que Nascimento começava a perder o controle emocional, desatento, sofre de ansiedade, com tremores, seu sistema nervoso em colapso, demonstrava uma grande agressividade. Estas são reações diante do medo da responsabilidade de gerar uma vida e logo não poder morrer. O assédio ao “vapor”, ação que pesará depois em sua consciência, desencadeará mais violência. Trata-se de uma personagem em conflito: de suas ações resulta tanto a morte dos jovens, quanto a vida (seu filho prestes a nascer). Conflito que poderia ser reconhecido em muitas outras experiências de vida de policiais.¹⁷²

Desestabilizado, o enredo conduz o Capitão Nascimento à necessidade de obter um substituto, os dois aspirantes potenciais são apresentados juntos [00:12:10 – 00:15:07], momento em que aderem à força policial: “E Neto e Matias acreditaram na mesma conversa mole de sempre. Eles eram uns anjinhos... mas era de caras assim que eu precisava”.¹⁷³ A credulidade e honestidade deles são exaltadas como necessárias. A despeito de suas diferenças de perfil, Neto é visto como impulsivo e uma pessoa de ação, enquanto Matias é descrito com um perfil intelectualizado, pois, além de policial é também estudante de Direito da PUC. Ao longo da trama será revelado ser este o substituto. Razão e coração em constante conflito. Tensão da qual o resultado é a morte da primeira e o recrudescimento da segunda.

Neto não tem correlação com nenhuma personagem nas obras literárias. No filme, durante o período em que é convencional, fica responsável pela manutenção de veículos, um local burocrático e corrupto. Na tentativa de executar um bom trabalho – não seguindo exatamente o código de conduta – acaba por envolver o amigo Matias em uma situação de risco, situação esta que os levam a aderirem as Operações Especiais.

¹⁷² Um dos dramas que o Capitão enfrenta é ser indiretamente responsável pela morte do vapor que ele havia violentado até feito falar, não havia nada que ele poderia fazer para reparar a morte, o Estado não indeniza as pessoas mortas no conflito que estão diretamente envolvidas com as criminalidades como aponta Mir: “Há total omissão do Estado pelo dano da guerra para o futuro do país. É como se ela não dependesse dele, ou de coisa alguma: soberana, não sofre nem comporta restrições ou reservas; não admite condições, obrigações e limites; incondicional, não permite contestação ou contradição; imperiosa, predomina o despotismo, a autoridade arbitrária; despótica, superior a todos os cidadãos, independe de qualquer alusão convencional, A luta visceral do Estado contra as pendências étnicas e econômicas da maioria da população para ele, é parte integrante do processo histórico”. (MIR, Luís. **Guerra Civil**: Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 138.) A política de “guerra”, interior as corporações policiais expressa no “combate” ao crime fere a Constituição, que prevê indenização tanto por omissão no caso.

¹⁷³ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:12:59 min até 00:13:07min.

Matias, interpretado por André Ramiro (uma escolha temerária da direção por ser o primeiro filme do ator¹⁷⁴), tem uma origem pobre e é considerado como muito ingênuo, no início da trama. Acredita que o Direito e o trabalho policial seriam complementares. “Para ele, policiais e advogados... tinham a mesma missão: defender a lei. [...] Para entrar para meu batalhão, Matias teria de cair na real”.¹⁷⁵ Ao dissociar as duas profissões, Nascimento o faz pela prática institucional da polícia citada anteriormente, na qual o ato de se manter a ordem não necessariamente significa preservar o direito.

No curso de Direito, André participa de grupo que apresenta um trabalho sobre a obra **Vigiar e Punir** de Michel Foucault,¹⁷⁶ autor considerado como bibliografia básica para diversos cursos das áreas de humanidades. O filme escolhe a obra pela sua grande difusão nos estudos das microrrelações de poder e da repressão Estatal. Na análise de Paiva, essa escolha traz uma intencionalidade, pois:

Ao evocar a obra “Vigiar e Punir”, o filme estabelece uma relação com as teorias foucaultianas das micro-relações de poder e dos aparatos institucionais, revela uma intencionalidade, na medida em que mostra a ação repressiva do Estado, reservando-se o direito de inspecionar a obediência às leis para garantir a ordem social, com o direito de punir exemplarmente àqueles que fugirem à regra. Em contrapartida, a sociedade acredita e deposita sobre esse aparelho a sua expectativa de ordem e segurança.¹⁷⁷

Na cena em que o seminário é apresentado, [00:30:43 – 00:34:33] ao falarem das forças repressivas do Estado, os estudantes tratam-no como excludente, no sentido de que retrata com maior violência os excluídos, tornando-se quase um consenso afirmam que a força policial é corrupta e violenta. Matias, sozinho em sua argumentação, permanece irredutível em sua crença na corporação policial, o que reafirma a ingenuidade da personagem.

¹⁷⁴ Nos Extras do DVD, Padilha revela que não foi uma decisão fácil e só a tomou depois da confirmação de Fátima Toledo, preparadora dos atores. O próprio André Ramiro fala da surpresa da escolha da produção, não imaginava que teria um papel central, lembrando que no início da filmagem seria o protagonista do filme.

¹⁷⁵ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:15:49 min até 00:16:00min.

¹⁷⁶ Foucault também foi citado por Giovanni Levi, na palestra anteriormente mencionada, ao falar do conflito urbano brasileiro.

¹⁷⁷ PAIVA, Celina M. S. de Castro. **Cinema e Filosofia uma Interlocução Possível** – A ética, a cultura organizacional e a estética da violência em filmes Clube da Luta e Tropa de Elite. São Paulo: UAM, 2009, p. 71.

Os estudantes universitários são apresentados como usuários de drogas, coniventes com o tráfico e, até em alguns casos, participantes da distribuição das drogas, sendo assim corresponsáveis. Na película, a ONG é um local de atividades extracurriculares que visa ações paliativas com as crianças da favela, no entanto seu funcionamento apenas é possível pela autorização do “dono do morro”, ou seja, com consentimento do narcotráfico.

O filme chega ao clímax após o assassinato de Neto, ocorrido no momento, em que entregava um par de óculos a Romerito (Allan Guilherme), um garoto que Maria acreditava não se esforçar na escola, mas que na verdade apenas possuía uma deficiência visual. [00:18:17 – 00:23:40].

Neste momento, os distribuidores de drogas culpam os integrantes da ONG pelo envolvimento da polícia no morro e fecham a sede da organização não governamental. A namorada do líder é executada com um tiro na cabeça em uma cena sem corte, enquanto o líder recebe a execução de X9,¹⁷⁸ determinação de morte no chamado “micro-ondas”, ou seja, é colocado dentro de pneus, jogado líquido inflamável e incendiado. Cena, igualmente sem cortes, que evidencia a crueldade e a violência por parte do morro.

Matias inicialmente descrito como “um anjinho”, dividido entre a polícia e o direito, crédulo e honesto se torna, após o treinamento, frio e violento. O tempo da convivência com o tráfico termina, perde a habilidade de se comunicar com seu par romântico, e torna-se algoz de tortura. Seus valores morais ficam distorcidos. Matias dá sua palavra a Maria que não faria mal a uma pessoa que poderia auxiliar no enalço do chefe do morro, o que não impediu a namorada de Baiano de ser torturada. Ele precisava vingar seu amigo a qualquer preço e, para tanto, precisava localizar o Baiano.

Na sequência e desfecho do filme o narrador admite não proceder de forma correta, atacando e torturando os moradores locais, mas a vontade de vingança somada a sua própria necessidade de ter certeza que seu substituto seria digno e não mais dividido, falam mais alto nesse momento. Estas são as justificativas para a tortura de

¹⁷⁸ Termo utilizado para designar traidores. No livro **Elite da Tropa** tem uma história análoga em que um investigador da polícia civil, julgado como X9 envolvido numa trama de corrupção entre o chefe da polícia civil e a Polícia Rodoviária Federal é condenado por traficantes e recebe igualmente pelo denominado “micro-ondas”. Cf. SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 301. [Edição de Bolso]

mulheres e crianças/adolescentes. Baiano é localizado após muita violência e sacos plásticos ensanguentados, por fim é baleado e encurralado.

O filme termina provocando o público. A câmera é posicionada na perspectiva visual de Baiano deitado indefeso no chão, o buraco do cano da escopeta, calibre 12. É tudo que a personagem e o espectador conseguem ver. Desta forma, ela também aponta sua mira ao espectador. A câmera focaliza o clarão do sol que ofusca a cena e se ouve o disparo da arma.

Uma história envolvente, sobre um problema Segurança Pública latente não é de se estranhar que foi um filme polêmico, já meses antes de sua estreia com o conturbado final de montagem, em que rascunho e armas de festim foram roubadas do *set*. E um sucesso ainda mais esmagador na sequência da série no lançamento do segundo filme, tratando questões da CPI que aconteceu no mesmo ano de lançamento.

DIVULGAÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E RECEPÇÃO DO FILME *TROPA DE ELITE*

CAPÍTULO IV

No primeiro final de semana de estreia de *Tropa de Elite*, aproximadamente 180.000¹⁷⁹ pessoas assistiram ao filme nos cinemas. Antes de sua estreia oficial, cerca de outras 11,5 milhões já haviam assistido. Padilha, em entrevista à revista *Playboy*, declara ter encomendado a pesquisa ao IBOPE e ao Datafolha, com a finalidade de computar quantas pessoas obtiveram acesso à cópia pirata, antes da pré-estreia. A versão, nas palavras do diretor, era um *Output to Avid*, um rascunho anterior à obra final que foi roubado e disponibilizado na internet. O roubo foi cometido quando cinco pessoas da equipe foram sequestradas do estúdio antes do lançamento do filme.¹⁸⁰ Elas transportavam além do rascunho algumas armas cenográficas. Padilha, em entrevista a Jô Soares, afirma que até o fim da exibição nos cinemas o filme foi assistido por 2,5 milhões de pessoas. Tal notoriedade também se observou nos festivais que o filme disputou, afinal, no ano seguinte ao seu lançamento, *Tropa* foi premiado com o Globo de Ouro, em Berlim.

O grande sucesso da película permite enquadrá-la no que Kellner chama de cinema popular—no sentido de ter atingindo um grande público,¹⁸¹ bem como pelo fato de ter conseguido estabelecer um diálogo com grande parcela da população. O final da montagem conturbada suscitou polêmica sobre a pirataria.¹⁸² O objetivo dos produtores era de fato abrir um grande leque de discussões sociais. No entanto, sem entrar no mérito de valores acerca do que deve ou não ser debatido, essa discussão não era parte do projeto inicial, o que não amortizou os debates sobre a Segurança Pública, violência e corrupção policial, inicialmente pretendidos.

¹⁷⁹ TROPA DE ELITE leva mais de 180 mil aos cinemas. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 08 out. 2007.

¹⁸⁰ A primeira notícia da Folha de São Paulo sobre o filme saiu em abril, justamente noticiando este roubo. Cf. ARANTES, Silvana. Caso de Polícia. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E8, 18 abr. 2007. [Entrevista com José Padilha]

¹⁸¹ A *Veja*, uma das revistas de maior circulação do país, se não a maior, afirma: “Uma pesquisa encomendada por VEJA ao Instituto Vox Populi mostra que Tropa de Elite caiu no gosto do público”. REALIDADE, SÓ a Realidade. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 81, 17 out 2007.

¹⁸² “Queríamos levantar várias questões sobre violência, sobre o usuário de drogas que financia o tráfico. E surgiu também a discussão sobre a pirataria”, diz o produtor Marcos Prado. PINTO, Aina. Desordem na Tropa de Elite. **IstoÉ independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 1977, 19 set. 2007 [versão online] Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/3094_DESORDEM+NA+TROPA+DE+ELITE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 14 abr. 2013.

Essa grande repercussão,¹⁸³ nos diversos veículos de comunicação, serviu de base para a PMRJ iniciar um processo contra Zazen Produções, alegando ser uma jogada de *marketing* da produtora. Argumento facilmente refutado em seu artigo/resposta ao jornal *O Globo*, “Nas ruas Gato por Lebre”, no qual Padilha declara:

Tenho lido também que a pirataria do meu filme é uma “brilhante” jogada de *marketing*. Será que alguém pode imaginar, em sua consciência, que eu, a minha empresa, a Universal Pictures, a Harvey Weinstein Co. e a Motion Pictures Association montamos uma farsa com o intuito de usurpar o resultado do nosso próprio trabalho? E que envolvemos nesta farsa os nossos advogados e as autoridades policiais a quem denunciamos o crime? Custo a crer.¹⁸⁴

A polêmica foi tamanha que o diretor se sentiu compelido a enviar uma resposta ao *O Globo*, tratando o fato como um crime comum no Brasil.¹⁸⁵ “A pirataria raramente resulta em prisões em flagrante: ela virou um crime que compensa. Em segundo lugar, a passividade das autoridades gera a impressão de que o pirata é um criminoso menor”.¹⁸⁶

Não só ele, Wagner Moura também se pronuncia ao mesmo jornal após a crítica do colunista Arnaldo Bloch,¹⁸⁷ que questiona no título de sua matéria “‘Tropa’ é fascista?” Esse questionamento propagou pelos diversos veículos, envolvendo pessoas a

¹⁸³ Apenas para elucidar o tamanho dessa repercussão, só no ano de 2007 a *Folha de São Paulo* publicou 16 matérias relacionadas ao filme, isso sem contar as diversas Cartas do leitor, editoriais de colunistas, publicações de notícias sobre o filme com autoria do editorial do jornal, etc. Já na revista *Veja*, para se ter uma base do volume de cartas publicadas, na edição de número 2031, (seguinte à que traz as primeiras matérias sobre o filme) a revista publicou 12 cartas de resposta comentando a crítica sobre *Tropa*, feita na semana anterior.

¹⁸⁴ PADILHA, José. José Padilha: ‘Nas ruas, gato por lebre’. *O Globo*, [O Globo online] Rio de Janeiro, 28 ago. 2007. [versão online] Disponível em: <http://oglobo.globo.com/ece_incoming/jose-padilha-nas-ruas-gato-por-lebre-4158926#ixzz2SxnLfLRB> Acesso em: 15 ago. 2012.

¹⁸⁵ No dia anterior, *O Globo* publica: “Segundo dados da Motion Pictures Association (MPA), que reúne os principais estúdios cinematográficos do mundo, a pirataria está em 59% do mercado brasileiro. Ou seja: de cada dez DVDs vendidos, quase seis são ilegais. O prejuízo chega a US\$ 198 milhões por ano”. KLEINPAUL, Bianca; MIRANDA, André. Cópia de *Tropa de elite* é vendida na web polícia já tem suspeitos do crime de pirataria. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 ago. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/copia-de-tropa-de-elite-vendida-na-web-policia-ja-tem-suspeitos-do-crime-de-pirataria-4159297>> Acesso: 15 ago. 2012.

¹⁸⁶ PADILHA, 2007, op. cit.

¹⁸⁷ Apesar das discussões sobre o título da matéria remeter a um suposto fascismo, sua preocupação com a violência está mais ligada a recepção dos espectadores que se deliciam com o “[...] capítulo Nascimento, o nosso Rambo do Bope [...]” do que com a problemática do filme, em que sua crítica centra-se na questão da responsabilização/culpabilização do usuário de drogas: “A preocupação obsessiva de Padilha é com o baseado que a galera queima, reforçando a tese surrada de que os maiores culpados pela violência do tráfico são os usuários (todos, naturalmente, burgueses)”. BLOCH, Arnaldo. ‘Tropa’ é fascista? *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 set. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/arnaldo/posts/2007/09/25/tropa-fascista-artigo-que-motivou-texto-de-wagner-moura-74806.asp>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

favor e contra o argumento – a rápida resposta e a popularidade do ator é uma das possíveis causas dessa propagação posterior. No entanto, após o pronunciamento da produção de Moura e da exibição da versão final da obra, a ideia de ser fascista foi expurgada pela crítica autorizada o que, contudo, não impediu muitos críticos de escreverem sobre o não fascismo do filme.

Como comenta Padilha, a versão pirata é um rascunho da edição final, com áudio razoável e com a edição de imagem inacabada. Porém, as diferenças não terminam nisso. Na cópia pirata, não há a citação no início do filme do Psicólogo Milgran. Ela traz uma advertência que pretende um diálogo com a realidade: “Este filme foi baseado em relatos de 12 oficiais da Força policial do Rio de Janeiro. De acordo com eles, os relatos são reais. Os documentos com os relatos foram destruídos”. A música *RAP das Armas* (de MC Júnior & MC Leonardo e da Bateria da Rocinha) é entoada em pontos diferentes nas edições.

As marcas de documentarista são mais impregnadas no “pirata”, com o uso de imagens estáticas, fundo preto e as letras em branco escritas em inglês. O *Output* era uma versão que iria para os parceiros nos EUA e divide o filme em sete partes: depois da exibição dos créditos e início do *flashback* traz a legenda “NASCIMENTO”| “APRIL 1997. 6 MONTHS EARLIER”;¹⁸⁸ em seguida apresenta didaticamente os dois aspirantes – tal qual o protagonista narrador no momento anterior – “MATIAS”¹⁸⁹ e “NETO”.¹⁹⁰ Em seguida, o nascimento do filho do capitão “THE SON”.¹⁹¹ No início do treinamento “THE REPLACEMENT”¹⁹² e, por último, como introdução da operação principal (a garantia da tranquilidade do “sono do Papa”) “JULY, 1997 2 MONTHS BEFORE THE POPE’S ARRIVAL”.¹⁹³

Já na versão final existem apenas duas divisões. Primeiro para introduzir o espectador ao *flashback*, igualmente após a exibição do crédito “6 MESES ANTES”¹⁹⁴

¹⁸⁸ “ABRIL 1997. 6 MESES ANTES”. *Tropa de Elite*. 2007, dir. José Padilha, [Versão pirata], AVI, transcrito. trecho: 00:08:05 min até 00:08:19 min. [Traduzido]

¹⁸⁹ MATIAS. Ibid., trecho: 00:15:03 min até 00:15:07 min.

¹⁹⁰ NETO. Ibid., trecho: 00:35:40 min até 00:35:48 min.

¹⁹¹ “O FILHO”. Ibid., trecho: 00:56:39 min até 00:56:47 min. [Traduzido]

¹⁹² “A SUBSTITUIÇÃO”. Ibid., 01:07:33 min até 01:07:33 min. [Traduzido]

¹⁹³ “JULHO, 1997. 2 MESES ANTES DA CHEGADA DO PAPA” *Tropa de Elite*. 2007, dir. José Padilha, [Versão pirata], AVI, transcrito. trecho: 01:12:18 min até 01:12:23 min. [Traduzido]

¹⁹⁴ *Tropa de Elite*. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:08:04 min até 00:08:53 min.

e a segunda introduz o início efetivo da missão do Papa “JULHO de 1997 2 MESES ANTES DA VISITA DO PAPA”¹⁹⁵ totalizando três atos: abertura, *flashback* e “operação Papa”. O roteiro livre foi uma escolha que exigiu grande habilidade performática dos atores, com o objetivo de se alcançar um efeito de verossimilhança desejado. Como a versão inacabada possui cenas diferentes da montagem final, ao comparar os diálogos, é perceptível a utilização de improvisos, o que ocasionou discrepâncias entre as falas em diversas cenas.

A maior diferença entre as obras não está só na qualidade técnica do acabamento final e sim nas suas montagens. A última versão ganha nova ordenação cênica. Na cena [00:03:33 – 00:07:33], que corresponde no pirata ao trecho [00:02:24 – 00:06:50], os diálogos mudam de ordem, mas o sentido permanece.

A narrativa de Nascimento no oficial é: “O que aconteceu no Rio de Janeiro era inevitável. O tráfico e a polícia... desenvolveram formas pacíficas de convivência... afinal, ninguém quer morrer à toa”,¹⁹⁶ enquanto no pirata “É por isso que nessa cidade todo policial tem que escolher... ou se corrompe, ou se omite ou vai pra guerra. A maioria das pessoas não gosta de guerra. E o Major Oliveira não era exceção. Toda sexta-feira, ele subia o morro para buscar o ‘arrego’, a grana que os policiais corruptos cobram... para aliviar o tráfico de drogas”.¹⁹⁷ Essa discussão da omissão do oficial só aparece após a chegada do Cap. Oliveira no morro da Babilônia: “No Rio de Janeiro, quem quer ser policial deve escolher. Ou se corrompe ou se omite ou vai para a guerra. E, naquela noite, Neto e Matias... fizeram a mesma escolha que eu havia feito 10 anos antes. Eles foram para a guerra”.¹⁹⁸ No pirata, a decisão pela guerra se desenrola no mesmo momento fílmico da fala oficial citada anteriormente, ou seja, momento do disparo da arma de Neto, determinante para o fim da paz e início do conflito: “É um equilíbrio instável que pode ser abalado pela menor das brisas... e naquela sexta-feira,

¹⁹⁵ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 01:10:52 min até 01:10:59 min.

¹⁹⁶ *Ibid.*, trecho: 00:03:24 min. até 00:03:33 min.

¹⁹⁷ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, [Versão pirata], AVI, transcrito. trecho: 00:02:24 min até 00:02:48 min.

¹⁹⁸ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:05:22 min até 00:05:36 min.

ventou forte no Babilônia. Foi naquela noite, que o Neto e o Matias decidiram ir pra guerra”.¹⁹⁹

Não só as falas de Nascimento alteram entre as versões, mas há também leves flexões nos diálogos das outras personagens, devido, principalmente, ao fato de todas as cenas serem gravadas a partir do improviso dos atores (muito bem preparados, diga-se de passagem, por Fátima Toledo). Ao longo dos enredos fílmicos, as narrações de Nascimento mudam de posição e até mesmo seus textos são dispostos de formas diferentes – como apontando anteriormente. Algumas delas apenas existem em uma das versões, como, por exemplo, a primeira narração de Nascimento da versão pirata do trecho destacado.

Os traficantes vivem em guerra, mas também querem sobreviver. Pra quê trocar tiro com a polícia se dá pra negociar? Só que naquela noite... Tinha um policial que não tava ali para pegar dinheiro. Era o Capitão Fábio. Ele tava lá obrigado e com o cú na mão. Se o Fábio não tivesse naquela PATAMO, O Neto e o Matias não iam ter subido a favela também. O Neto e Matias nunca iam se omitir, nem se corromper. Eles eram honestos.²⁰⁰

No original, a fala que introduz a cena também correspondente ao discurso de honestidade dos policiais, porém ela é feita de forma mais concisa. Ela trata o assunto do equilíbrio que garante a manutenção da paz nas favelas-campos de concentração, argumento presente apenas na fala posterior do “pirata”, supracitada. Na versão final, a passagem foi assim construída: “A verdade é que a paz, aqui, depende do equilíbrio delicado... entre a munição dos bandidos e a corrupção dos policiais. Honestidade não faz parte do jogo. Quando o convencional honesto sobe favela, parceiro... geralmente dá merda”.²⁰¹

Outra característica que salta aos olhos é o fato de que as terminologias utilizadas na edição final são mais polidas. Palavras de baixo calão como “Ele tava lá obrigado e com o cú na mão” foram eliminadas da edição final. Outro momento também suprimido diz respeito à afirmação veemente da existência de uma guerra na cidade do Rio de Janeiro: “O curso do BOPE prepara os policiais pra guerra e não

¹⁹⁹ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, [Versão pirata], AVI, transcrito. trecho: 00:04:35 min até 00:04:46 min.

²⁰⁰ *Ibid.*, trecho: 00:02:55 min até 00:03:39 min.

²⁰¹ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 01:31:35 min até 00:00:04:14 min.

adianta me dizer que isso é desumano. **O Rio de Janeiro é uma cidade em guerra.** Enquanto os traficantes tiverem dinheiro para se armar, a guerra continua. Todo o policial do BOPE aprende isso”.²⁰²

Com exceção das leves alterações nas falas das personagens e das modificações nas disposições da montagem das narrativas, ocorrem inclusões²⁰³ e/ou supressões. Além da cena inicial destacada, somente outra se modifica. Neto, após saber da tentativa de suborno, na versão oficial, leva o caso ao Capitão Cabral (Saulo Rodrigues) [00:42:38 – 00:43:09]. Na versão pirata, a passagem equivalente à cena em que Neto encontra o mesmo Capitão, todavia sua reivindicação nada tem haver com a corrupção ou com problemas internos [00:43:05 – 00:43:33]. Nesta, seu pedido é para ser alocado nas ações de combate ao crime nas favelas, alegando ter desejo em contribuir para força, pois se considera um bom atirador.

A última diferença entre as duas versões consiste na exibição dos créditos. Na pirata, uma voz masculina em *off* encerra o filme com a narrativa:

Numa cidade muito longe, muito longe daqui... que tem favelas que parecem com as favelas daqui... que tem problemas que parecem com os problemas daqui. Existem homens maus, sem alma e sem coração. Existem homens da lei com determinação. Mas o momento é de caos. Porque a população, na brincadeira sinistra de polícia e ladrão... Não sabe ao certo, quem é herói ou vilão. Não sabe ao certo quem vai e quem pra contramão. Não sabe ao certo quem vai e quem não vem.²⁰⁴

Não existe qualquer narração na versão oficial. Após o disparo de Matias, a película termina exibindo os créditos com a trilha sonora *Lado B Lado A*, da banda O Rappa. O filme apresentado nos camelôs e em sessões de cinemas não autorizadas da 25 de março de São Paulo não pode ser considerado o mesmo que foi aos cinemas de todo país. Trata-se de duas obras distintas e os publicitários da produtora investiriam em reforçar essa diferença e, ao mesmo tempo, criar uma expectativa sobre a obra concluída. Nos dois *trailers* produzidos (um de 2 min. e 36 seg. e uma chamada menor

²⁰² **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, [Versão pirata], AVI, transcrito. trecho: 00:02:55 min até 01:31:50 min. [Destacado]

²⁰³ Por exemplo, essa explicação não existe na versão pirata: “Os corruptos não iriam matar Fábio ali, em pleno baile *funk*. Mas Neto achou que o traficante estava sacando uma arma. Neto tinha a polícia no coração, mas era um cara afobado. E nego afobado em favela, parceiro, faz merda”. **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 00:59:08 min até 00:59:11 min.

²⁰⁴ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, [Versão pirata], AVI, transcrito, trecho: 01:52:38 min até 01:53:18 min.

de 1 min. e 06 seg.) em imagem estática, tais quais as utilizadas para conduzir as narrativas do filme, trazem a advertência “O Verdadeiro ainda é inédito”.²⁰⁵

As críticas que foram elaboradas antes da pré-estreia, ou seja, sobre o filme exibido pelo mercado informal e ilegal, se protegeram dizendo que “ouviram falar” ou que “estavam passando e assistiram algum trecho” exibido em algum local público. Exemplo disso encontra-se na matéria produzida por Xexéo ao *O Globo*, na qual escreve que “Se eu tivesse visto ‘Tropa de Elite’ [...] poderia dizer ainda que o filme tem os melhores diálogos da Retomada”.²⁰⁶ Sem entrar no mérito artístico numa comparação entre o rascunho e a obra final, pode-se afirmar que ambas as obras foram muito bem aceitas pelo público. Segundo Padilha, o rascunho ultrapassou as fronteiras do Brasil, sendo visto até em Moçambique.²⁰⁷

O Filme ‘Tropa de Elite’ foi, sem dúvida, um dos principais títulos encontrados entre os filmes pirateados neste período – avalia Márcio Gonçalves, diretor regional anti-pirataria da MPA para a América Latina. [...] Para se ter uma base de comparação, o filme ‘Piratas do Caribe 3’ teve cerca de 500 links piratas em um período de tempo similar – exemplifica.²⁰⁸

Conforme noticia o editorial de *O Globo Online*, um dia antes da estreia nacional²⁰⁹ do filme, a obra inacabada já era sucesso no mercado informal, comparado a títulos internacionais como *Piratas Do Caribe 3*. O lançamento nos cinemas de *Piratas* ocorreu em maio de 2007, enquanto *Tropa* saiu no mercado ilegal em agosto do mesmo ano. É interessante também salientar que a exibição de uma cópia ilegal, anterior à sua

²⁰⁵ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito.

²⁰⁶ XEXÉO, Artur. Tropa de elite se destaca entre material pirata apreendido em setembro. **O Globo**, [O Globo online], Rio de Janeiro, 29 ago. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/xexeo-sobre-tropa-de-elite-chocante-a-plateia-4152614>> Acesso em: 13 abr. 2013.

²⁰⁷ Cf. NOVAES, Tereza. Tropa de Elite já foi visto por 19% dos paulistanos. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 06 out. 2007. e posteriormente, a revista *Veja* também notícia a informação revelada por Padilha em: “O qual a essa altura, já fez de Tropa de Elite um sucesso também nas ruas de Moçambique, Angola e Portugal”. BOSCOV, Isabela. Abaixo a Mitologia da Bandidagem. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 84-86, 17 out. 2007.

²⁰⁸ “TROPA DE ELITE” se destaca entre material pirata apreendido em setembro. **O Globo**, [O Globo online], Rio de Janeiro, 11 out. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/tropa-de-elite-se-destaca-entre-material-pirata-apreendido-em-setembro-4148568>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

²⁰⁹ Devido a pirataria o lançamento foi adiantado para 12 outubro: “Após o vazamento para o comércio ilegal de ‘Tropa de Elite’, a distribuidora Paramount decidiu antecipar a estria do filme para 12 de outubro”. ARANTES, Silvana. Pirataria do filme Tropa de Elite preocupa governo. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 29 ago. 2007.

exibição oficial, nunca havia ocorrido antes na história do cinema nacional.²¹⁰ O sucesso foi tão grande que a Globo Filmes, que havia recusado²¹¹ a parceria na produção, quase um mês antes da sua estreia inicia suas ofertas pelo direito de produzir seriados com a mesma temática.

Filme que já é sucesso mesmo antes de estreiar nos cinemas. ‘Tropa de Elite’ deverá virar seriado de TV. A Globo tem interesse em adaptar o longa para sua grade de programação. O Produtor Marcos Prado, por sua vez, afirma que já recebeu uma proposta de um ‘canal de TV’, que não seria a Globo e nem Record, mas enfatiza que ‘está aberto a negociações’.²¹²

A primeira exibição do filme foi em sessão privada para o governador do Rio de Janeiro.²¹³ Teve duas pré-estreias, ambas com público restrito. A primeira no Festival do Rio (Rio de Janeiro, 20 set. 2007) e a segunda no Espaço Unibanco de Cinema²¹⁴ (São Paulo, 04 out. 2007), ocorrida no final de semana antes do lançamento nacional. No entanto, sete dias antes da data programada, estreia ao público aberto apenas nos estados do Rio e de São Paulo (05 out 2007).

As pré-estreias rederam artigos como os de Bloch e Fraga, redigidos em meio à efervescência midiática entorno do filme. Além das entrevistas e matérias em resposta ao *O Globo*, antes do fim de setembro (29 set. 2007), Padilha e Luiz Eduardo Soares escrevem à *Folha de São Paulo*,²¹⁵ desmistificando questões como: pirataria enquanto

²¹⁰ “Pirataria como jamais ocorreu com qualquer outro filme antes de seu lançamento, chegou finalmente aos cinemas do Rio de Janeiro e de São Paulo, na sexta-feira 5”. CLAUDIO, Ivan. *Tropa de elite, da pirataria as telas. IstoÉ Independente*, São Paulo, Editora 3, ed. 1987, 28 nov. 2007 [versão online] Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/7949_TROPA+DE+ELITE+DA+PIRATARIA+AS+TELAS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage> Acesso em: 14 mar. 2013

²¹¹ Em entrevista a *Folha* em novembro de 2007, o diretor executivo da Globo Filmes Carlos Eduardo, declara: “A gente analisou o filme. E tomamos uma decisão conjunta, e unânime, de todos os que participaram da discussão, de não estarmos dentro do filme. Isso é normal. A gente analisa mais de cem projetos por ano”. GLOBO ACUSA PADILHA de ‘lista de factoides e inverdades’. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, São Paulo, p. E2, 28 nov. 2007.

²¹² CASTRO, Daniel. Globo quer tornar *Tropa de Elite* seriado. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 17 set. 2007

²¹³ Em entrevista a *Folha* Padilha comenta sobre a sessão do governador: “A sessão para o governador foi uma iniciativa de um amigo em comum”. PADILHA, José apud ARANTES, Silvana. ‘Nós somos levados para a violência’. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, p. E4, 20 set, 2007. [Entrevista com José Padilha]

²¹⁴ “A *Folha* e Espaço Unibanco de Cinema promovem hoje, às 19h, a pré-estréia do filme “*Tropa de Elite*”, em São Paulo”. TROPA DE ELITE tem pré-estréia e debate com José Padilha hoje. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 04 out. 2007.

²¹⁵ PADILHA, José; SOARES, Luiz Eduardo. O que pode a Linguagem? *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, São Paulo, p. E8, 29 set. 2007.

marketing e o fato de que o filme inspirou livro e não o contrário. Neste mesmo dia, a *Folha* pública, no Primeiro Caderno, um editorial de Carlos Cony, no qual o assunto já não é mais a pirataria: “Está em discussão um filme sobre o tipo de repressão que a polícia carioca vem praticando contra bandidos, notadamente contra os traficantes que criaram e mantêm o crime organizado”.²¹⁶

Quando todos os empecilhos pareciam terminados, aparece outro. Alguns policiais ainda tentam impedir o lançamento porque querem identificar quem deu depoimentos ao diretor. “O filme é uma obra artística. É uma ficção baseada em fatos reais. Temos nossos advogados para explicar isso”, avisa Prado.²¹⁷

Na ação judicial movida pela PMRJ, em que se investigava a possibilidade da pirataria ter a finalidade de promover o filme, e a identificação dos depoentes, o processo envolvia a retirada do direito de exibição de *Tropa de Elite*. Contudo não houve qualquer empecilho que impossibilitasse seu lançamento. Ao contrário, entra para a história cinema nacional, como ironiza Aina Pinto na *IstoÉ*: “Antes mesmo de estrear já é o maior da história do cinema nacional em dois quesitos: custo de produção (10,5 milhões) e pirataria. Nunca um filme foi tão copiado ilegalmente antes de ir para a tela”.²¹⁸ No final da matéria, a autora fala do otimismo do produtor Marcos Prado: “Mesmo que centenas de pessoas já tenham visto uma das muitas cópias que circulam pelas ruas e pela internet, ele acredita que o filme ainda possa obter um terceiro recorde: bilheteria de 5,3 milhões de espectadores, número só alcançado por *2 filhos de Francisco*”.²¹⁹ Frustrando a expectativa do produtor, o filme apenas atingiu próximo da metade do público esperado.

Mesmo não conseguindo a cifra pretendida, como Fernando Meirelles reporta à *Folha*, o filme causou impacto nos espectadores brasileiros:

O diretor de ‘Cidade de Deus’ avalia ‘Tropa de Elite’ como o maior fenômeno recente ‘em termos de comunicação e diálogo com o país’, Meirelles diz que ‘nem a Globo, com sua média de 35% de audiência

²¹⁶ CONY, Carlos Heitor. A elite e a violência, **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 29 set. 2007.

²¹⁷ PINTO, Aina. Desordem na Tropa de Elite. **IstoÉ independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 1977, 19 set. 2007. [versão online]. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/3094_DESORDEN+NA+TROPA+DE+ELITE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 14 abr. 2013.

²¹⁸ Ibid.

²¹⁹ Ibid.

diária conseguiu, em toda a sua história, tal participação na vida nacional’.²²⁰

Considerando todos os problemas no final da produção, o resultado só pode ser avaliado como positivo. A despeito de toda a pirataria, *Tropa* foi um grande sucesso. Desde suas pré-estreias lotadas e largamente comentadas, tornou-se posteriormente a maior bilheteria do ano de 2007, além de ter sido condecorado com vários prêmios.²²¹

4.1 – DISTRIBUIÇÃO E RECEPÇÃO DE *TROPA DE ELITE* PÓS-ESTREIA

A *Folha de São Paulo* estampa em letras garrafais, no dia da estreia em São Paulo (05 out 2007), a matéria de Silvana Arantes, na página 5 do caderno Ilustrada: “‘Tropa’ faz Apologia ao Estado Policial”. O título foi baseado na fala da cineasta Lúcia Murat, que afirma que a: “[...] a intenção de Padilha não foi fazer uma apologia da tortura mas o filme perdeu o controle e terminou sendo uma apologia do Estado Policial”.²²² A matéria também se vale dos comentários de Bruno Barreto, diretor de *Última Parada 174* (2008)²²³ “Ele humaniza o Bope, o que é muito banca, mas não humaniza os outros personagens, que ficaram caricatos”²²⁴ e de Heivécio Ratton, diretor de *Batismo de Sangue* (2007) “Em ‘Batismo de Sangue’, a violência está posta de forma explícita, dentro de um filme que é um libelo contra a tortura. No caso da tortura em

²²⁰ ARANTES, Silvana. Febre pirata, *Tropa* vira líder oficial. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E12, 11 nov. 2007.

²²¹ Além do já comentado Urso de Ouro, premiado no ano seguinte em Berlim, *Tropa* recebeu também prêmios nacionais: Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) divulga votação e elege *Tropa de Elite* como melhor montagem e direção. “O campeão de bilheteria ‘Tropa de Elite’ ganhou em montagem (Daniel Rezende) e diretor (José Padilha)”. (DIÁRIO DE S. PAULO. Críticos paulista elege jogo de cena melhor de 2007. **O Globo**, [O Globo Online] Rio de Janeiro 12 dez. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/criticos-paulistas-elegem-jogo-de-cena-melhor-de-2007-4134024>>. Acesso em: 14 mar. 2013.) Recebe também, pela Academia Brasileira de Cinema (ABC), 9 prêmios no “Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro”, ocorrido no dia 16 abr. 2008 “O grande favorito da noite ‘Tropa de Elite’, levou nove prêmios, incluindo o de ator (Wagner Moura) e diretor (José Padilha), mas não o de melhor filme, considerado o mais importante da noite. Ganhou ‘O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias’, de Cao Hamburger, premiado também como longa de ficção, roteiro original e direção de arte”. SAMPAIO, Paulo. ‘Tropa’ e ‘Ano’ são principais vencedores. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E4, 17 abr. 2008.

²²² MURAT, Lúcia apud ARANTES, Silvana. *Tropa* faz apologia do Estado Policial. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 05 out. 2007.

²²³ Ficção baseada no documentário de Padilha *Ônibus 174*

²²⁴ BARRETO, Bruno apud ARANTES, Silvana. *Tropa* faz apologia do Estado Policial. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 05 out. 2007.

‘Tropa de Elite’ não sinto dessa forma. Acho que ele realiza o desejo de parte da classe média de que bandido bom é bandido morto”²²⁵.

Ao contrário da grande aceitação do público, narrada por Bloch, a primeira recepção de alguns intelectuais do meio cinematográfico foi negativa. Segundo Hector Babenco,²²⁶ a violência em *Tropa* aterroriza. Tal afirmativa é questionada por Padilha e utilizada por Silvana Arantes em seu artigo: “‘É uma puta injustiça comigo, uma atitude covarde, que prescinde da argumentação. Eu quase morro fazendo um filme que vai denunciar o absurdo da tortura, aí vem um idiota e fala que eu estou glorificando a tortura? desabafa’²²⁷. Por esse prisma, a justificativa dessa recepção negativa, de acordo com o diretor, encontra-se no fato de que “Filmes que têm alcance popular são sempre patrulhados na sociedade brasileira”²²⁸.

Na página subsequente desse mesmo Caderno foi publicada outra matéria sobre o filme. Assinada por Cássio S. Carlos, traz uma crítica à película estabelecendo um diálogo não com o título da matéria de Bloch “‘Tropa’ é fascista?”, mas sim com o seu conteúdo. Trata-se do comum incomodo²²⁹ que o discurso moralista da personagem principal Cap. Nascimento causou aos intelectuais em geral pela responsabilização do usuário de drogas pela ocorrência da criminalidade.²³⁰ “A tese, se há uma no filme de

²²⁵ RATTON, Heivécio apud ARANTES, Silvana. *Tropa faz apologia do Estado Policial*. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 05 out. 2007.

²²⁶ “Autor de ‘Carandiru’ e membro da comissão que na semana passada elegeu ‘O Ano em que meus Pais Saíram de Férias’ como aspirante brasileiro no Oscar de melhor filme estrangeiro, descartando as pretensões de ‘Tropa’ diz [...] O que me interessa é que eu não me emocionei com o filme. Posso ter me aterrorizado em algum momento, mas essa não é uma sensação que eu busco no cinema”. ARANTES, Silvana. *Tropa faz apologia do Estado Policial*. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 05 out. 2007.

²²⁷ Ibid.

²²⁸ PADILHA, José apud Ibid.

²²⁹ Para alguns críticos não foi incomodo. No discurso da revista *Veja*, essa é uma teoria válida “E Vale lembrar que, também como no caso das drogas, é o usuário recreativo (aqui na acepção da palavra) que sustenta essa organização criminosa, com seus 5 reais aqui, 5 reais ali”. BOSCOV, Isabela. *Abaixo a Mitologia da Bandidagem*. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 86, 17 out. 2007.

²³⁰ A revista *Veja* tenta dar suporte, com dados estatísticos, à teoria superficial e moralista da personagem Capitão Nascimento: “Uma pesquisa encomendada por VEJA ao Instituto Vox Populi mostra que *Tropa de Elite* caiu no gosto do público. E que oito em cada dez entrevistados dizem que a culpa pela existência dos traficantes é dos usuários de drogas”. REALIDADE, *SÓ a Realidade*. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 81, 17 out. 2007.

Padilha, não é que os ‘burgueses’ alimentam o tráfico por meio do consumo de drogas, mas que a brutalidade do Bope é a realização de nossos desejos de extermínio”.²³¹

Existem dois problemas nessa análise. O primeiro está na perspectiva teórica adotada por Padilha que não comunga com a lógica marxista baseada na luta de classes. Na verdade, sua fundamentação está alicerçada sobre a teoria dos jogos, conforme entrevista concedida à *Folha* no mês anterior. Nela, Padilha já havia explicado²³² e se posicionado frente ao volume de críticas acerca da violência exibida:

Padilha comentou a recepção crítica negativa do filme (acusado de fazer apologia da tortura) afirmando que muitos não o compreenderam embora não seja difícil entender o longa. ‘Não acho que o filme seja hermético e difícil de entender. O que acontece é que tentamos fazer um filme que olhasse para um problema social sem partir de idéias marxistas e sem partir de idéias neoliberais. Usamos outra maneira de pensar, baseada na teoria dos jogos, para montar esse roteiro. Perguntamos quais são as regras do jogo da vida desse personagem [o capitão Nascimento].’²³³

O segundo consiste em atribuir aos produtores a capacidade de interferirem na forma como a obra deva ser recebida pelo público: “O recurso ao modo clássico serve para subverter os mecanismos de identificação e revelar à platéia de onde parte o desejo de vingança”.²³⁴ Essa lógica é comum a outras matérias, como, por exemplo, no título de Arantes “Nós somos levados para a violência”.²³⁵ Essa noção é consonante a uma das críticas mais reproduzidas: *Tropa* ser ou não fascista.

Nova matéria é publicada na *Folha* duas semanas depois do questionamento do suposto fascismo alavancado por Bloch. Trata-se do artigo de Marcelo Coelho²³⁶ que já

²³¹ CARLOS, Cássio Starling. Em *Tropa de Elite*, Padilha transforma a platéia em algoz. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 05 out. 2007.

²³² “Quero explicitar isso. Um dos melhores modelos para estudar processos sociais é a teoria dos jogos, do matemático John von Newmann. Você tenta modelar as regras da sociedade e, no contexto daquelas regras, os jogadores, no caso, as pessoas, fazem suas escolhas. É isso o que você vê no filme”. ARANTES, Silvana. ‘Nós somos levados para a violência’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, p. E4, 20 set, 2007. [Entrevista com José Padilha]

²³³ Id. Filme foi mal compreendido pela crítica. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A23, 17 fev. 2008.

²³⁴ CARLOS, 2007, op. cit.

²³⁵ ARANTES, 2007, op. cit.

²³⁶ “Fascista? Não achei nem um pouco. Se há algo a concluir de ‘Tropa de Elite’, filme de José Padilha, é que policiais são corruptos, torturadores e assassinos; que quando querem ser honesto aderem a um grupo de psicopatas; e que os traficantes são piores ainda”. COELHO, Marcelo. Fascismo é outra história. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E12, 10 out. 2007.

advoga a tese de defesa proposta na resposta de Wagner Moura²³⁷ “Só concluo dizendo que fascista é o filme que apresenta a violência policial como solução. ‘Tropa de Elite’ não mostra soluções, só problemas. E este, com certeza, são bem fascistas”.²³⁸ No final do mês, a ex-primeira dama Ruth Cardoso cedeu entrevista à *Folha* e lhe é perguntada sua opinião acerca do filme ser fascista. Sua resposta é negativa.²³⁹ Conforme a corrente que se segue, o Ministro Paulo Vannuchi, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, declara à *Folha* no ano seguinte:

Após reconhecer que a violência policial é grave no país, Vannuchi surpreendeu ao defender o filme ‘Tropa de Elite’ das acusações de que faz apologia da tortura e de ser fascista. ‘Eu não faria um filme igual, mas acho que ele contribui para a discussão do maior problema do Brasil hoje, que é o da segurança pública’, disse. ‘Fascista é o filme que só apresenta um lado da questão. ‘Tropa de Elite’ mostra plenamente as contradições do debate’.²⁴⁰

Ao contrário das críticas publicadas na *Folha de São Paulo* e da escrita por Bloch – “[...] o discurso e o ponto de vista do que há de pior na corporação, o discurso da pseudo-razão enlouquecida dentro da loucura institucional, o discurso do ‘não há saída, tem mesmo é que matar’. Arnaldo Bloch, em ‘O Globo’, em 22 de setembro 2007”²⁴¹ – que veem o filme como brutal e pessimista, a revista *Veja* estampa matéria de duas páginas ovaciona o filme. Exibe ao fundo uma imagem na qual o protagonista empunha uma arma direcionada para a cabeça de um jovem (vapor). No fotograma,

²³⁷ Wagner Moura em entrevista ao portal UOL – disponível desde o dia da pré-estreia em São Paulo – discute a acusação da obra ser fascista, relativiza a posição de herói do protagonista: “Essa acusação foi triste. Eu me sinto atingido pessoalmente. Não sou fascista, o Zé não é fascista, o filme não é fascista. O Diogo Mainardi escreve na “Veja” que o Brasil não precisa de cinema, que o governo não deveria dar dinheiro para os filmes, que só viu o cartaz de “Tropa de Elite”, mas já deu para perceber que sou um péssimo ator, que deveriam raspar minhas sobrancelhas. Tem muita gente que o vê como um herói. E nós é que somos os fascistas?”. CALIL, Ricardo. “Não somos nós os fascistas”, diz Wagner Moura. **Portal UOL**, cinema, 04 out. 2007. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2007/10/04/ult4332u457.jhtm>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

²³⁸ COELHO, Marcelo. Fascismo é outra história. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E12, 10 out. 2007.

²³⁹ “FOLHA – Acha o filme fascista? | Ruth – Não. Ao contrário. Acho que coloca questões muito importantes em debate. Um filme corajoso e não vejo nada de fascista. Disseram que o capitão vira um herói. Bom, se quilo é herói, francamente, não? O cara bate na mulher, o cara é um horror. Aparece como humano, Graças a Deus, porque senão seria uma caricatura”. ANTROPÓLOGA ELOGIA TROPA de Elite e critica pirataria. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A11, 21 out. 2007.

²⁴⁰ NINJO, Marcelo. Dossiê da ONU sobre tortura é preciso, afirma Vannuchi. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A8, 04 mar. 2008.

²⁴¹ BLOCH, Arnaldo. [destaque de página]. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 05 out. 2007.

ambos olham para outros usuários e o garoto acuado aponta para o portador das drogas ilegais. Na revista, os olhos e dedos do rapaz indicam em direção ao leitor.

O título “Realidade, Só a Realidade” tenta convencer que o discurso do narrador é verdadeiro. No canto superior da página dispõe um quadro com resultados da pesquisa realizada pela Vox Populi²⁴² e a citação de Carneiro²⁴³ afirmando a verossimilhança entre ficção e realidade. Cumpre também papel de capa para as quatro²⁴⁴ matérias seguintes, todas sobre o filme. Nota-se a existência de uma concordância entre elas a respeito da crítica que causou desconforto em outros veículos, ou seja, a responsabilização do usuário de drogas pela criminalidade. Sobremaneira, a *Veja* reproduz e defende o discurso conservador “Quem consome droga ilícita põe uma arma na mão de uma criança. É simples. É fato. É objetivo”.²⁴⁵ Essa tese de responsabilizar os usuários pelo narcotráfico é desconstruída por Padilha²⁴⁶ e Moura,²⁴⁷ que em contrapartida propõem a descriminalização enquanto solução.

A primeira das quatro matérias é de Marcelo Carneiro e aponta que, baseado na pesquisa encomendada pela *Veja*, a culpabilização do usuário pelo tráfico tem ressonância popular “Para 85% dos espectadores, o raciocínio do capitão Nascimento está correto. O policial vivido por Wagner Moura ganhou enorme popularidade, mas

²⁴² 79% dizem que o filme mostra a polícia como ela é; 72% consideram que, em *Tropa de Elite*, os traficantes do filme são tratados como merecem; 51% acham que a tortura não é um meio aceitável para obter a confissão de um bandido; 53% julgam o capitão Nascimento, personagem principal do filme, um herói. Cf. REALIDADE, SÓ A Realidade. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 81, 17 out. 2007.

²⁴³ “Realidade, Só a Realidade”.

²⁴⁴ Os artigos em ordem de exibição são Marcelo Carneiro emprega o subtítulo, mote, do filme para o título de sua matéria “Missão dada é Missão Cumprida” (p. 82-83); Isabela Boscov fala da mudança de perspectiva em “Abaixo a Mitologia da Bandidagem” (p. 84-86); Ronaldo Soares discute a recepção do filme para os soldados do BOPE em “Máquina Letal Contra o Crime” (p. 88-89); Reinaldo Azevedo escreve às críticas anteriores incomodadas com a responsabilização do usuário pelo tráfico em “Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault”. (p. 90-91)

²⁴⁵ AZEVEDO, Reinaldo. Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 90, 17 out. 2007.

²⁴⁶ “O filme diz assim: você, usuário, quando consome drogas no Brasil, opta por comprá-las de um grupo armado que domina uma comunidade carente no morro. Você está, portanto, optando por sustentar esse grupo armado. É um fato. Um fato que nada tem a ver com a idéia de que se as pessoas pararem de consumir drogas a violência vai acabar. Em momento algum eu emiti essa opinião”. NEGREIROS, Adriana. José Padilha [Entrevista]. **Playboy**, entretenimento, São Paulo, Editora Abril, 26 mar. 2008. [versão online]. Disponível em: <<http://playboy.abril.com.br/entretenimento/entrevista/jose-padilha/>>. Acesso em: 11 out. 2011.

²⁴⁷ “[...] acho injusto jogar toda a responsabilidade no consumidor. As pessoas batem no elo mais fraco dessa tragédia. Mas é inegável que o consumo alimenta o tráfico. Sou a favor da descriminalização das drogas”. CALIL, Ricardo. “Não somos nós os fascistas”, diz Wagner Moura. **Portal UOL**, cinema, 04 out. 2007. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2007/10/04/ult4332u457.jhtm>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

isso não significa que todas as pessoas enxerguem num Rambo²⁴⁸ a solução para problema tão complexo como a criminalidade”.²⁴⁹

As estatísticas apresentadas sobre a aceitação da violência são assustadoras: “47% aprovam esse método desumano”. Carneiro afirma que esse dado era esperado devido ao caos em que se encontra a Segurança Pública Nacional “Seria até de esperar que o desespero dos brasileiros em relação à segurança se traduzisse numa proporção ainda mais larga de pessoas adeptas da tortura policial”.²⁵⁰ A *Veja* destaca ainda outras estatísticas que dizem respeito ao medo da população quanto a violência urbana e fornece informações sobre o ano em que o enredo do filme narra (1997) e o compara com os do ano da exibição (2007):

Em 1997, a criminalidade era a maior preocupação para 31% dos brasileiros. Em 2007, pela primeira vez em uma década, a violência tornou-se a preocupação número 1 do país. Para 59% dos cidadãos, a falta de segurança é um problema maior que o desemprego ou baixos salários.²⁵¹

A revista não concorda em absoluto com a violência. No entanto, traz um último artigo, assinado por Reinaldo Azevedo, que utiliza Kant para fazer uma metáfora na qual aproxima o mal (violência) à esquerda política. Neste caso, a violência seria “justa”/redentora, logo boa:

O que o pensamento politicamente correto não suporta no Capitão Nascimento, o anti-herói com muito caráter, não é a sua truculência, mas a sua clareza; não é o seu defeito, mas a sua qualidade. Ele não padece de psicose dialética, **uma brotoeja teórica que nasce na esquerda e que faz o bem brotar do mal, e o mal, do bem.** Nascimento cultua é o bom paradoxo.²⁵² [Destacado]

²⁴⁸ A comparação entre Nascimento e Rambo é novamente feita quatro dias depois no editorial da *Folha de S. Paulo*: “O fato é que Capitão Nascimento caiu no gosto popular. A ideologia vitoriosa da nossa época se realiza na figura do primeiro Rambo brasileiro. Platéias amedrontadas projetam sua impotência sobre a tela, vingando-se, com aplausos nervosos, pelas mãos do torturador. Enquanto isso, ao propagandista do filme na mídia procuram fazer do policial psicopata e justiceiro um franco pensador dos novos tempos”. SILVA, Fernando de Barros. *Caveira Social. Folha de S. Paulo*, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 21 out. 2007.

²⁴⁹ CARNEIRO, Marcelo. Missão dada é Missão Cumprida. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 83, 17 out. 2007.

²⁵⁰ Ibid.

²⁵¹ AUMENTA TAMBÉM O Medo dos Brasileiros. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 82, 17 out. 2007.

²⁵² AZEVEDO, Reinaldo. Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 90, 17 out. 2007.

Sendo assim, para Marcelo Carneiro a truculência é resultado da precariedade do Estado “[...] a brutalidade de alguns policiais pode ser explicada pelo grau de penúria e abandono que o estado lhes reserva”.²⁵³ Já para Azevedo, a discussão levantada pelo filme sobre o conflito do narcotráfico não é o único e nem o maior problema da Segurança Pública (apesar de acreditar na tese de que o usuário é responsável pelo armamento da criminalidade), prognóstico esse que poucos outros críticos fizeram. A corrupção e o crime organizado existem dentro da instituição policial. Sendo assim, as ações dos chamados “maus policiais” são tão cruciais na manutenção da criminalidade quanto o narcotráfico.

A falha desse sistema independe do crime que ele é chamado a reprimir. Se as drogas forem liberadas e aquela falha permanecer, os maus policiais encontrarão outras formas de extorsão e associação com o crime. E esse me parece um aspecto importante do filme, que tem sido negligenciado.²⁵⁴

Isabela Boscov trata a recepção da plateia como ativa, capaz de se posicionar e entender a inversão da lógica comumente adotada pelo cinema tradicional– como, por exemplo, o fez em *Ônibus 174*, documentário que o diretor humaniza o sequestrado Sandro, ex-morador de rua e sobrevivente da chacina da Candelária, traça sua história ao compor a narrativa. Em *Tropa* a perspectiva é a de Capitão Nascimento, narrador e policial. Seguindo essa lógica, a autora analisa a grande bilheteria como um sinal de mudança “A plateia sabe que escolher entre uma polícia corrupta e uma polícia violenta não é escolha. Mas dá sinais de que não quer mais ver a bandidagem mitificada”.²⁵⁵

Ronaldo Soares, terceiro artigo publicado pela *Veja*, analisa a recepção dos policiais do BOPE, utilizando para tanto de entrevistas com ex-integrantes da unidade e pessoas que acompanham de perto sua rotina. Sumariza-as e relata: “Eles se dividem. Têm orgulho por haverem sido retratados como salvadores da pátria no caótico cenário

²⁵³ CARNEIRO, Marcelo. Missão dada é Missão Cumprida. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 82, 17 out. 2007.

²⁵⁴ AZEVEDO, Reinaldo. Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 90, 17 out. 2007.

²⁵⁵ BOSCOV, Isabela. Abaixo a Mitologia da Bandidagem. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ano 40, n. 41, p. 86, 17 out. 2007.

da violência urbana. Por outro lado, dizem que há muito exagero em algumas cenas que mostra como a tropa atua”.²⁵⁶

Soares fundamenta seu o artigo com uma declaração anônima recortada “É tudo verdade. E ainda tem mais”,²⁵⁷ possivelmente feita a respeito da fidelidade na representação do treinamento, mas utilizada para estabelecer e avaliar a verossimilhança do filme em geral. As avaliações sobre as cenas apresentadas na ficção foram positivas, pois conseguem retratar com fidelidade o treinamento pelo qual os agentes são submetidos na realidade, todavia completa alegando serem ainda mais truculentos:

O treinamento pode incluir sessões de choques elétricos e afogamentos, noites inteiras de imersão na água gelada de um rio e o golpe conhecido como “telefone”, que em duas ocasiões causou perfuração de tímpano. Cenas como a da comida jogada no chão e a dos tapas na aula inaugural retratam quase à perfeição do cotidiano do batalhão.²⁵⁸

O editorial abre afirmando que o filme é “realidade” e corrobora sua tese no artigo de Soares, utilizando quadro destacado com dados comparativos entre as Operações Especiais e a PMRJ convencional: a primeira com táticas de operação na selva e treino de precisão: “Os atiradores de elite do Bope são capazes de acertar uma moeda de 5 centavos a uma distância de 100 metros”,²⁵⁹ enquanto a PMRJ convencional não possui tais treinamentos. A questão da honestidade também é abordada, explicitada com o fragmento da entrevista do coronel Mário Sérgio Duarte, ex-comandante da unidade: “Uma simples suspeita é o suficiente para que o policial seja afastado, mesmo que ela não fique totalmente comprovada. Não pode pairar nenhuma desconfiança sobre um home do Bope”.²⁶⁰ No final do artigo, o autor faz sua crítica ao ressaltar a convivência com as infrações constitucionais e penais decorrente da brutalidade da tropa:

Nos últimos quatro anos pelo menos 43 policiais foram afastados, seja por baixa qualidade técnica, seja por desvios de conduta [...] Quanto a

²⁵⁶ SOARES, Ronaldo. *Máquina Letal Contra o Crime – Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo*. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 88, 17 out. 2007.

²⁵⁷ Ibid.

²⁵⁸ Ibid.

²⁵⁹ RETRATO DA ELITE. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 89, 17 out. 2007. No quadro também contém as informações de que o BOPE tem em média 2500 tiros e aprende a utilizar 12 armas no curso preparatório, enquanto a PM convencional faz apenas 250 tiros e manipula 5 armas. Em termos de salário os oficiais das Operações Especiais apenas recebem um bônus de R\$500,00 independentemente da patente. Cf. Ibid.

²⁶⁰ SOARES, 2007, op. cit., p. 89.

conduta informal de asfixiar bandidos com sacos plásticos, como método de arrancar confissões, ninguém foi afastado do Bope por emprega-las.²⁶¹

A discussão sobre a violência abordada no filme é matéria do Primeiro Caderno da *Folha* em dois editoriais da socióloga e antropóloga urbana Alba Zaluar. O primeiro é publicado no domingo do final de semana que o filme estreou no Rio e em São Paulo e questiona a formação de “combate” que os soldados do BOPE recebem e sua finalidade institucional:

Não são treinados para salvar cidadãos quando estão nas mãos de seus predadores. Não são formados para combater o crime. São treinados para matar inimigos, para arriscar a vida calculadamente para não errar o tiro certo que ‘quebra’ o inimigo. Não há como negar que o filme, por exibir tanta crueldade, denuncia e alerta.²⁶²

O segundo ocorre no ano seguinte. Nele a autora compara duas notícias: a condecoração de *Tropa* com o Urso de Ouro em Berlim e a proibição de um baile *funk* carioca, baseado em uma justificativa de apelo moral. Em seu artigo, Alba trata da tradição da instituição policial de transgredir o código penal em função de valores outros, como a moral. Também discute a larga aceitação da ficção em que os protagonistas do filme, policiais, transgredem impunemente a CF, CP e o CPM impunemente, sendo recebidos por uma parcela da população como heróis. Assim faz um diagnóstico pessimista e propõe um questionamento à sociedade: “Pior, que a sociedade assim o deseja. Investigações falhas, arquivadas ou desviadas não punem os policiais que empregam violência desnecessária no trato dos cidadãos pobres. Até quando?”²⁶³

No meio do mesmo ano (2008), Arnaldo Bloch, ao jornal *O Globo*, também correlaciona o sucesso de *Tropa* à convivência popular com a violência policial “O pensamento reinante, ao contrário, é de que o Estado tem, sim, direito de executar, e deve fazê-lo, sistematicamente. De que a pena de morte só não existe no papel, porque,

²⁶¹ SOARES, Ronaldo. Máquina Letal Contra o Crime – Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 89, 17 out. 2007.

²⁶² ZALUAR, Alba. Entre a Lei e a Guerra. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 08 out. 2007.

²⁶³ Id. Moralismo fora de lugar. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 07 fev. 2008.

na dura realidade, tem mesmo é que metralhar”.²⁶⁴ Questiona graves problemas da Segurança Pública do Rio de Janeiro e ironicamente aponta, sem nem citar o narcotráfico

Esquecemos que estamos no Rio de Janeiro, estado e cidade das chacinas de menores, das milícias, da Assembleia e da Câmara lotadas de figuras da mais baixa estatura moral, criminosos de ficha gorda, corruptos de carteirinha, representantes legais das máfias que arrotam projéteis em nossas ruas à luz do dia (e olha que nem falamos ainda do tráfico...). O que matou o menino João Roberto não foi a falta de treinamento. Foi o culto à morte que, faz tempo, se estabeleceu por aqui.²⁶⁵

Toda a polêmica gerada antes, durante e depois da estreia do filme e nem mesmo a pirataria impediu *Tropa de Elite* de ser um grande título do mercado cinematográfico. Estreou com 140 cópias em 171 salas e só no primeiro final de semana do lançamento exclusivo no Rio e São Paulo leva cerca de 180 mil pessoas aos cinemas.²⁶⁶

A partir do dia 12 de outubro de 2007, a película passou a ser amplamente exibida²⁶⁷ em todos os cinemas brasileiros chegando à marca de 2,4 milhões de espectadores.²⁶⁸ Além de ser campeão de bilheteria do ano, foi também o primeiro colocado em faturamento bruto:

Mesmo com a concorrência dos piratas, a produção cumpriu sua vocação de *blockbuster*, apesar de não ter alcançado os números que previsões mais otimistas sugeriram em seu lançamento. [...] Na semana passada, “Tropa de elite” já havia entrado no ranking dos filmes mais rentáveis do ano no Brasil. Em renda, o longa do Bope acumulou R\$ 16,5 milhões em faturamento bruto, o que o situou na nona posição, à frente de “Quarteto Fantástico 2”. “A grande família – O filme”, até então, era o único brasileiro entres os dez filmes mais rentáveis de 2007.²⁶⁹

²⁶⁴ BLOCH, Arnaldo. Desejo de matar. **O Globo**, Rio de Janeiro 12 jul. 2007. [versão online]. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/arnaldo/posts/2008/07/14/da-idolatria-ao-capitao-nascimento-morte-do-menino-joao-roberto-113941.asp>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

²⁶⁵ Ibid.

²⁶⁶ TROPA DE ELITE leva mais de 180 mil aos cinemas. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 08 out. 2007

²⁶⁷ Até com bilheteria com custo dois reais, na rede Cinemark houve exibição. Cf. REDE CINEMARK EXIBE hoje filmes brasileiros a R\$2. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E3, 21 out. 2007.

²⁶⁸ ARANTES, Silvana. Caça ao Urso. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E1, 07 fev. 2008.

²⁶⁹ FONSECA, Rodrigo. Além de mais rentável, Tropa de Elite também é o filme brasileiro mais visto de 2007. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 nov. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/alem-de-mais-rentavel-tropa-de-elite-tambem-o-filme-brasileiro-mais-visto-de-2007-4141583#ixzz2T3iNnE8F>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

Tropa de Elite, como Meirelles comentou, foi um fenômeno noticiado em todo mundo. O *The New York Times* utiliza fragmentos de uma entrevista feita com uma moradora de favela do Rio e, em seguida, realiza um comparativo entre a violência do Rio de Janeiro com a vivenciada em Nova York. Para ambientar seu leitor, comenta que o filme provocou no público brasileiro uma reflexão sobre a violência policial:

The movie, which opened Nationwide on Friday but last week in Rio and S. Paulo, has offered a rare look into the battalion, which is depicted as killing and torturing, seemingly at will. It is causing many Brazilians to reflect on what level of violence is acceptable from the police, especially in Rio, a city with a homicide rate more than six times higher than New York City's.²⁷⁰

Além de temáticas sobre a violência, do chamado “fascismo” e da polêmica a respeito da culpabilidade do usuário de drogas, outro assunto disseminado pelos veículos de comunicação foi a crença de que o filme era uma inspiração do livro **Elite da Tropa**. Silvana Arantes, em matéria à *Folha* no mês de abril,²⁷¹ já comete o equívoco. O mesmo ocorre um dia antes da estreia nacional, novamente na *Folha*, quando Calligaris faz a mesma alusão “O filme é inspirado no livro ‘Elite da Tropa’ (Objetiva) de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel (os dois últimos policiais)”.²⁷²

Em resposta às diversas críticas, Padilha (diretor) e Luiz Eduardo Soares (coautor), antes da estreia, já haviam publicado acerca da autonomia das obras, resposta publicada na *Folha de São Paulo*: “Eles [os projetos] nasceram e cresceram como obras distintas e autônomas, mas atravessadas por fontes, referências, intenções e estruturas narrativas comuns”.²⁷³ A explicação não impediu a proliferação dessa informação equivocada. A mesma é noticiada dois meses depois pela revista *IstoÉ*: “A abordagem

²⁷⁰ “O filme, que estreou nacionalmente sexta-feira, já exibido desde a semana passada no Rio de Janeiro e S. Paulo, ofereceu um raro olhar sobre o batalhão, que é retratado assassinando e torturando, aparentemente à vontade. Ele está fazendo com que muitos brasileiros reflitam sobre qual o nível de violência é aceitável por parte da polícia, especialmente no Rio, uma cidade com uma taxa de homicídios seis vezes maior do que a cidade de New York”. BARRIONUEVO, Alexei; Galantemick, Mery; Schneyer, Joshua. A Violent Police Unit, on Film and in Rio's Streets. **The New York Times**, 14 out. 2007. [versão online] [Traduzido] Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/10/14/world/americas/14tropa.html?_r=0>. Acesso em: 14 mar. 2013.

²⁷¹ ARANTES, Silvana. Caso de Polícia. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E8, 18 abr. 2007.

²⁷² CALLIGARIS, Contardo. “Tropa de Elite”. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E16, 11 out. 2007

²⁷³ PADILHA, José; SOARES, Luiz Eduardo. O que pode a Linguagem? **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E8, 29 set. 2007

de Padilha, que se inspirou no livro escrito pelo ex-capitão do Bope Rodrigo Pimentel e em depoimento de outros militares, é implacável: mostra a corrupção e a truculência dos policiais, a carnificina praticada pelos traficantes [...]”.²⁷⁴ No ano seguinte, o diretor Walter Salles, em entrevista a Sylvia Colombo, relaciona *Tropa* e *Cidade de Deus*: “O filme de José Padilha reforça uma tendência iniciada por Fernando Meirelles em ‘Cidade de Deus’, que é a de tratar de temas urgentes a partir de livros que viram realidades específicas desde dentro”.²⁷⁵

O caso mais grave encontrado com essa interpretação foi o artigo escrito em conjunto pela professora de psicologia da UERJ Regina Andrade e a Advogada Andreyra Navarro, publicado nos anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC (Tessituras, Interações, Convergências)²⁷⁶ ocorrido em julho de 2008, ou seja, posterior ao lançamento do DVD. Indiferente à relevância que um artigo acadêmico representa, as autoras não se dispuseram a assistir os extras contidos no DVD,²⁷⁷ alicerçando boa parte da tessitura do texto tendo como base a ideia de que o filme seria inspirado na obra literária.

Caso as autoras não tivessem a oportunidade de ver a matéria da *Folha* – tal qual um dos colunistas desse jornal o fez, acima explicitado – nos extras do DVD consta uma entrevista com o diretor José Padilha na qual ele afirma: “O livro, ao contrário do que as pessoas pensam, não gerou o filme. O roteiro filme foi feito antes do livro. A gente leu o roteiro pro Luiz Eduardo Soares e pro Batista e aí surgiu o livro”.²⁷⁸

²⁷⁴ CLAUDIO, Ivan. *Tropa de elite, da pirataria as telas*. **IstoÉ Independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 1987, 28 nov. 2007 [versão online] Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/7949_TROPA+DE+ELITE+DA+PIRATARIA+AS+TELAS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 13 mar. 2013.

²⁷⁵ COLOMBO, Sylvia. Para Salles, ‘Tropa’ segue ‘Cidade’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 22 fev. 2008. [Entrevista com Walter Salles]

²⁷⁶ No resumo do artigo, a análise equivocada já aparece “O Filme é uma inspiração literária do livro; propositadamente foram trocados os termos. Para uma adaptação literária, deve-se pensar na maneira como se processam as transformações ou transposições das palavras e imagens”. ANDRADE, Regina; NAVARRO, Andreyra. *Tropa De Elite: Literatura, Cinema E Espaços Especiais Na Cidade Do Rio De Janeiro*. XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências, São Paulo, USP, p. 01, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anaeis/cong2008/AnaísOnline/simposios/pdf/041/REGINA_ANDRADE.pdf>. Acesso em: 22 set. 2012.

²⁷⁷ De fato os extras do DVD não ficaram muito bem elaborados como se espera de um *blockbuster* como *Tropa*. Conforme crítica de Rizzo, ainda assim não justifica não assisti-lo antes de criticá-lo. Cf. RIZZO, Sérgio. Edição preguiçosa enfraquece DVD oficial de ‘Tropa de Elite’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E11, 01 mar. 2008.

²⁷⁸ **Tropa de Elite**. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, transcrito. trecho: 02:36 min até 02:53 min.

É fato que o lançamento do livro se deu um ano antes da exibição da película, o que pode ser uma das causas do erro comum. O que não é justificável, afinal caso as autoras tivessem feito a leitura dos livros tal associação também se mostraria inviável, afinal a narrativa da série fílmica não é consonante com as narrativas literárias. O saudosismo da literatura,²⁷⁹ enquanto um veículo de maior importância cultural, e a tendência do cinema de recorrer a ela para inspirar suas obras, direcionam a escrita de críticas superficiais, as quais não perceberam algo atípico: em *Tropa* o processo é inverso.

Apesar da narrativa do segundo livro tratar das “máfias” do Rio de Janeiro, tal como no segundo filme, a perspectiva adotada na literatura não é a da PMRJ e sim da Polícia Civil. A personagem literária Lima Neto, presente em **Tropa de Elite 2**, afirma ser a inspiração para a construção do Capitão Nascimento do filme. No enredo, Lima, iludido pela popularidade e aceitação da película, declara publicamente tal ligação, o que lhe rende um desfecho triste, pois é preso por crimes de tortura e pela quebra dos direitos humanos.

As tramas internas das obras são incongruentes, na medida em que ambos os livros são recheados de episódios do conflito urbano na capital carioca – no primeiro há crônicas sobre o BOPE, no segundo sobre a DRACO –, mas nenhum narra a chegada do Papa ou as adversidades causadas pela vinda dele. A personagem principal da literatura, como discutido no capítulo terceiro, não dialoga com o protagonista do filme; sua correlação é com a do coadjuvante, o sucessor André Matias.

Lima Neto, que se diz ser a inspiração de Nascimento, tem uma boa relação com Marcelo Freitas,²⁸⁰ deputado que no livro tem uma dívida pessoal com ele. No filme, Fraga além de ser responsável pela saída de Nascimento do BOPE também é o

²⁷⁹ Em sua crítica à *CartaCapital*, Rosane Pavam (ao elucidar, um ano a frente, as repercussões do filme) questiona o papel da literatura nos tempos atuais: “Voltou-me a metáfora bélica do inglês. As bombas explodiam ao longe, mas o condutor do tanque não as via, distraído que estava ao ouvir o barulho do próprio veículo. Uma bomba como ‘Tropa de Elite’ foi detonada ao lado de alguns desses espectadores meninos. Agora eles sabem que vivem uma guerra. Mas por que o ‘Tropa’, filme de qualidade e gosto discutíveis, os fez perceber isto, e não um grande livro escrito por um artesão das palavras e do pensamento? Porque os livros talvez tenham perdido a função de emocionar e de ligar um ser humano a outro, como o filme fez. Mudaram os veículos que operam a comunicação e a transformação”. PAVAM, Rosane. *Pede pra sair*. **CartaCapital**, São Paulo, Editora Abril, Cultura, 21 fev. 2008 [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/pede-pra-sair>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

²⁸⁰ Personagem inspirado no Deputado Estadual Marcelo Freixo, na sequência fílmica recebe o nome de Diogo Fraga.

segundo marido de sua ex-mulher e constantemente entram em atrito, apesar de se ajudarem em certo ponto da narrativa.

Desse ponto de vista, não há como negar que *Tropa de Elite* conseguiu suscitar no cenário nacional um grande volume de discussões, adquirindo defensores e contrários ao argumento sustentado na urdidura da película. Tal reconhecimento também pode ser visualizado na quantidade de premiações recebidas. Somente no Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro de 2008 recebeu nove prêmios em diferentes categorias, entretanto já havia sido consagrado em fevereiro como melhor filme em Berlim.

Tem pré-estreia em 25 de abril 2008 no Festival Internacional de Tribeca, no bairro homônimo de Nova York (EUA). Daniel Bergamasco reporta a pré-estreia na *Folha de São Paulo*: “Com os 750 ingressos esgotados e uma fila para lista de espera formada com duas horas de antecedência, o longa ‘Tropa de Elite’ teve na noite de anteontem sua primeira exibição pública nos EUA, no Festival Tribeca, em Nova York”.²⁸¹ A estreia nos EUA só ocorre no segundo semestre do mesmo ano. Sobre ela, Manohla Dargis pública:

In classic exploitation flick fashion, “Elite Squad,” a relentlessly ugly, unpleasant, often incoherent assault on the senses from Brazil — and the baffling winner of this year’s top prize at the Berlin Film Festival — wants to have its grinding violence and sanctimony too. The director is the promising José Padilha, here belly-flopping into fiction after soaring high in “Bus 174,” the powerful 2002 documentary he made with Felipe Lacerda about a desperate hijacking by a Rio slum dweller. Clearly taken with the lower depths, Mr. Padilha has returned to Rio’s homegrown war zones, this time armed with a screenplay he wrote with Rodrigo Pimentel and Bráulio Mantovani, the author of “City of God,” the art-house-meets-grindhouse hit that clearly inspired this one.²⁸²

²⁸¹ BERGAMASCO, Daniel. No Tribeca, sala lotada aplaude *Tropa* sem grande ênfase. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 26 abr. 2008.

²⁸² “Em uma clássica exploração do filme da moda, ‘Tropa de Elite’, o constante feio, desagradável, com muitas cenas de ataques incoerentes sobre os sentidos do Brasil — e o vencedor desconcertante do prêmio deste ano no Festival de Cinema de Berlim — quer ter sua hipócrita e esmagadora violência. O diretor é o promissor José Padilha, aqui novato em ficção depois de ter voado alto em ‘Ônibus 174’, o poderoso documentário de 2002 que fez com Felipe Lacerda sobre um sequestro desesperado feito por um morador da favela carioca. Claramente tomado pela maior profundidade, Padilha retornou ao Rio seu terreno caseiro das zonas de guerra, desta vez armado com um roteiro que ele escreveu com Rodrigo Pimentel e Bráulio Mantovani, autor de ‘Cidade de Deus’, a arte-caseira-encontra-grindhouse que claramente o inspirou”. [Nota de tradução: *GrindHouse* é o título de um filme do gênero horror de Quentin Tarantino e Robert Rodriguez]. DARGIS, Manohla. At Home in a War Zone. **The New York Times**, 18 set. 2008. [versão online] [Traduzido] Disponível em: <<http://movies.nytimes.com/2008/09/19/movies/19elit.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

Na matéria noticiada por Dargis há uma advertência quanto à classificação etária para maiores de 17 anos devido, principalmente, às cenas de violência “‘Elite Squad’ is rated R (Under 17 requires accompanying parent or adult guardian) for ultraviolence”.²⁸³ A violência, enquanto mercadoria da indústria cinematográfica, não é nenhuma novidade. Aliás, desde antes da estreia do filme, a rede Globo viu no sucesso de *Padilha* uma possibilidade para a elaboração de um seriado com temática semelhante. Em fevereiro de 2008, Daniel Castro reporta à *Folha de São Paulo* que a emissora vence a disputa contra a rede Record,²⁸⁴ comprando o direito de adaptarem a obra para um seriado televisivo.²⁸⁵

Segundo a revista *IstoÉ* “A intenção da Globo era mesmo adaptar *Tropa de Elite* para a televisão, mas o projeto não foi adiante porque os produtores do filme decidiram fazer uma sequência da história policial”,²⁸⁶ conforme afirma o diretor José Alvarenga Jr. Impossibilitada de ter a equipe de *Padilha* na elaboração do seriado, no mês da pré-estreia estadunidense, a Rede Globo passa a exibir série policial *Força-tarefa*, estrelada pelo ator Murilo Benício no papel de um íntegro tenente.

A personagem principal, Tenente Wilson, trabalha para a corregedoria e, tal qual o Capitão Nascimento, é incorruptível. Seus valores morais são ainda maiores, pois, na versão da rede Globo, o herói não tem a perspectiva pessimista da imobilidade do sistema. Seus dilemas têm natureza psicológica envolvendo problemas de ordem ética, devido ao forte caráter da personagem. Ao contrário de Nascimento, a matéria vinculada pela *IstoÉ* afirma que o herói da Globo terá um compromisso com a lei, algo que os diferencia. Ao ser questionado se seu personagem seria um novo Capitão Nascimento, Murilo Benício responde:

²⁸³ “‘Tropa de Elite’ é classificação R (Menores de 17 precisam estar acompanhado de seus pais ou adulto responsável) pela ultraviolência”. DARGIS, Manohla. At Home in a War Zone. **The New York Times**, 18 set. 2008. [versão online] [Traduzido] Disponível em: <<http://movies.nytimes.com/2008/09/19/movies/19elit.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

²⁸⁴ A emissora Record produziu, em 2012, *Fora de Controle*, seriado de temática policial feito em quatro episódios.

²⁸⁵ Com a vitória da rede Globo, a Record incita uma polêmica sobre o direito de exibição do filme: “A Record diz que os direitos são dela, uma vez que tem exclusividade com a distribuidora Universal. Mas os produtores dizem que a exclusividade não abrange filmes nacionais”. CASTRO, Daniel. Globo vence Record e leva ‘Tropa de Elite’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 18 fev. 2008.

²⁸⁶ CAPITÃO NASCIMENTO ZERO dois. **IstoÉ Independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 2057, 15 abr. 2009. [Entrevista com Murilo Benício] [versão online]. Disponível em: <http://www.istoec.com.br/reportagens/11517_CAPITAO+NASCIMENTO+ZERO+DOIS?pathImage ns=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 13 mar. 2013.

Não tem nada a ver uma coisa com a outra. O Capitão Nascimento é um soldado e o Tenente Wilson se preocupa muito mais com a investigação do que com o embate. A maior característica do Wilson é seguir as leis à risca. Ele jamais praticaria um ato de tortura, por exemplo.²⁸⁷

A terceira e última temporada de *Força-tarefa* termina no final de 2011, devido à baixa audiência e ao envolvimento de Benício com o projeto da novela *Avenida Brasil*.²⁸⁸ Em junho desse ano, o canal Fox anuncia a inclusão em sua programação de um seriado policial chamado “*9mm: São Paulo*”. Ambientado na capital paulista, com a perspectiva da Polícia Civil, trata-se de um seriado investigativo em que os policiais trabalham entre a linha tênue da legalidade e da violência. Contudo seu prospecto é o inverso do BOPE, uma vez que não são altamente treinados ou fortemente equipados para invadir o campo inimigo. A força da Civil é mostrada como falha, despreparada, impotente, mal treinada e corrupta.²⁸⁹ O seriado teve sua primeira temporada exibida em 2009, ficando suspenso durante dois anos quando, em 2011, apresenta sua segunda e última temporada.

Sob esse prisma, observa-se que o grande sucesso de *Tropa de Elite*, tanto no mercado informal, quanto nas bilheterias do cinema, não se encerra em si mesmo, influenciando a produção de seriados e toda uma gama de produtos vendáveis e disponibilizados para o consumo de seus fãs. Apesar do ano de 2007 não ter sido um dos melhores para o cinema nacional,²⁹⁰ *Tropa de Elite* mostra-se como uma das obras cinematográficas mais lembradas das últimas décadas, tanto pelo público em geral como pelos críticos de cinema.

²⁸⁷ CAPITÃO NASCIMENTO ZERO dois. **IstoÉ Independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 2057, 15 abr. 2009. [Entrevista com Murilo Benício] [versão online]. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/11517_CAPITAO+NASCIMENTO+ZERO+DOIS?pathImage ns=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 13 mar. 2013.

²⁸⁸ Cf. SÉRIE “FORÇA-TAREFA” não terá continuação na Globo. **TVI Audiência**, 12 Nov. 2012. Disponível em: <<http://tviaudiencia.blogspot.com.br/2011/11/2012-serie-forca-tarefa-nao-tera.html>>. Acesso em: 05 Fev. 2013.

²⁸⁹ NEVES, Lucas. Série é ambientada na polícia paulista. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 10 jun. 2008.

²⁹⁰ “O problema é que apenas ‘Tropa’ e ‘A grande família, o filme’ (2,03 milhões) atingiram o sete dígitos de público. Segundo a Filme B, o número de pagantes para os filmes nacionais deve fechar o ano com pouco mais de dez milhões, o que equivale a cerca de 12% do mercado”. MIRANDA, André. Oito estreias e cinco novas salas no Rio chegam em momento de pessimismo para indústria... O Globo, Rio de Janeiro 25 dez. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/oito-estreias-cinco-novas-salas-no-rio-chegam-em-momento-de-pessimismo-para-industria-4131706>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acho que o 'Tropa' além dos méritos artísticos que tem, talvez já seja o filme pós-retomada que mais suscitou debates, a começar pela questão da pirataria, exaustivamente discutida. E não vejo, no Brasil de hoje, debate mais importante do que violência e segurança pública.

Wagner Moura – *O Globo*

Tropa de Elite não rompe com o movimento cinematográfico iniciado nos anos de 1990, a *Retomada*. Um dos objetivos da produtora Zazen é discutir os problemas sociais, o que dialoga diretamente com a Lei Rouanet (Lei nº 8.313/91) que, no Art.7º, prevê “A SEC/PR estimulará, através do FNC, a composição, por parte de instituições financeiras, de carteiras para financiamento de projetos culturais, que levem em conta o caráter social da iniciativa”. Não obstante, seus projetos tanto documentaristas como os de ficção obtiveram recursos públicos para execução.

O administrador, cineasta, produtor José Padilha estreia na ficção e, como aponta a Revista Variety dos EUA, já em 2008, entre a lista restrita dos dez diretores que deveriam ser notados no mundo.²⁹¹ Apesar disso, a publicação traz um artigo que tece críticas fortes e desfavoráveis ao filme, assim como fez grande parte da recepção internacional. Quanto a isso Padilha comenta:

Eu fiquei chateado, é claro. E os americanos de fato não entenderam o filme. Tanto que perguntavam por que aqueles policiais trabalhavam numa oficina. As críticas foram todas negativas. Depois de uma segunda exibição [com legendas em inglês], as críticas melhoraram muito.²⁹²

Na exibição ocorrida em Berlim, a cópia exibida apresentou diversos problemas nas legendas. Diante do ocorrido, foi feita uma tradução simultânea, que conforme o diretor, dificultou a compreensão do filme. Contudo não ofuscou a sua qualidade.

O mercado cinematográfico ouviu a Variety e o destaque que o diretor recebeu lhe rendeu um convite da produtora MGM (Metro-Goldwyn-Mayer) para dirigir um *remake* do clássico da ação *Robocop* (1987), adaptação de uma ficção científica

²⁹¹ ARANTES, Silvana. “‘Tropa’ gera mais ódio que amores em Berlim”. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E3, 13 fev. 2008.

²⁹² Id.; BERGAMO, Mônica. Missão Cumprida. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E1, 18 fev. 2008.

futurística ambientada em 2029 e com lançamento programado para 2014. Atualmente, concomitante a esse projeto, já é cotado como o provável diretor de *The Brotherhood* da Warner Bros. Pictures.²⁹³

Não somente as grandes produtoras internacionais notaram o talento do novato diretor. Apesar de sua trajetória (pré *Tropa de Elite*) ser alicerçada na produção de documentários – traço perceptível quando se analisa seu produto inacabado (versão pirata), antes das últimas edições da grande equipe técnica que contava – não há como negar que sua incursão e estreia na direção de obras ficcionais não poderia ter sido melhor. Aliás, esse sucesso chama a atenção no meio cinematográfico, fazendo com que a Globo Filmes, que havia recusado participar do primeiro projeto, coproduzisse a sequência da série *Tropa de Elite 2*.²⁹⁴

A despeito da vasta repercussão midiática, pouco foi abordado sobre os elementos estéticos/artísticos do filme. De maneira geral, estes aspectos foram apenas elogiados, sem uma verticalização das questões. Na verdade, a crítica recaiu sobre a polêmica suscitada pelas temáticas e argumentos abordados. Dentre eles, talvez um dos mais debatidos, tenha sido a questão da precariedade da Segurança Pública. Existe um grave problema nessa área que ultrapassa as instituições de segurança e se agrava com a corrupção do judiciário, algo que é melhor aprofundado no segundo filme da série, quando são explicitadas as inúmeras arbitrariedades do sistema.

O filme possui um recorte pontual, afinal escolhe a perspectiva do policial do Rio de Janeiro e acaba por centrar-se nas peculiaridades dos problemas locais. Contudo, a raiz do conflito não está restrita ao Rio, pois os problemas da segregação social, da brutalidade, dos genocídios étnicos, do direito a vida desigual perpassa todo o território nacional. Marcelo Ninjo, ao noticiar sobre a revisão dos direitos humanos no Brasil, feita pela ONU, comenta com base no relatório oficial:

²⁹³ Cf. *ROBOCOP* DIRECTOR JOSE Padilha Adapting Dirty Cop Drama *The Brotherhoods* [Diretor de *Robocop* José Padilha está adaptando um drama de policiais corruptos *The Brotherhoods*]. **Internet Movie Data Base**, Estado Unidos, 10 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.imdb.com/news/ni51024752/>>. Acesso em 14 mar. 2013.

²⁹⁴ Neste filme Padilha toma todas as precauções para que a pirataria do anterior não ocorresse novamente, além de um grupo muito restrito de pessoas que obtiveram acesso a ilha de edição Pimentel fala a Super Interessante sobre o custo da operação preventiva: “Os gastos com segurança foram estimados em R\$ 150 mil, custo 200 vezes mais baixo que o prejuízo do primeiro filme”. SVARTMAN, Maurício. Os inimigos agora são os piratas. **Super Interessante**, São Paulo, Editora Abril, Filmagem/Segurança, nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/como-bope-virou-maquina-guerra-623257.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

Embora reconheça “esforços feitos para reformar o Judiciário e aumentar sua eficiência” a ONU diz que continua preocupada com a “interferência” da corrupção na Justiça brasileira. Com base numa inspeção mais recente, do ano passado, a organização observa que a violência atinge, sobretudo a camada mais humilde da população “Em 2007, o relator especial sobre execuções extrajudiciais, sumárias e arbitrárias observou que o homicídio era a principal causa de mortes entre pessoas com idade entre 15 e 44, com 45 mil a 50 mil homicídios cometidos todo ano” diz o documento. “As vítimas são, em sua maioria, jovens do sexo masculino, negros e pobres”.²⁹⁵

A revista *Veja* atesta que 60% da população do Rio não confia na sua força policial, além de considerá-la propensa à corrupção. A matéria ressalta que os números sobre a violência ainda podem ser maiores, pois os moradores das favelas-campos de concentração são receosos para tratar tais assuntos e se omitem por medo da informação chegar a alguma autoridade.²⁹⁶

Sendo assim, uma das razões do volume de discussões suscitadas se dá pela notoriedade das temáticas que Padilha escolhe: a chegada do Papa no primeiro e a “CPI das milícias” no segundo, ambos temas polêmicos e que de fato ocorreram na história recente nacional. Deixando-se de lado os dramas pessoais e a construção das personagens que são ficcionais, a tessitura dos eventos possui uma relação de verossimilhança com a realidade.

Tropa de Elite suscita o debate sobre a necessidade de revisão da Segurança Pública ou da mudança da Constituição Federal, ou ambas. Em todo caso, mesmo que ocorram essas modificações, o Estado de Direito democrático no Brasil só poderá efetivamente funcionar se as leis forem cumpridas, pelo menos por seus representantes.²⁹⁷

²⁹⁵ NINJO, Marcelo. ONU aponta racismo persistente no Brasil. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A6, 27 fev. 2008.

²⁹⁶ “Em 2006, uma pesquisa feita pelo Núcleo de Pesquisa das Violências da Universidade Estadual do Rio de Janeiro com 3500 habitantes de bairros distintos da capital mostrou que 60% não confiam na polícia, que consideram corrupta e violenta. A pesquisa ainda revelou que 4,4% desse universo foi vítima de violência física, 7,1% de violência verbal e 10% de extorsão por policiais militares. [...] Em 2007, Alba realizou outro estudo similar, com foco social mais estreito: foram entrevistados 660 moradores de favelas cariocas. O dado é chocante: 52% dos entrevistados disseram já ter visto alguém pagando propina a um policial”. MEIER, Bruno; TEIXEIRA, Jerônimo. *Enfim, Um Herói do Lado Certo. Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2190, ano 43, n. 45, p. 124, 10 nov. 2010. [Entrevista com comandante Paulo Henrique Moraes.]

²⁹⁷ “A anistia Internacional afirma que, com a Constituição de 1988, o Brasil adotou ‘as leis mais progressistas para proteção dos direitos humanos da América Latina’. ‘No entanto, persiste um enorme fosso entre o espírito dessas leis e sua implementação’, diz a organização”. NINJO, Marcelo.

Não é para menos o volume de discussões geradas. Se o primeiro filme, com seus 2,5 milhões de espectadores, pode ser considerado um grande sucesso de bilheteria,²⁹⁸ o segundo²⁹⁹ consegue ultrapassá-lo com “[...] 11.023.475 milhões de espectadores, destronando aquele que ocupava a primeira posição da lista havia 34 anos”³⁰⁰ *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (Bruno Barreto, 1978). *Tropa 2* consagra-se como o filme mais visto do cinema nacional.³⁰¹

Neste, a personagem de Wagner Moura não é mais chamada de “anti-herói com muito caráter”,³⁰² a *Veja* o recebe como sendo “O Primeiro Super-Herói Brasileiro”, título de capa da edição 2190. Uma mudança significativa na maneira na sua interpretação. Os argumentos para sua mitificação são muitos: “Nascimento é irredutível em seu repúdio a corrupção, seja ela praticada pelo soldado da PM ou pelo secretário de Segurança do estado. E essa pureza brutal fez dele um verdadeiro herói nacional”.³⁰³ Comentários similares encontram-se também na *CartaCapital*:

[...] aptidões fantásticas que caracterizam a personagem, por sinal, dignas de um Capitão América nos tempos áureos do gibi [...] Nascimento é o simétrico oposto do clássico anti-herói tupiniquim; ele

ONU aponta racismo persistente no Brasil. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A6, 27 fev. 2008.

²⁹⁸ Enquete pública pela *Veja Online*: “Melhor que o primeiro 61% | Bom, mas o primeiro é melhor 14,07% | Ruim 3,0% | Ainda não assisti 22,0%”. ENQUETE: O QUE Você Achou de Tropa de Elite 2? **Veja Online**, São Paulo, 14 out. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/enquetes/celebriedades/o-que-voce-achou-de-tropa-de-elite-2/>>. Acesso em: 10 dez. 2012

²⁹⁹ “A exibição em público pela primeira vez ocorreu apenas três dias antes da estreia oficial, na sexta-feira 8, a seguros 128 quilômetros de uma metrópole perniciosa como São Paulo. Paulínia, polo de geração de cinema mais ativo no momento, foi escolhida por auxiliar na distribuição da fita. Um momento estelar, com direito a tapete vermelho, imprensa requisitada em longa espera no teatro lotado de 1,3 mil lugares e acolhida entusiasmada, simbólica do que está por vir”. MARGARIDO, Orlando. Um herói classe média. **CartaCapital**, São Paulo, editora Abril, Cultura, 12 out. 2010 [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/um-heroi-classe-media-2>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

³⁰⁰ PERES, Louise Os campeões de bilheteria. **Veja Rio**, Editora Abril, Cinema, 04 out. 2011. [versão online] Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/especial/filmes-nacionais-mais-vistos-645416.shtml>> Acesso em: 14 mar. 2013.

³⁰¹ “Quanto mais o nome do produto circular na mídia, melhor. Se é esta a regra do jogo, Tropa de Elite 2 foi hors concours. Enquanto fenômeno midiático atingiu patamares nunca antes vistos”. GILIOTI, Christian. Uma fórmula de sucesso. **CartaCapital**, São Paulo, editora Abril, Cultura, 22 nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/uma-formula-de-sucesso>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

³⁰² AZEVEDO, Reinaldo. Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 90, 17 out. 2007

³⁰³ MEIER, Bruno; TEIXEIRA, Jerônimo. Enfim, Um Herói do Lado Certo. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2190, ano 43, n. 45, p. 124, 10 nov. 2010. [Entrevista com comandante Paulo Henrique Moraes]

encarna a Lei, figura como uma espécie de implante norte-americano que promete ordem e eficiência.³⁰⁴

Bruno Meier e Jerônimo Teixeira chegam a comparar Nascimento ao herói da tragédia grega. Guardadas as devidas proporções contextuais afirmam: “O tenente-coronel Nascimento, em suma, é um herói da tragédia brasileira”.³⁰⁵ Tal heroicização é reforçada pela satisfação da classe média ao ver materializados nas telas seus desejos: “A cena em que o tenente-coronel encarnado por Wagner Moura mói de pancada um político ficha-suja foi aplaudida vigorosamente em todos os lugares”.³⁰⁶

O argumento do ataque aos políticos corruptos não foi exclusivo da *Veja*. Eduardo Escorel, em matéria publicada na revista *Piauí*, comenta a relação do sucesso do filme com a insatisfação popular com a política e a respectiva proximidade do lançamento filmico com as eleições:

Favorecido pelo acaso de ter estreado no início do segundo turno da eleição presidencial, *Tropa de Elite 2* trata de segurança pública e corrupção, temas na ordem do dia. Espectadores-eleitores, cientes da obrigação de votar no final de outubro, parecem ter encontrado no filme a representação da sua descrença na política e nos políticos. Indo ao encontro desse sentimento, *Tropa de Elite 2* talvez tenha aberto o caminho do sucesso – antes do exercício compulsório do voto, nada como a pausa que diverte.³⁰⁷

Seja pela proximidade com as eleições ou pela vasta polêmica disseminada já no primeiro filme – que fez com que o título fosse já conhecido por muitos brasileiros – ou seja, pelo grande herói que a revista *Veja* pretendeu criar, não há como negar que seu sucesso e aceitação foram inquestionáveis. No segundo filme, Capitão Nascimento não mais tortura, só amplia os batalhões do BOPE e os equipa melhor³⁰⁸ para continuarem a

³⁰⁴ GILIOTI, Christian. Uma formula de sucesso. *CartaCapital*, São Paulo, editora Abril, cultura, 22 nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/uma-formula-de-sucesso>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

³⁰⁵ MEIER, Bruno; TEIXEIRA, Jerônimo. Enfim, Um Herói do Lado Certo. *Veja*, São Paulo, Editora Abril, ed. 2190 – ano 43 – nº 45, p. 124, 10 nov. 2010. [Entrevista com comandante Paulo Henrique Moraes]

³⁰⁶ Ibid.

³⁰⁷ ESCOREL, Eduardo A Pausa Que Diverte. *Piauí*, São Paulo, Editora Abril, Cultura, ed. 50, nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-50/questoes-cinematograficas/a-pausa-que-diverte>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

³⁰⁸ Em 2012 o BOPE já opera com tecnologia de espionagem área: “No IME, os protótipos ganharam um apelido – são os morcegos. Pintados de preto e já com o decalque do Bope nas asas, atingem a velocidade de 120 quilômetros por hora. Entre hélice e cauda, medem 1,20 metros. A meio quilômetro acima do nível do mar, tornam-se quase invisíveis. Decolam por impulso manual, e é com as mãos

fazer o que protagonista fez por anos antes de atingir a posição de Subsecretário de Inteligência da Secretaria Estadual de Segurança Pública, o que não significa dizer que a personagem se tornou mais humana, na verdade continua a infringir a lei providenciando, por exemplo, escutas telefônicas ilegais. A admiração pelo algoz e torturador continua recorrente, fato ainda preocupante, como ressalta Antônio Engelke à *CartaCapital*:

Veja afirmou que o tenente-coronel Nascimento é “um herói do lado certo” (edição 2190). É compreensível, porém lamentável, que parte dos espectadores aplaudam a brutalidade do personagem vivido por Wagner Moura. Uma pessoa amedrontada, estressada pela atmosfera urbana de violência, pode acabar apoiando soluções autoritárias e, no limite, criminosas. Mas quando uma revista importante comete o mesmo erro, o problema é de outra ordem, muito mais grave. Nascimento, embora lute contra o crime, não é um herói. É um criminoso. Em “Tropa de Elite 1”, Nascimento tortura um traficante (artigo 1º da Lei n. 9.455/97) e executa policiais corruptos (homicídio qualificado: artigo 121º, parágrafo 2º do Código Penal). No segundo filme, faz uma escuta telefônica sem autorização judicial (artigo 10º da Lei n. 9.296/96) e espanca um político [...] Adams e os “pais fundadores” dos Estados Unidos sabiam que esta tentação, a de julgar que alguns homens podem estar acima das leis, é um dos ingredientes que levam à erosão da democracia e ao autoritarismo. Sabiam também que cabe às instituições – e a imprensa é uma delas – impedir que tal sedução se instale, virando prática efetiva. Portanto, quando a maior revista de um país elogia aquilo que mais deveria criticar, é hora de voltarmos aos seus ensinamentos. [...] Heróis deixam exemplos, não rastros criminosos de sangue.³⁰⁹

Difícil estabelecer o que é mais aterrorizante: o filme com as cenas de brutalidade, violência e segregacionismo ou a sua grande aceitação junto ao público e os grandes veículos de comunicação de repercussão nacional. Lamentável ou não, a plateia se identificou com a série.

Existe um processo de retroalimentação no qual a realidade serve à ficção e, posteriormente, interfere no cotidiano criando novos hábitos e terminologias. Exemplo disso é o fato de que algumas falas do filme como “Põe na conta do Papa”, “O Sr. é um

que são recebidos de volta, operações realizáveis em espaços exíguos. [...] O controle remoto é facilmente operado por um oficial, que agirá como se fosse o piloto, recebendo imagens frontais do voo no visor de um capacete”. CARNEIRO, Felipe. Os espíões dos ares. **Veja Rio**, Editora Abril, Cinema, 01 ago. 2012. [versão online] Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/edicao-da-semana/instituto-militar-engenharia-bope-694865.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

³⁰⁹ ENGELKE, Antônio. O capitão Nascimento e o advogado John Adams. São Paulo. **CartaCapital**, Editora Abril, Sociedade, 30 nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/cacada-na-favela-da-vila-cruzeiro>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

fanfarrão” “Pede pra sair”,³¹⁰ “Essa pica não é mais minha” passaram a ser jargões da cultura popular, sobretudo no Rio de Janeiro. A transposição de realidades ocorre também no livro **Elite da Tropa 2**. A sua trama dialoga diretamente com o sucesso do primeiro filme, apresentando em seu enredo um mundo ficcional no qual *Tropa de Elite* foi igualmente exibido. Faz um jogo de sentidos, embaralha o real e o ficcional. Apropria-se do termo utilizado por Meirelles e tal qual nomeia a recepção como um fenômeno:

Mais do que êxito de público, *Tropa de Elite* virou um fenômeno, desses que não se prevêem e dificilmente se explicam. [...] Os personagens, as piadas, o vocabulário, tudo foi absorvido pela população. Passou a ser natural ouvir, nos ônibus, trens e metrô, nas feiras e supermercados, e até no Maracanã, falas do filme e refrãos que os personagens repetem em certas situações da trama. E não era preciso explicar. Todos sabiam do que se estava falando. Qual era a fonte. Quais significados. O filme foi canibalizado pela cultura popular.³¹¹

Esse fenômeno transpõe a “canibalização” da cultura popular e suscita discussões dentro da própria corporação policial. Bergamo notícia, em nota intitulada Mecânico, a preocupação de outros estados em alterarem seu modelo de manutenção dos veículos, terceirizando o serviço tal como é feito em Minas Gerais. O objetivo é acabar com as falcaturas existentes e que são semelhantes às mostradas na oficina mecânica de Neto na trama de *Tropa de Elite*.³¹² Denise Duarte, ao entrevistar Mantovani, questiona sobre o impacto que lhe causou ser um dos coroteiristas de um filme de grande repercussão, destacando, entre outros, os seguintes acontecimentos:

Também fazem parte da trajetória de *Tropa de Elite*, entre outros, aplausos ao Bope no desfile de 7 de setembro, no Rio, e o recente

³¹⁰ “O sucesso de *Tropa de Elite* transformou o Bope em um fenômeno pop. Frases como “pede para sair” se tornaram um bordão repetido à exaustão por meninos de escolas de classe média contra os colegas ou por narradores de futebol descontentes com o desempenho de algum jogador mediano”. CHEROBINO, Vinicius. Como o Bope virou uma máquina de guerra. **Super Interessante**, São Paulo, Editora Abril, Policiais/BOPE, nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/como-bope-virou-maquina-guerra-623257.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

³¹¹ SOARES, Luiz Eduardo; FERRAZ, Cláudio; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 236.

³¹² BERGAMO, Mônica. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E2, 19 nov. 2007.

suicídio, em Recife, de um policial, ainda dentro da sala de cinema, logo após o final de uma exibição do filme.³¹³

Outro indício do “efeito *Tropa*” encontra-se nos camelôs de todo o país. O mercado informal comprou a ideia e produtos vendáveis, não ligados diretamente aos produtores do filme, encontram-se à disposição dos consumidores, principalmente, os do Rio – conforme notícia a *Super Interessante*:

O símbolo do batalhão virou camiseta. E o Caveirão virou brinquedo, um fenômeno bem parecido com os carros do Rambo – que fizeram sucesso nos anos 80. No Dia da Criança deste ano, por exemplo, diversas lojas na zona comercial do Rio de Janeiro venderam o blindado de plástico estampado com um símbolo que lembrava a faca na caveira do Bope. Por R\$38, qualquer pai poderia colocar um caveirão em casa para divertir os filhos. A faca na caveira também ganhou uma versão agradável a pessoas que não se sentiriam muito à vontade com uma lâmina de verdade: uma com um sabre de luz (de Star Wars) no lugar da faca. Vendida na internet como estampa de camiseta, a imagem agradou em cheio aos fãs mais nerds, que puderam combater as forças do mal intergalácticas inspirados pela tropa de elite. Mas o pop, como já dizia Humberto Gessinger, não poupa ninguém. Ele cobra seu preço.³¹⁴

A comparação entre heróis do cinema estadunidense, como o Capitão América, Luke Skywalker, etc., foi algo recorrente nas publicações que se seguiram pós-lançamento da película. Dentre elas, a associação mais comum está entre *Tropa* e *Rambo*, devido a ambos os protagonistas possuírem arquétipos dos heróis hollywoodianos clássicos masculinistas. Na matéria supracitada, Cherobino associa a imagem do herói de *Tropa* com a do ator Sylvester Stallone, imortalizado pela sua atuação em célebres filmes do cinema de ação (como, por exemplo, Rambo). No entanto, faz uma ressalva com relação à polícia brasileira: “Os policiais de lá usam camisetas com uma caveira, duas armas e uma adaga cravada no centro. Já imaginou se os policiais de Los Angeles usassem isso? Já mostra o quão problemático é aquele lugar, [...] A diferença é que este homem, o Rambo, só existe na ficção. O Bope não”.³¹⁵

³¹³ DUARTE, Denise. Bráulio Mantovani – O Roteiro de Tropa de Elite. **Roteiros Online**, Rio de Janeiro/São Paulo, 21 out. 2007. [Entrevista Bráulio Mantovani] Disponível em: <www.roteirosonline.com.br>. Acesso em: 23 out. 2012.

³¹⁴ CHEROBINO, Vinicius. Como o Bope virou uma máquina de guerra. **Super Interessante**, São Paulo, Editora Abril, Policiais/BOPE, nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/como-bope-virou-maquina-guerra-623257.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

³¹⁵ Ibid.

Por outro lado, Stallone, apesar de não conhecer a cultura brasileira, entende que uma caveira na farda da polícia significa problemas graves em uma sociedade.

É fato que a Segurança Pública está longe de atender o que se propõe na CF. Existe um extermínio contínuo das populações de menor poder aquisitivo e a criminalidade continuamente engrossa suas fileiras recrutando crianças e adolescentes cada vez mais jovens, problema esse que não se resolve.³¹⁶

A constância do estado de guerra exprime uma adesão muito profunda no paradigma social e étnico forjado por um país que não existe mais, uma sociedade que nunca chegou a um grau aceitável de preparo e democratização, um mundo que habita no presente, o passado. A crença é de que os problemas basilares poderão ser todos resolvidos, matando-se uns aos outros, de uma vez e continuamente.³¹⁷

A guerra contra o narcotráfico pode ser extremamente lucrativa para os EUA, mas no Brasil a única coisa que ela gera é uma enorme mortalidade, segregação social e muito lucro para os autóctones corruptos que impregnam o cenário político, judiciário e integram o sistema de Segurança Pública Nacional. *Tropa de Elite* consegue por essas questões em discussão, no entanto não lhe cabe o papel de propor soluções. Este é, na verdade, da sociedade e de suas instituições.

³¹⁶ Os criminosos, em sua maioria, estão próximos a sua maioridade penal e a média carcerária hoje tem uma expectativa média de 21 a 26 anos. Cf. LUÍS MIR [entrevista]. **Roda Vida**, São Paulo, FAPESP, entrevistas, 22 nov. 2004. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/391/entrevistados/luis_mir_2004.htm>. Acesso em: 11 dez. 2012.

³¹⁷ MIR, Luís. **Guerra Civil**: Estado e Trauma. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p. 125.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILMES DA SÉRIE *TROPA DE ELITE*:

Tropa de Elite. 2007, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD.

Tropa de Elite. 2007, dir. José Padilha, [Versão pirata], AVI.

Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro. 2010, dir. José Padilha, Zazen Produções, DVD, color.

OBRAS LITERÁRIAS DA SÉRIE *TROPA DE ELITE*:

SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. [Edição de Bolso]

SOARES, Luiz Eduardo; FERRAZ, Cláudio; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa 2.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

DOCUMENTÁRIOS:

Ônibus 174. 2002 dir. Padilha e Felipe Lacerda, Zazen Produções, DVD, color.

Notícias de uma guerra particular. 1999, dir. Kátia Lund e João Moreira Salles, Vídeo Filmes, DVD.

LEIS:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0862.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19455.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1001.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del9215.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.763.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8685.htm

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1980-1988/L7209.htm

CRÍTICAS EM JORNAIS E REVISTAS:

“TROPA DE ELITE” leva 180 mil aos cinemas. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 9 out. 2007

“TROPA DE ELITE” se destaca entre material pirata apreendido em setembro. **O Globo**, [O Globo online], Rio de Janeiro, 11 out. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/tropa-de-elite-se-destaca-entre-material-pirata-apreendido-em-setembro-4148568>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

ANTROPÓLOGA ELOGIA TROPA de Elite e critica pirataria. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A11, 21 out. 2007.

ARANTES, Silvana. ‘Nós somos levados para a violência’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, p. E4, 20 set, 2007. [Entrevista com José Padilha]

_____. “‘Tropa’ gera mais ódio que amores em Berlin”. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E3, 13 fev. 2008.

_____. Caça ao Urso. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E1, 07 fev. 2008.

_____. Caso de Polícia. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E8, 18 abr. 2007. [Entrevista com José Padilha]

_____. Febre pirata, Tropa vira líder oficial. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E12, 11 nov. 2007.

_____. Filme foi mal compreendido pela crítica. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A23, 17 fev. 2008.

_____. Pirataria do filme Tropa de Elite preocupa governo. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 29 ago. 2007.

_____; BERGAMO, Mônica. Missão Cumprida. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E1, 18 fev. 2008.

AUMENTA TAMBÉM O Medo dos Brasileiros. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 82, 17 out. 2007.

AZEVEDO, Reinaldo. Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 90, 17 out. 2007.

BARRIONUEVO, Alexei; Galantemick, Mery; Schneyer, Joshua. A Violent Police Unit, on Film and in Rio's Streets. **The New York Times**, 14 out. 2007. [versão online] Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/10/14/world/americas/14tropa.html?_r=0>. Acesso em: 14 mar. 2013.

BATALHÃO DE OPERAÇÕES Policiais Especiais (PMERJ). **Wikipedia** – enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o_de_Opera%C3%A7%C3%B5es_Policiais_Especiais_\(PMERJ\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o_de_Opera%C3%A7%C3%B5es_Policiais_Especiais_(PMERJ))>. Acesso em: 14 Fev. 2013.

BERGAMASCO, Daniel. No Tribeca, sala lotada aplaude Tropa sem grande ênfase. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 26 abr. 2008.

BERGAMO, Mônica. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E2, 19 nov. 2007.

BLOCH, Arnaldo. [destaque de página]. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 05 out. 2007.

_____. 'Tropa' é fascista? **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 set. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/arnaldo/posts/2007/09/25/tropa-fascista-artigo-que-motivou-texto-de-wagner-moura-74806.asp>> Acesso em: 13 abr. 2013.

_____. Desejo de matar. **O Globo**, Rio de Janeiro 12 jul. 2007. [versão online]. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/arnaldo/posts/2008/07/14/da-idolatria-ao-capitao-nascimento-morte-do-menino-joao-roberto-113941.asp>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

BOSCOV, Isabela. Abaixo a Mitologia da Bandidagem. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 86, 17 out. 2007.

CALIL, Ricardo. “Não somos nós os fascistas”, diz Wagner Moura. **Portal UOL**, cinema, 04 out. 2007. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2007/10/04/ult4332u457.jhtm>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CALLIGARIS, Contardo. “Tropa de Elite”. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E16, 11 out. 2007.

CAPITÃO NASCIMENTO ZERO dois. **IstoÉ Independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 2057, 15 abr. 2009. [Entrevista com Murilo Benício] [versão online]. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/11517_CAPITAO+NASCIMENTO+ZERO+DO+IS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 13 mar. 2013.

CARLOS, Cássio Starling. Em Tropa de Elite, Padilha transforma a platéia em algoz. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 05 out. 2007.

CARNEIRO, Felipe. Os espões dos ares. **Veja Rio**, Editora Abril, Cinema, 01 ago. 2012. [versão online] Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/edicao-da-semana/instituto-militar-engenharia-bope-694865.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CARNEIRO, Marcelo. Missão dada é Missão Cumprida. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 83, 17 out. 2007.

CASTRO, Daniel. Globo quer tornar Tropa de Elite seriado. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 17 set. 2007.

_____. Globo vence Record e leva ‘Tropa de Elite’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 18 fev. 2008.

CHEROBINO, Vinicius. Como o Bope virou uma máquina de guerra. **Super Interessante**, São Paulo, Editora Abril, Policiais/BOPE, nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/como-bope-virou-maquina-guerra-623257.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CLAUDIO, Ivan. Tropa de elite, da pirataria as telas. **IstoÉ Independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 1987, 28 nov. 2007 [versão online] Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/7949_TROPA+DE+ELITE+DA+PIRATARIA+AS+TELAS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage> Acesso em: 14 mar. 2013

COELHO, Marcelo. Fascismo é outra história. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E12, 10 out. 2007.

COLOMBO, Sylvia. Para Salles, ‘Tropa’ segue ‘Cidade’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 22 fev. 2008. [Entrevista com Walter Salles]

CONY, Carlos Heitor. A elite e a violência, **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 29 set. 2007.

DARGIS, Manohla. At Home in a War Zone **The New York Times**, 18 set. 2008. [versão online] [Traduzido] Disponível em: <<http://movies.nytimes.com/2008/09/19/movies/19elit.html>> Acesso em: 14 mar. 2013.

DIÁRIO DE S. PAULO. Críticos paulista elegem jogo de cena melhor de 2007. **O Globo**, [O Globo Online], Rio de Janeiro 12 dez. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/criticos-paulistas-elegem-jogo-de-cena-melhor-de-2007-4134024>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

DITADOR IRAQUIANO que se manteve na presidência por 24 anos (1979 – 2003). Morto após invasão ao Iraque, e julgado pelo tribunal da ONU. **Portal G1**, Globo Notícias. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1403749-5602,00.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

DUARTE, Denise. Bráulio Mantovani – O Roteiro de Tropa de Elite. **Roteiros Online**, Rio de Janeiro/São Paulo, 21 out. 2007. [Entrevista Bráulio Mantovani] Disponível em: <www.roteirosonline.com.br>. Acesso em: 23 out. 2012.

ENGELKE, Antônio. O capitão Nascimento e o advogado John Adams. São Paulo. **CartaCapital**, Editora Abril, Sociedade, 30 nov. 2010. [versão online] Disponível em:

<<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/cacada-na-favela-da-vila-cruzeiro>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

ENQUETE: O QUE Você Achou de Tropa de Elite 2? **Veja Online**, São Paulo, 14 out. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/enquetes/celebriedades/o-que-voce-achou-de-tropa-de-elite-2/>>. Acesso em: 10 dez. 2012

ESCOREL, Eduardo A Pausa Que Diverte. **Piauí**, São Paulo, Editora Abril, Cultura, ed. 50, nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-50/questoes-cinematograficas/a-pausa-que-diverte>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

FONSECA, Rodrigo. Além de mais rentável, Tropa de Elite também é o filme brasileiro mais visto de 2007. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 nov. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/alem-de-mais-rentavel-tropa-de-elite-tambem-o-filme-brasileiro-mais-visto-de-2007-4141583#ixzz2T3iNnE8F>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

GILIOTI, Christian. Uma formula de sucesso. **CartaCapital**, São Paulo, editora Abril, cultura, 22 nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/uma-formula-de-sucesso>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

GLOBO ACUSA PADILHA de ‘lista de factoides e inverdades’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E2, 28 nov. 2007.

KLEINPAUL, Bianca; MIRANDA, André. Cópia de Tropa de elite é vendida na web polícia já tem suspeitos do crime de pirataria. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 ago. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/copia-de-tropa-de-elite-vendida-na-web-policia-ja-tem-suspeitos-do-crime-de-pirataria-4159297>> Acesso: 15 ago. 2012.

KNEIPP, Mariana; CARUSO, Marina. Batom na caveira: uma conversa exclusiva com as únicas quatro mulheres do Bope. **Marie Claire**, reportagem/entrevista, São Paulo, Editora Abril, 27 set. 2011. [versão online] Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI259459-17737,00-BATOM+NA+CAVEIRA+UMA+CONVERSA+EXCLUSIVA+COM+AS+UNICAS+QUATRO+MULHERES+DO+BO.html>> Acesso em: 14 mar. 2013.

LEITE, Virginie. Faxina Geral. **Veja**, São Paulo, 17 set. 1997. [versão online]. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170997/p_090.html>. Acesso em: 15 out. 2011.

LUÍS MIR [entrevista]. **Roda Vida**, São Paulo, FAPESP, entrevistas, 22 nov. 2004. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/391/entrevistados/luis_mir_2004.htm>. Acesso em: 11 dez. 2012.

MARGARIDO, Orlando. Um herói classe média. **CartaCapital**, São Paulo, editora Abril, Cultura, 12 out. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/um-heroi-classe-media-2>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

MEIER, Bruno; TEIXEIRA, Jerônimo. Enfim, Um Herói do Lado Certo. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2190, ano 43, n. 45, p. 124, 10 nov. 2010. [Entrevista com comandante Paulo Henrique Moraes]

MILAZZO, Daniel. Ocupação do morro do Turano, no Rio, tem troca de tiros. **Notícias Uol**, 10 Out. 2010. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/08/10/ocupacao-do-morro-do-turano-no-rio-tem-troca-de-tiros.htm>>. Acesso em: 05 Jan. 2013

MIRANDA, André. Oito estreias e cinco novas salas no Rio chegam em momento de pessimismo para indústria... **O Globo**, Rio de Janeiro 25 dez. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/oito-estreias-cinco-novas-salas-no-rio-chegam-em-momento-de-pessimismo-para-industria-4131706>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

NEGREIROS, Adriana. José Padilha. [Entrevista], **Playboy**, entretenimento, São Paulo, Editora Abril, 26 mar. 2008. Disponível em: <<http://playboy.abril.com.br/entretenimento/entrevista/jose-padilha/>>. Acesso em: 11 out. 2011.

NETO, Alexandre. Caveiras de ontem e hoje. **Repórter de Crime**, Rio de Janeiro, blog, 28 set. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/reporterdecrime/posts/2011/09/30/alexandre-neto-caveiras-de-ontem-de-hoje-408277.asp>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

NEVES, Lucas. Série é ambientada na polícia paulista. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 10 jun. 2008.

NINJO, Marcelo. Dossiê da ONU sobre tortura é preciso, afirma Vannuchi. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A8, 04 mar. 2008.

NOVAES, Tereza Tropa de Elite já foi visto por 19% dos paulistanos. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 06 out. 2007.

PADILHA, José. José Padilha: ‘Nas ruas, gato por lebre’. **O Globo**, [O Globo online] Rio de Janeiro, 28 ago. 2007. [versão online] Disponível em: <http://oglobo.globo.com/ece_incoming/jose-padilha-nas-ruas-gato-por-lebre-4158926#ixzz2SxnLflRB>. Acesso em: 15 ago. 2012.

PADILHA, José; SOARES, Luiz Eduardo. O que pode a Linguagem? **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E8, 29 set. 2007.

PAVAM, Rosane. Pede pra sair. **CartaCapital**, São Paulo, Editora Abril, Cultura, 21 fev. 2008. [versão online] Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/pede-pra-sair>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PERES, Louise Os campeões de bilheteria. **Veja Rio**, Editora Abril, Cinema, 04 out. 2011. [versão online] Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/especial/filmes-nacionais-mais-vistos-645416.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PINHEIRO, Leo. Padilha recebeu ‘aula’ de tortura durante filmagem de ‘Tropa de Elite 1’. **Veja**, Cinema, Ed. Abril, 12 out. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://Veja.abril.com.br/noticia/celebridades/padilha-recebeu-aula-de-tortura-durante-filmagem-de-tropa-de-elite-1>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PINTO, Aina. Desordem na Tropa de Elite. **IstoÉ independente**, São Paulo, Editora 3, ed. 1977, 19 set. 2007 [versão online] Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/3094_DESORDEM+NA_TROPA+DE+ELITE?pathImagens=&path=&actualInArea=internalPage>. Acesso em: 14 abr. 2013.

RAHE, Nina. O Nascimento do Capitão. **Bravo**, São Paulo, Editora Abril, ano 12, n. 158, out. 2010.

REALIDADE, SÓ a Realidade. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, 17 out 2007.

REDE CINEMARK EXIBE hoje filmes brasileiros a R\$2. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E3, 21 out. 2007.

RETRATO DA ELITE. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, p. 89, 17 out. 2007.

RIZZO, Sérgio. Edição preguiçosa enfraquece DVD oficial de ‘Tropa de Elite’. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E11, 01 mar. 2008.

ROBOCOP DIRECTOR JOSE Padilha Adapting Dirty Cop Drama *The Brotherhoods* [Diretor de *Robocop* José Padilha está adaptando um drama de policiais corruptos *The Brotherhoods*]. **Internet Movie Data Base**, Estado Unidos, 10 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.imdb.com/news/ni51024752/>>. Acesso em 14 mar. 2013.

SAMPAIO, Paulo. ‘Tropa’ e ‘Ano’ são principais vencedores. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E4, 17 abr. 2008.

SILVA, Fernando de Barros. Caveira Social. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 21 out. 2007.

SOARES, Ronaldo. Máquina Letal Contra o Crime – Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, ed. 2030, ano 40, n. 41, 17 out. 2007.

SVARTMAN, Maurício. Os inimigos agora são os piratas. **Super Interessante**, São Paulo, Editora Abril, Filmagem/Segurança, nov. 2010. [versão online] Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/como-bope-virou-maquina-guerra-623257.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

TROPA DE ELITE leva mais de 180 mil aos cinemas. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E6, 08 out. 2007.

TROPA DE ELITE’ tem pré-estréia e debate com José Padilha hoje. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, p. E5, 04 out. 2007.

XEXÉO, Artur. Tropa de elite se destaca entre material pirata apreendido em setembro. **O Globo**, [O Globo Online], Rio de Janeiro, 29 ago. 2007. [versão online] Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/xexeo-sobre-tropa-de-elite-chocante-a-plateia-4152614>> Acesso em: 13 abr. 2013

ZALUAR, Alba. Entre a Lei e a Guerra. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 08 out. 2007.

_____. Moralismo fora de lugar. **Folha de S. Paulo**, Primeiro Caderno, São Paulo, p. A2, 07 fev. 2008.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural E Sociedade**. 5. ed. Traduzido por Maria Helena Ruschel. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Regina; NAVARRO, Andrey. Tropa De Elite: Literatura, Cinema E Espaços Especiais Na Cidade Do Rio De Janeiro. **XI Congresso Internacional da ABRALIC** – Tessituras, Interações, Convergências, São Paulo, USP, p. 01, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/041/REGINA_ANDRADE.pdf>. Acesso em: 22 set. 2012.

ARANTES, Aldinéia Cardoso. **O estatuto do anti-herói**: estudo da origem e representação, em análise crítica do “Satyricon”, de Petronio e “Dom Quixote” de Cervantes. 107 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Extinção**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARAUJO, Rafael; BRANCO, Priscila A. T. A Polêmica sobre a violência em cidade de Deus e Tropa de Elite. **Aurora** – Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 5, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4536>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

ARENDT, Hannah. **Da Violência**. Tradução de Maria Claudia Drummond. Brasília: Ed. UnB, 1985.

BEATO, Cláudio. Corrupção policial. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção**: ensaios e críticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas** – Magia e técnica, Arte e política. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. V. 1. (Obras Completas)

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Agenda Brasileira**: Temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 2010 [1988].

CAMPANTE, Rubens Goyatá. O patrimonialismo em Faoro e Weber e a sociologia brasileira. **Dados** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n1/a05v46n1.pdf>>. Acesso: 20 abr. 2013.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 21 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FERES JR, João. Interesse público. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

FERRO, Marc. O colonialismo, avesso da colonização. In: _____. (Org.). **O livro negro do colonialismo**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FREITAS, Talitta Tatiane Martins. **Por entre as coxias: a arte do efêmero perpetuada por mais de Sete Minutos**. 175 f. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4 ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUIMARÃES, Juarez. Interesse público. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

HAMBURGER, Esther. Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a ideia de espetáculo. **Novos estudos** – CEBRAP, São Paulo, n. 78, jul. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000200011>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

HOBBSBAWN, Eric. Guerra e Paz no século XX. In: _____. **Globalização, democracia e terrorismo**. 4reimp. Tradução de José Viegas. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

IBGE. **Censo Demográfico 2010 – Aglomerados Subnormais (Primeiros Resultados)**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_aglomerados_subnormais.pdf>. Acesso em: 25 maio 2013.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011 – Manual de Entrevista**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/Diretoria de Pesquisas/Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2011.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – estudos culturais identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LEVI, Giovanni. **O que é ser historiador hoje?** Palestra realizada nas dependências da Universidade Federal de Uberlândia, 2012, não publicado. [Transcrito e traduzido]

MICHEL, Rodrigo C.; AVELLAR, Ana Paula. A indústria cinematográfica brasileira: uma análise da dinâmica da produção e da concentração industrial. **Revista de Economia**, Editora UFPR, v. 38, n. 1, ano 36, jan./abr. 2012.

MIR, Luís. **Guerra Civil: Estado e Trauma**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Magali Simone de. **Tropa de Elite**: espetacularização da fusão real/ficção no cinema nacional a serviço do Bope e do Ibope. 161 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010.

PAIVA, Celina M. S. de Castro. **Cinema e Filosofia uma Interlocução Possível** – A ética, a cultura organizacional e a estética da violência em filmes Clube da Luta e Tropa de Elite. São Paulo: UAM, 2009.

RAMOS, Alcides Freire. Apontamentos em torno do cinema brasileiro da década de 1990. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 23 Jan. 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/3378>. Acesso em: 20 nov. 2012.

RIBEIRO JR, Eurípedes Clementino. A incorporação da Convenção contra a tortura e outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes pelo Estado Brasileiro em consonância com a Justiça Global. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9862&revista_caderno=16>. Acesso em: 15 Jan. 2013.

SAPORI, Luís Flávio. Os desafios da polícia brasileira na implementação da ‘ordem sob a lei’. In: RATTON, José Luiz; BARROS, Marcelo. (Coords.). **Polícia, democracia e sociedade**. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2007.

SEGURANÇA PÚBLICA TEM saída: Rodrigo Pimentel atTEDxSudeste. **Youtube**, 2010, TEDxSudeste. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8xyyD-b9awE>>. Acesso em: 05 maio 2013.

SÉRIE “FORÇA-TAREFA” não terá continuação na Globo. **TVI Audiência**, 12 Nov. 2012. Disponível em: <http://tviaudiencia.blogspot.com.br/2011/11/2012-serie-forca-tarefa-nao-tera.html>>. Acesso em: 05 Fev. 2013.

SOARES, Luiz Eduardo. Crime organizado. In: AVRITZER, Leonardo; et al. (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SOUZA NETO, Cláudio Pereira de. A Segurança Pública Na Constituição Federal De 1988: Conceituação Constitucionalmente Adequada, Competências Federativas E Órgãos De Execução Das políticas. **Revista Atualidades Jurídicas** – Revista Eletrônica do Conselho Federal da OAB, Brasília, n. 1, Mar./Abr. de 2008. Disponível em: <<http://www.oab.org.br/editora/revista/0803.html>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

ZALUAR, Alba. Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano. **Galeras cariocas**: território de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

Zazen Produções, Site Oficial, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zazen.com.br>>.